

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO**

JOSÉ MARCOS GOMES DE LUNA

**SENTIDO E JOGOS DE LINGUAGEM NAS INVESTIGAÇÕES
FILOSÓFICAS**

Abril – 2009

JOSÉ MARCOS GOMES DE LUNA

**SENTIDO E JOGOS DE LINGUAGEM NAS INVESTIGAÇÕES
FILOSÓFICAS**

Dissertação elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Raul de Assis Neto e co-orientação do Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira e, apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em Filosofia Analítica.

Recife, abril de 2009

Luna, José Marcos Gomes de
Sentido e jogos de linguagem nas investigações filosóficas /
José Marcos Gomes de Luna . - Recife: O Autor, 2009.
116 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Filosofia, 2009.

Inclui bibliografia.

1. Filosofia. 2. Linguagem - Sentido. 3. Jogo – Linguagem. 4.
Wittgenstein, Ludwig. I. Título

1
100

CDU (2. Ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
CFCH 2009/59

Ata da Reunião da Comissão Examinadora para
julgar a dissertação do aluno JOSÉ MARCOS
GOMES DE LUNA deste Programa de Pós-
Graduação em Filosofia, intitulada “SENTIDO
E JOGOS DE LINGUAGEM NAS
INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS”.

Julgamento: Às treze horas e trinta minutos do dia vinte e quatro de abril de dois mil e nove, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora para julgar a dissertação “SENTIDO E JOGOS DE LINGUAGEM NAS ***INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS***”, de autoria do aluno José Marcos Gomes de Luna, deste aludido Programa de Pós-Graduação em Filosofia com a participação dos Professores FERNANDO RAUL DE ASSIS NETO (Orientador); RODRIGO JUNGMANN DE CASTRO (1º Examinador) e ÉRICO ANDRADE MARQUES DE OLIVEIRA (2º Examinador); e sob a Presidência do primeiro realizou-se a arguição do candidato. Cumpridas todas as disposições legais a Comissão atribuiu ao candidato o conceito APROVADO. Em seguida, o Prof. FERNANDO RAUL DE ASSIS NETO, Presidente da Banca Examinadora proclamou o candidato MESTRE pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. E, nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual para constar, eu, Isabel de Oliveira Soares, secretária do Mestrado em Filosofia, lavrei a presente Ata que dato e assino com quem de direito.

Recife, 24 de abril de 2009.

Isabel O. Soares
Fernando Raúl de Assis Neto
Rodrigo Jungmann de Castro
Érico Andrade Marques de Oliveira

DEDICO,

à mulher que me ensinou as primeiras, as melhores e as mais importantes palavras da minha vida: D. Nenen Campos;
ao amigo que me ensinou a ouvir os que vivem afastados da Igreja: Pe. Ramiro Ludeña;
e aos que não identificam a verdade com o que já foi dito: os que se despojam dos dogmas e arriscam viver o diálogo.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fernando Raul de Assis Neto e ao Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira agradeço a orientação desta dissertação.

Ao Bispo da Diocese de Palmares-PE, Dom Genival Saraiva de França, agradeço o apoio para que eu não interrompesse meu ministério pastoral e os mais sinceros estímulos para que eu não desistisse nas horas difíceis.

Aos amigos e amigas, do Brasil e da Itália, que me ajudaram material e intelectualmente agradeço tudo que fizeram por mim a fim de que eu pudesse realizar esta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação trata do tema do sentido e os jogos de linguagem nas *Investigações Filosóficas*, tema que julgamos de grande importância para compreender a filosofia da linguagem de Wittgenstein. O tema ainda ajuda a compreender as mudanças pragmáticas na concepção de linguagem e, consequentemente, na concepção de sentido também, que ele propõe nesse texto. Por isso, fizemos um esforço para compreender brevemente a concepção de sentido que Wittgenstein sustentou na primeira fase do seu pensamento a fim de perceber melhor a postura que ele estava abandonando e com isso iluminar a compreensão da postura que ele estava assumindo nas *Investigações*. Em seguida, abordamos o modo como as *Investigações* tratam a questão do sentido: apresentando primeiro a rejeição que elas fazem a algumas tentativas de explicação do sentido, baseadas em alguma referência externa ao uso público da linguagem. E, segundo, tentando ver se elas permitem, ainda que num único caso, distinguir o sentido do significado. Depois disso, estudamos a relação do sentido com o jogo de linguagem e, a partir deste, estudamos também as consequências semânticas do modo de pensar o sentido nesta obra. Isso nos permitiu perceber que as *Investigações* não definem o sentido, mas apresentam situações de uso dos jogos de linguagem que fazem sentido para os seus usuários em determinado contexto. Percebemos também que, ao menos num caso, as *Investigações* parecem relacionar o sentido com a finalidade dada ao uso das frases ou do jogo de linguagem e que isto põe ainda mais em evidência o aspecto dinâmico e o aspecto público do sentido. Junto a isso, percebemos ainda que uma das consequências semânticas mais importantes, do modo como as *Investigações* se referem ao sentido é que este não se mostra nos fatos, mas, no uso do jogo de linguagem, pois ele acontece no próprio uso do jogo de linguagem, que é um instrumento de comparação e não uma descrição dos fatos.

PALAVRAS CHAVES: Linguagem – Sentido – Significado – Uso – Jogo de Linguagem.

ABSTRACT

This dissertation is concerned with the topics of sense and language games in the *Philosophical Investigations*, which we believe to be really important for an understanding of Wittgenstein's philosophy of language. An inquiry into the topic also helps us understand the pragmatic changes in the conception of language and, as a result, also in the conception of sense proposed by Wittgenstein in that text. For this reason, I have made an effort to understand the view of sense held by Wittgenstein in the early stages of his thinking in order to understand better the position which he abandoned and, in so doing, to cast light on the position adopted in the *Investigations*. I then address the way in which the *Investigations* approaches the notion of sense, by first presenting its rejections of attempts to explain sense by recourse to some reference detached from the public use of language, and subsequently going on to see if it makes room, at least once, for a distinction between sense and meaning. I then study the relation between sense and language games and, on this basis, also study the semantical consequences of the way sense is treated in this work of Wittgenstein's. This made it possible for me to see that the *Investigations* does not define sense, but rather tries to present uses of language games which make sense to users in certain contexts. I also note that, at least once, the *Investigations* seems to relate sense to the ends attached to the uses of sentences or language games and that this lays still greater emphasis on the dynamic and public aspects of sense. In addition to that, I further note that one of the most important semantical consequences of the way in which the *Investigations* addresses the notion of sense is that sense is not shown in facts, but in language use, as it occurs in the very use of language games, which is a tool for comparison purposes, not for a description of facts.

KEY WORDS: Language – Sense – Meaning – Use – Language Game.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O SENTIDO NO <i>TRACTATUS</i>	16
1.1. Uma abordagem do <i>Tractatus</i> em vista do sentido	17
1.2. O sentido no <i>Tractatus</i>	21
1.3. Possibilidade de um fio condutor do sentido no <i>Tractatus</i> para o sentido nas <i>Investigações</i>	31
2. O SENTIDO NAS <i>INVESTIGAÇÕES</i>	36
2.1. A antiga teoria do sentido e o modo de conceber o sentido nas <i>Investigações</i>	37
2.2. Uma abordagem das <i>Investigações</i> em vista do sentido	44
2.3. Sobre a tentativa de definir o sentido nas <i>Investigações</i>	49
2.4. Sobre a distinção entre sentido e significado nas <i>Investigações</i>	55
2.5. Aspectos do sentido nas <i>Investigações</i>	74
2.5.1. O aspecto dinâmico do sentido nas <i>Investigações</i>	74
2.5.2. O aspecto público do sentido nas <i>Investigações</i>	79
3. O SENTIDO E OS JOGOS DE LINGUAGEM NAS <i>INVESTIGAÇÕES</i>	88
3.1. O sentido e os jogos de linguagem nas <i>Investigações</i>	89
3.2. O sentido na relação dos jogos de linguagem com o mundo factual nas <i>Investigações</i>	104
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

Parece razoável afirmar que o sentido da linguagem é um dos temas centrais na filosofia da linguagem, desde o final do século XIX. A filosofia, que durante quase todo o período moderno, esteve voltada para a pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento voltou-se também para a pergunta pelas condições de possibilidade de uma linguagem segura, capaz de evitar a queda dos falantes no fosso dos erros e das confusões. E, tendo a linguagem se tornado o foco da atenção filosófica, a noção de sentido passou a ser de fundamental importância. Pois, a pergunta pela possibilidade da linguagem, especialmente, pela possibilidade de uma linguagem segura, capaz de garantir o rigor da comunicação, entre outras, levantou a pergunta pelo sentido, quanto senso lógico ou razão de ser das proposições da linguagem. Esta preocupação filosófica com a linguagem começava a achar que não era mais suficiente apenas mostrar a articulação lógica das proposições para justificar a sua validade. Elas poderiam se articular perfeitamente segundo as leis da lógica e não terem sentido, não se referirem a nada. Era preciso, então, justificar se a proposição tem um sentido ou não, isto é, era preciso encontrar a razão de ser da proposição, aquilo que lhe garante sentido, para mostrar que ela não era um simples desvario.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um dos que se dedicaram, entre outros pontos da análise filosófica da linguagem, ao tema do sentido. Suas teorias a respeito do sentido tiveram grande repercussão no seio da filosofia do século XX e, ao que parece, ainda conservam grande vitalidade nos dias atuais. Sua primeira grande obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, apresenta uma concepção de sentido que ainda conserva forte vínculo com a tradicional filosofia da linguagem, bem como, as marcas da influência que Frege e Russell exerceram sobre ele na primeira fase de sua produção filosófica. Influência esta que, gradativamente, perdeu sua força a partir do limiar da década de 20, quando Wittgenstein começou a implementar mudanças profundas na sua concepção de linguagem e, consequentemente, na sua concepção de sentido também. Esta fase, por muitos, chamada “fase de transição”, levou-o a maturar uma nova concepção de linguagem e também um novo modo de abordagem filosófica, que o levaram a escrever as *Investigações Filosóficas* (*Philosophische Untersuchungen*), obra que reflete, praticamente, os últimos dezesseis anos de sua produção filosófica e representa um marco da sua última fase.¹ E, apesar de ter ficado

¹Assim como o *Tractatus* representa a *summa* dos primeiros trabalhos de Wittgenstein, as *Investigações Filosóficas* são a *summa* de sua ultima filosofia. ABRAMOVICH, Leia Schacher, 1999, p. 43.

em vias de impressão, inclusive com o Prefácio escrito pelo próprio Wittgenstein, só foi publicada postumamente.

Esta dissertação enfoca o tema do sentido presente nesta obra da última fase de Wittgenstein, as *Investigações Filosóficas*. O tema do sentido é de grande importância para toda a obra de Wittgenstein, especialmente para a compreensão da sua filosofia da linguagem, nas *Investigações* e também no *Tractatus*. E é sobre a noção de sentido nas *Investigações* que pretendemos nos deter atentamente aqui, apesar de procurarmos, mais adiante, recuperar de forma básica a concepção de sentido do *Tractatus*, para ter presente a posição que Wittgenstein estava tentando superar, ao escrever as *Investigações* e para ajudar na compreensão da posição defendida nesta última obra, pondo em evidência as mudanças que ele tentou realizar.

O tema do sentido é de grande importância para entendermos a concepção de linguagem defendida pelas *Investigações*. Por isso, vale a pena tentarmos analisá-lo bem. O trecho que segue, apesar de breve, é bastante apropriado para nos ajudar a fazer uma idéia da importância dada ao sentido na concepção de linguagem nesta obra. Recomenda Wittgenstein:

Veja a frase como um instrumento, e o seu sentido como o seu emprego!²

Ver a frase como um instrumento é bem diferente de vê-la como uma estrutura lógica, como defendeu o próprio Wittgenstein no texto do *Tractatus*. É possível perceber no convite que Wittgenstein faz ao leitor das *Investigações*, no texto acima, para que este “veja a frase como um instrumento e o seu sentido como o seu emprego”, tanto a peculiaridade da sua concepção de linguagem nesta obra, entendida como um instrumento e não como uma estrutura lógica, quanto a importância do sentido para este modo de conceber a linguagem. Sendo o sentido o emprego da frase, isto é, a sua utilização, *Verwendung* no texto alemão, ele é fundamental para que possamos entender que nesta obra Wittgenstein não concebe o sentido de modo logicamente determinado, mas de modo dinâmico e relativo ao emprego ilimitado das frases, dependendo da forma de vida dos falantes.

Com isso, queremos assumir que o nosso objetivo no presente trabalho será examinar o sentido nas *Investigações*, considerando o modo e o método como estas se referem a ele e, tentando entender se é possível determinar algum ponto específico que caracterize o sentido, segundo as próprias *Investigações*. Também queremos compreender que aspectos do sentido se destacam a partir do paradigma do uso sustentado por Wittgenstein nas *Investigações*, que permite falar do sentido como algo que a palavra, o proposição ou mesmo ao

² *Investigações Filosóficas*, 2005, I, § 421.

jogo de linguagem, adquirem no próprio uso que os falantes fazem do jogo de linguagem. E ainda queremos tentar examinar quais as possíveis consequências semânticas dessa noção de sentido das *Investigações*, isto é, levando em conta que o sentido se constitui no uso do jogo de linguagem, queremos tentar entender como ele se relaciona com o mundo factual.

Esses objetivos aqui pretendidos, se alcançados a contento, nos permitirão entender a posição que Wittgenstein assumiu nas *Investigações*, a respeito do sentido, nos ajudarão a entender também porque ele se afastou da antiga concepção de sentido, que havia sustentado anteriormente no *Tractatus*, buscando suplantá-las nas *Investigações* e, nos permitirão abrir novos horizontes da pesquisa com relação à análise da linguagem, permitindo-nos avançar a partir dos ganhos adquiridos.

Que caminho seguir então para tentar entender o sentido no texto das *Investigações*?

Em primeiro lugar, antes de nos adentrarmos nas *Investigações*, tentaremos apresentar a concepção de sentido do *Tractatus*, tomando-a como referência da concepção de sentido contra a qual as *Investigações* se batem e contestam radicalmente. Este passo servirá também para, em seguida, apresentar melhor a noção de sentido presente nas *Investigações*. Será isto uma digressão desnecessária? Acreditamos que não. Ao que parece, as *Investigações* têm em mira mais de um alvo, mas parece que o *Tractatus* pode ser tomado como esta pretendida referência, seja por ser ele herdeiro daquela tradição que concebia a linguagem como uma representação do mundo e que as *Investigações* tentam superar, seja porque ele mesmo é citado entre os alvos que as *Investigações* mostram interesse em superar.

Não parece coisa fácil identificar todos os alvos das *Investigações*. Esta dificuldade parece bastante aceitável quando percebemos o modo complexo como Wittgenstein procurou desenvolver suas idéias nas *Investigações*, sem precisar claramente contra quem estava se opondo. Bem no início da obra, por exemplo, ele parece estar se opondo a santo Agostinho,³ mas, ao longo do texto deixa entrever que está indo de encontro a muita gente, inclusive ele mesmo:

É interessante comparar a variedade de instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação, a variedade das espécies de palavras e de frases com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (Inclusive o autor do Tratado Lógico Filosófico).⁴

Comparar a variedade de instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação, bem como, comparar a variedade das espécies de palavras com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem é uma tarefa muito vasta e envolve muita gente. Percebe-se aí que o alvo

³ Cf. *Investigações*, I, § 01.

⁴ Idem, I, § 23.

de Wittgenstein nas *Investigações* é bastante amplo. Mas, como ele mesmo diz, entre esses alvos que ele parece ter em mira, nas *Investigações*, está ele mesmo, o autor do *Tractatus*. Por isso, julgamos perfeitamente cabível tomar o *Tractatus* como referência da concepção de sentido que, nas *Investigações*, Wittgenstein está tentando superar. Contudo, cuidaremos de não esquecer que o *Tractatus* não é o único alvo das *Investigações*.

Reforça esse modo ver, o fato de que vários parágrafos das *Investigações*⁵ remetem tacitamente o leitor ao *Tractatus* e outros parágrafos que se dirigem abertamente a muitos de seus temas e enunciados, seja porque alguns conservam estreita continuidade, seja porque o texto das *Investigações* “de várias e importantes maneiras são uma reação ao *Tractatus*, de modo que uma comparação dos dois forçosamente ilustra o que as *Investigações* têm a dizer”.⁶ Mas, não apenas ilustra, critica e supera também, como nos lembra o próprio Wittgenstein, no prefácio das *Investigações*, ao reconhecer “erros graves” no seu primeiro livro. E, ainda a este respeito, citando Malcom, sustenta Werner Spaniol que, “grande parte das *Investigações* é um ataque explícito ou implícito”⁷ ao *Tractatus*.

Não desconsideramos, contudo, que uma postura cautelosa deve ser conservada a respeito da assunção desta escolha. Uma cautela que deve servir de advertência para não perdermos de vista que não se trata de uma ligação direta entre as duas obras ou que as *Investigações* tenham o *Tractatus* como condição indispensável para se fazer entender. Mesmo com a declaração do seu autor, no Prefácio das *Investigações*, dando ao *Tractatus* a função de pano de fundo:

Há quatro anos, tive ocasião de ler novamente meu primeiro livro (o “Tratado Lógico-Filosófico”) e de esclarecer seus pensamentos. Pareceu-me, de repente, que eu deveria publicar aqueles antigos pensamentos juntos com os novos: estes poderiam receber sua reta iluminação somente pelo confronto com os meus pensamentos mais antigos e tendo-os como pano de fundo.⁸

Foi a releitura do *Tractatus*, segundo esta citação, que permitiu a Wittgenstein esclarecer seus pensamentos defendidos naquele texto e também lhe sugeriu que deveria publicar seus velhos pensamentos juntos com os novos. Pois, ainda segundo esta citação, ele percebeu que seus novos pensamentos poderiam receber sua reta iluminação somente pelo confronto com os seus antigos pensamentos, isto é, tendo-os como pano de fundo. Seria este parecer de Wittgenstein uma verdade incontestável ou estaria ele super-valorizando, de algum modo, seus antigos pensamentos? Uma coisa parece certa, a idéia de Wittgenstein de

⁵ Cf. Idem, I, §§ 23, 46, 97, 144.

⁶ GRAYLING, A.C., 2002, p. 90.

⁷ SPANIOL, Werner, 1989, p. 15.

⁸ *Investigações*, 2005, Prefácio, p. 12.

considerar o *Tractatus* como pano de fundo, que oferece a reta iluminação para compreender as *Investigações*, não é simples, nem é fácil de se aplicar. O *Tractatus* é uma obra que tem dificuldades muito peculiares e dessemelhanças muito acentuadas em relação às *Investigações* para que se possa prestar, sem maiores cuidados, à tarefa de ser pano de fundo destas últimas. Ainda que estas sejam uma obra dele mesmo. Andrew Lugg expressa muito bem essa ressalva de não tomar o *Tractatus*, simples e apressadamente, como pano de fundo das *Investigações*:

Wittgenstein diz que ajuda, quando se está lendo as *Investigações*, comparar o que ele diz com o que ele escreveu no *Tractatus*. Há muita verdade nisto e, para clarificar os novos pensamentos de Wittgenstein, eu mencionarei ocasionalmente seus velhos pensamentos. Mas, não é de modo algum óbvio que seus novos pensamentos podem ‘ser vistos na luz correta unicamente pelo contraste e tendo como pano de fundo seus velhos pensamentos’. Além do fato desconcertante de que o *Tractatus* é extraordinariamente difícil de se entender, acentuar as semelhanças e diferenças entre os dois trabalhos pode fazer a meta de Wittgenstein ter a impressão de parecer mais limitada do que é.⁹ (A tradução é nossa).

Na ótica desta citação, não é totalmente óbvio que os novos pensamentos de Wittgenstein podem ser vistos na luz correta unicamente tendo como pano de fundo seus velhos pensamentos. Estes podem ajudar, mas não significam garantia total, e nem única, para que aqueles sejam corretamente compreendidos. Além do mais, o *Tractatus* é uma obra extraordinariamente difícil de se entender e tem muitas diferenças em relação à *Investigações*. Reduzi-lo ao papel de pano de fundo destas, parece, na ótica do texto acima, dar a impressão de que a meta de Wittgenstein é menor do que realmente é, ou seja, a meta do *Tractatus* seria profundamente podada a fim de prestar-se apenas à iluminação dos novos pensamentos do seu autor.

Estas ressalvas sugerem que a chave de leitura indicada por Wittgenstein, isto é, que as *Investigações* devem ser lidas em conjunto com o *Tractatus* e tendo-o como pano de fundo, deve ser permeada de cautela. Claro, não se pode negar que, à medida que o leitor vai se adentrando nas *Investigações*, a necessidade de ter presente o que foi defendido pelo *Tractatus* cresce sempre mais a cada parágrafo, contudo, ao voltar-se para o *Tractatus*, logo perceberá que não tem diante de si um simples pano de fundo para as *Investigações* e sim uma obra que comporta grandes dificuldades e demandas para ser compreendida. Por isso, parece cabível voltar-se para ele como “pano de fundo” das *Investigações*, mas, com os devidos cuidados e ao tomarmos a concepção de sentido do *Tractatus*, como referência dos alvos que as

⁹ “Wittgenstein says it helps when reading the *Investigations* to compare what he says with what he wrote in the *Tractatus*, There is a lot of truth to this, and I shall from time to time mention Wittgenstein’s old thoughts to clarify his new one (p. x.). But it is not at all obvious that his news thoughts can ‘be seen in the right light only by contrast with and against the background of [his] old ways of thinking’. Besides the awkward fact that the *Tractatus* is extraordinarily difficult to understand, focussing on the similarities and differences between the two works can make Wittgenstein’s target seem narrower than it is”. LUGG, Andrew, 2004, p. 6.

Investigações estão contestando, bem como para uma melhor preparação para expor a noção de sentido das próprias *Investigações*, pretendemos conservar a necessária cautela para com esses detalhes da postura adotada.

Após darmos o passo inicial, com o primeiro capítulo apresentando a concepção de sentido no *Tractatus*, que também ajudará a preparar as condições para o passo seguinte, o segundo capítulo vai analisar a noção de sentido nas *Investigações*. Para isto, mostraremos, inicialmente, como as *Investigações*, se distanciam da idéia de representação do objeto como suporte para o sentido, dando a este um aspecto bastante fluido e dinâmico. Por isso, em seguida delimitaremos o nosso modo de abordar as *Investigações*, haja vista sua complexidade estrutural e a abrangência dos assuntos que elas comportam, para tentarmos concentrar a reflexão no assunto do sentido e ver se é possível encontrar algum ponto específico que caracterize o sentido em seu texto. Com isso, veremos que as *Investigações* não definem categoricamente o que é o sentido, mas, por um lado, procuram mostrar que algumas tentativas de explicar o sentido não são sustentáveis e, por outro lado, procuram mostrar exemplos de situações de uso que têm sentido segundo sua concepção de linguagem. Tentando eliminar as concepções que as *Investigações* rejeitam como tentativas de explicar o sentido, procuraremos garimpar o assunto do sentido, soerguê-lo de certo modo, para tentar entender como ele acontece no uso do jogo de linguagem. A grande dificuldade neste ponto será distinguir o sentido do significado, pois ambos acontecem no uso do jogo de linguagem. Assim, veremos se é possível encontrar uma brecha que permita distinguir sentido de significado e, em seguida, fecharemos o segundo capítulo analisando o aspecto dinâmico e o aspecto público do sentido.

No capítulo terceiro analisaremos então a relação entre sentido e jogo de linguagem, procurando entender como o sentido se constitui no uso do jogo de linguagem. Para tentar realizar este passo buscaremos uma satisfatória compreensão da noção de “jogo de linguagem” e do modo como ele se constitui, segundo as *Investigações*. Em seguida, tendo presente que as *Investigações* procuraram superar a necessidade de representação de fatos possíveis para que a proposição possa ter sentido, procuraremos entender qual é a sua base semântica, isto é, qual a relação possível entre os jogos de linguagem e o mundo factual, para tentar entender também, a partir daí, qual é a relação entre o sentido e o mundo factual.

A que conclusão esse caminho nos levará? No dizer das *Investigações*, uma multidão de sendas, a partir dessas palavras, conduzem a todas as direções¹⁰ e a linguagem se torna

¹⁰ Cf. *Investigações*, 2005, I, §§ 525, 534.

“um labirinto de caminhos; você vem de um lado e se sente por dentro; você vem de outro lado para o mesmo lugar e já não se sente mais por dentro”.¹¹ Mais do que a uma conclusão chegaremos a uma descoberta. Não a descoberta de um novo conteúdo, talvez, mas à descoberta de um novo modo de ver o assunto do sentido e, por isso mesmo, à descoberta de novas perguntas. De fato, considerando que as *Investigações* não pretendem prescrever nenhuma forma de dizer o que pode ser ou não o sentido *a priori*. E sim chamar a nossa atenção para o modo como ele se constitui no jogo de linguagem presente. Analisar o modo como este sentido se constitui para elas pode ser uma boa aplicação do adágio popular advertindo-nos que “quando não se sabe aonde chegar, pode ser muito útil saber de onde se vem”. Por isso, acreditamos que valerá a pena fazer o percurso acima exposto na intenção de tentar compreender o sentido nas *Investigações*. Se a noção de sentido, ali presente, não indicar nenhum porto seguro para atracarmos, terá sido de grande utilidade termos tentado entender o ponto de partida e o percurso feito para termos chegado à referida noção e, quem sabe, a novas dúvidas.

¹¹ Idem, I, § 203.

1. O SENTIDO NO *TRACTATUS*

Neste capítulo pretendemos apresentar o sentido no *Tractatus*, da forma mais direta e clara possível. Para isso nos move um duplo interesse. Primeiro, queremos ter presente a concepção de sentido do *Tractatus*, a fim de podermos entender melhor que postura ele estava defendendo antes de ter adotado as posições próprias das *Investigações*, em relação ao sentido. Segundo, como decorrência da clareza, seja ela grande ou pequena, que porventura essa tarefa de apresentar a concepção de sentido do *Tractatus* possa oferecer, esperamos poder entender melhor o assunto do sentido nas *Investigações*. São esses dois interesses indicados, portanto, que nos movem no presente capítulo: ter presente a concepção tractatiana do sentido, para entender melhor a posição que Wittgenstein está abandonando e apresentar melhor a que está assumindo nas *Investigações*.

O esquema de que nos serviremos para tentar conseguir os ganhos acima pretendidos será o que segue. Dividiremos o capítulo em três subtemas. No primeiro subtema, considerando a importância e o volume dos assuntos presentes no *Tractatus*, tentaremos de início delimitar o modo como pretendemos abordá-lo em vista dos fins aqui pretendidos, haja vista as diversas possibilidades de formas de leituras desta obra. Queremos deixar claro que tentaremos recortá-lo para tentar arrancar apenas a concepção de sentido presente em suas páginas.

No segundo subtema procuraremos arrancar e apresentar, do modo mais direto possível, a concepção de sentido do *Tractatus*, sem o compromisso de analisá-la minuciosamente nem de confrontá-la com o vasto volume de comentários e críticas dirigidos a ela, mas apenas querendo entender adequadamente em que consiste essa concepção de sentido e o possível ponto que levou seu próprio autor a descontentar-se com ela, inclusive, procurado superá-la nas *Investigações*.

No terceiro subtema, então, concluiremos o capítulo procurando pôr em evidência que o ponto nevrágico da concepção de sentido do *Tractatus* parece ser o postulado da idéia de que os nomes só têm significados se representarem objetos no interior da proposição e esta só tem sentido se for composta de nomes que tenham significados, isto é, que a permitam descrever um fato possível. Tal posição, ao que parece, levou a concepção de sentido a um condicionamento bastante limitado em relação ao significado dos nomes como representação dos objetos fazendo com que Wittgenstein mudasse radicalmente seu posicionamento buscando, nas *Investigações*, novas bases para a compreensão do sentido.

Até chegarmos satisfatoriamente a esse ponto para o qual acena o final do parágrafo anterior, contudo, devemos tentar realizar bem os passos que nos propomos acima. Comecemos, pois, tentando justificar o corte que teremos de fazer na abordagem do texto tractatiano, isto é, que não pretendemos dar conta de todo o *Tractatus*, mas apenas fazer uma abordagem dele em vista do sentido e depois avancemos para os passos seguintes.

1.1. Uma abordagem do *Tractatus* em vista do sentido

Neste subtema pretendemos abordar o *Tractatus* em vista do sentido apenas. Com isso, porém, não queremos dar a entender que consideramos de pouca importância as demais temáticas presentes em seu texto. Também não queremos dar a entender que o assunto do sentido esteja contido numa parte específica desta obra, isto é, numa parte logicamente articulada como, por exemplo, numa sequência de aforismos que trate unicamente do sentido. Antes, queremos dizer que vamos abordar o *Tractatus* em vista do sentido apenas, porque não vemos nenhuma dificuldade que impeça este procedimento. E queremos dizer também que temos consciência da necessidade de uma contextualização adequada do seu texto para entender, tanto que ele revela muitas influências de outros pensadores quanto para entender a interdependência do sentido com os demais assuntos que integram o conjunto do seu texto.

Realizar uma contextualização devidamente adequada, que permita situar o *Tractatus* no quadro histórico em que foi produzido, é um passo essencial para uma satisfatória compreensão do *Tractatus*. Todavia, como o nosso interesse aqui está voltado para o tema do sentido e também para evitar uma exposição demasiadamente alongada, tentaremos traçar apenas o cenário básico, porém suficiente para uma abordagem coerente da obra, que permita extrair dela apenas a concepção do sentido, sem nos determos minuciosamente noutros temas presentes em seu texto nem no vasto campo de estudos e interpretações que cobre todo o universo referente às raízes históricas do *Tractatus*.

O *Tractatus* foi concluído em 1918, mas somente em 1921 é que veio ao *lumen*, inicialmente com o título alemão *Der Satz*.¹² A Proposição. No ano seguinte, por sugestão de G. E. Moore (1873-1958), foi publicado em Londres com o título de *Tractatus Logico-Philosophicus*. Ele é considerado uma obra de difícil interpretação, tanto por ser escrito em forma aforística quanto pela complexidade de suas idéias. O caráter autofágico fazendo

¹² GARGANI, Aldo G, 2005, p. 7; Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 293.

dele uma obra que, ao final, rejeita-se a si mesma, sustentando que suas proposições são contra-sensos,¹³ semelhantes a uma escada que após permitir a subida, para além de si, deve ser deitada fora,¹⁴ pode ser um bom exemplo para ilustrar a dificuldade que envolve sua compreensão.

Segundo Paulo Roberto Margutti duas grandes linhas de interpretações do *Tractatus* podem ser distinguidas: Uma linha de caráter lógico e uma linha de caráter ético. Estas duas linhas de interpretações propostas por Margutti, permitem dividir em dois grupos os autores que mais influenciaram Wittgenstein à época do *Tractatus*, partindo das suas perspectivas de investigações: O grupo em que predomina o interesse pelas preocupações com a análise da linguagem e o grupo em que predomina o interesse pelo aspecto ético-metafísico. No primeiro grupo percebe-se uma existência de duas tendências, a que dá preferência à linguagem lógico/científica com Frege, Russell, Hertz e Boltzmann e a que dá preferência à crítica geral, cética, da linguagem com Mauthner. No segundo grupo destacam-se Schopenhauer, Weininger, William James e Tolstoi.

A primeira linha de intérpretes, segundo o esquema acima, acentua a parte predominantemente lógica do *Tractatus*, considerando subjetiva, dispensável e obscura a parte final, a que trata do ‘místico’. As idéias dos pensadores voltados para a análise da linguagem, que mais influenciaram Wittgenstein, também se fazem sentir nas páginas do *Tractatus*. Frege, Russell, Hertz e Boltzmann comungam, de certa forma, na ênfase dada à dimensão lógica da linguagem, e na confiança de que a linguagem científica pode descrever o mundo, desde que haja uma delimitação cuidadosa e rigorosa da mesma, demarcando o que pode ser dito e o que é mero devaneio, a metafísica. Por outro lado, Mauthner acentua o ceticismo exagerado¹⁵ e sustenta que é impossível à linguagem descrever qualquer coisa, pois suas certezas nada mais são do que tautologias e não há nenhuma forma lógica profunda a ser descoberta, como sustentavam os autores acima citados.

A segunda linha de interpretação acentua exatamente a parte final da obra, a que trata da ética, mas minimiza a importância da parte lógica. As características das filosofias dos pensadores de caráter ético-metafísico, que mais influenciaram Wittgenstein, revelam traços nos pensamentos do *Tractatus*, especialmente, no que concerne à idéia de uma experiência mística,

¹³ Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, pp. 30-31.

¹⁴ Cf. *Tractatus*, 6.54.

¹⁵ Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 115.

de natureza não-discursiva, inefável, no esforço de libertar-se do domínio do mundo dos sentidos a fim de atingir a contemplação, que para o *Tractatus* consiste em ver o mundo como um todo.

No que concerne ao seu lugar no campo lógico, seguindo a vertente que acentua a análise da linguagem, o *Tractatus Logico-Philosophicus* insere-se dentro do grande debate sobre os fundamentos da lógica e da matemática, que se elevou na segunda metade do século XIX¹⁶. O logicismo é uma das correntes filosóficas que emergiram dessa tentativa de busca dos fundamentos da lógica e da matemática. Ele advogou para si uma função teórica destinada à análise lógico-lingüista e clarificante dos conceitos, fazendo surgir um novo modo de filosofar que ficou conhecido como ‘método analítico’¹⁷. Contudo, Wittgenstein não procurou, no *Tractatus*, dar continuidade à busca logicista dos fundamentos da lógica e da matemática. Antes, voltando-se para a análise da linguagem, procurou ir além das preocupações com os fundamentos da lógica e da matemática,¹⁸ dedicando-se à busca das condições de possibilidades de significação da linguagem.

A análise tractatiana da linguagem inclui muitos temas para os quais não dirigiremos a atenção nesta dissertação. Nosso esforço quanto a isso consistirá em tentar extrair a concepção de sentido presente nessa análise da linguagem feita pelo *Tractatus*. Ela sugere que a linguagem tem uma estrutura lógica subjacente e entendê-la é essencial para entender o que pode ser dito e o que não pode ser dito com sentido. Qualquer tentativa de dizer algo além dos limites de possibilidades dessa estrutura da linguagem será contrassenso e abuso na ótica tractatiana. Assim, a crítica, que antes de Wittgenstein era voltada para a busca das condições de possibilidades do conhecimento, volta-se agora, com o *Tractatus*, para a busca das condições de possibilidades da linguagem¹⁹ pela análise lógica da sua estrutura. Essas condições estão ligadas ao sentido, por isso tentaremos comprehendê-la, mas não nos seus detalhes nem em aspectos que possam levar a outros temas. Queremos nos deter apenas no que conduz à tentativa de responder à pergunta: Mas, afinal, o que é o sentido no *Tractatus*?

A pergunta pelo sentido no *Tractatus* é o que realmente interessa neste capítulo. Contudo, antes de nos voltarmos para ela devemos dizer que mais um corte precisa ser feito na nossa abordagem do texto *Tractatus*, além do corte temático, a fim de nos

¹⁶ GARGANI, Aldo G, 2005, p. 7.

¹⁷ Idem, p. 14.

¹⁸ O logicismo afirma que não há diferença entre a lógica e a matemática, que esta nasce a partir daquela. No *Tractatus*, são apresentadas diferenças entre uma e outra e não há elementos que permitam dizer que a matemática nasce da lógica. Elas parecem, antes, constituir linguagens independentes, cada uma das quais mostrando a realidade à sua maneira. PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 228.

¹⁹Cf. Idem, 1998, p. 144.

liberarmos, para tentar encontrar apenas a sua concepção de sentido. Trata-se do estilo aforístico com que o *Tractatus* foi escrito. Ele se presta a vários tipos de abordagens e queremos destacar isto para esclarecer que também nós estaremos fazendo uma determinada delimitação do seu texto. Não tentaremos seguir nenhuma seqüência numérica da estrutura dada por seu autor nem sugerida por algum comentador, mas tentaremos rastrear a concepção de sentido indo diretamente aos aforismas que tratam dele.

Julgamos este procedimento necessário, uma vez que parece possível fazer várias leituras do texto tructatiano. Esta variedade de tipos de abordagem que parecem possíveis no *Tractatus* está ligada ao próprio modo como Wittgenstein tentou estruturá-lo e sugeriu que ele fosse considerado. Escreve ele, em nota de rodapé, ao numerar o primeiro aforismo do *Tractatus*:

Os decimais que numeram as proposições destacadas indicam o peso lógico dessas proposições, a importância que tem em minha exposição. As proposições n.1, n.2, n.3, etc. são observações relativas à proposição nº n; as proposições n.m.1, n.m.2, etc. são observações relativas à proposição nº n.m; e assim por diante.²⁰

Muitos desafios vêm à tona quando se tenta aplicar essa instrução de Wittgenstein. O que dá o peso lógico de uma proposição? O simples fato de estar numa numeração posterior à proposição que lhe antecede? O aforismo n.m.2 elucida o aforismo n.m.1 ou o aforismo n.1? O que dar o peso lógico em relação a um e a outro aforismo neste caso? Tentemos entender o que ele está dizendo nesta passagem, procurando exemplificar seu esquema com as próprias proposições do *Tractatus*. Assim, a primeira proposição, a de nº 1, que diz: “O mundo é tudo que é o caso”, no esquema proposto por Wittgenstein acima, é elucidada pela proposição 1.1, que diz: “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”; mas a proposição 1.11, que diz: “o mundo é determinado pelos fatos, e por serem todos os fatos” a quem elucida? Ao aforismo 1.1 ou ao aforismo 1? E essa dificuldade cresce com o aumento da numeração dos aforismos seguintes. Por isso, como nota Urbano Zilles, “esta associação de idéias a números não é sem problemas” porque, continua ele no mesmo texto, “o sistema de numeração dos aforismos indica diversos planos possíveis de leituras e movimentos diferentes”.²¹ E Gertrud E. M. Anscombe insiste:

O *Tractatus* não é apresentado em uma ordem de demonstração das premissas; se nós desejamos encontrar a base para suas teses, nós devemos olhar no meio não no início.²² (A tradução é nossa)

²⁰ *Tractatus*, 1. nota de rodapé.

²¹ ZILLES, Urbano, 1991, p. 33.

²² The *Tractatus* is not presented in an order of demonstrations from premises; If we want to find the grounds for its contentions, we must look in the middle and not at the beginning. ANSCOMBE, G. E. M., 1959, p. 18.

Para Anscombe, que foi amiga próxima de Wittgenstein, o *Tractatus* não apresenta uma ordem de demonstração das premissas. Se desejarmos entender a base de suas teses devemos olhar no meio e não no início dele. Em que ponto, exatamente, do meio ela está se referindo, não nos interessa agora. O que queremos evidenciar com suas palavras é a dificuldade de encontrar uma ordem de demonstração, um caminho seguro de interpretação, e isto se deve à variedade de possibilidades de abordagens que o estilo aforístico do seu texto provoca nos leitores. Com isso, queremos também justificar porque estamos tentando empreender aqui mais esta delimitação do texto tractatiano, referente à seqüencia dos aforismos, em vista da extração da sua concepção de sentido, ou seja, queremos fazer esta delimitação por necessidade nossa, mas queremos esclarecer que as possibilidades de poder contar com diversas abordagens, como se acenou acima, indicam que o procedimento que estamos adotando para esta abordagem do *Tractatus*, procurando nos colocar além do seu esquema de numeração, na tentativa de cavar apenas o assunto do sentido, é um procedimento sustentável.

Agora que procuramos mostrar que o nosso interesse não se dirige à variedade de interpretações históricas do *Tractatus*, nem à diversidade de temas que ele aborda, nem mesmo para uma leitura esquemática que busque algum tipo de encadeamento numérico dos seus aforismos, mas, apenas para o esforço de detectar e apresentar do modo mais direto possível a sua concepção de sentido, voltaremos nossa atenção para este ponto que é decisivo para este capítulo. No subtema seguinte, portanto, tentaremos apresentar o que é o sentido no *Tractatus*.

1.2. O sentido no *Tractatus*

O *Tractatus* assumiu uma posição bem definida a respeito do sentido. Vamos tentar entendê-la, sem a preocupação de alcançar uma exposição minuciosa dos seus detalhes e sem a preocupação de confrontar essa exposição da sua concepção de sentido com as críticas e questionamentos dos comentadores, isto é, sem nos preocuparmos em dialogar nesse momento com a vasta bibliografia voltada para esta concepção de sentido presente no *Tractatus*.

Uma boa porta de entrada para começar a entender a concepção de sentido do *Tractatus* pode ser o aforismo que segue:

Só a proposição tem sentido; é só no contexto da proposição que um nome tem significado.²³

A posição assumida nesse aforismo é bastante direta, embora não seja tão simples entendê-la. Ela estabelece que só a proposição tem sentido e que os nomes têm significado, apenas no contexto da proposição. A primeira pergunta que vem à tona para quem deseja entender o sentido no *Tractatus*, diante dessa categórica afirmação distinguindo claramente sentido de significado e situando-os em esferas bem distintas, claramente delimitadas, dentro da linguagem é: o que justifica essa distinção? E a resposta do *Tractatus* é que essa distinção se justifica pela função lógica que a proposição e os nomes desempenham na linguagem. Diz Wittgenstein:

Situações podem ser descritas, não nomeadas. (Nomes são como pontos, proposições são como flechas, elas têm sentido.).²⁴

Os objetos, só posso nomeá-los. Sinais substituem-nos. Só posso falar sobre eles, não posso enunciá-los. Uma proposição só pode dizer como uma coisa é, não o que ela é.²⁵

Os aforismos citados acima mostram porque para o *Tractatus* só a proposição tem sentido e os nomes têm significados. Porque a função lógica da proposição é diferente da função lógica dos nomes. A proposição tem sentido porque ela descreve uma situação, isto é, um fato, existente ou possível. Ela é, para usar a terminologia da analogia citada acima, como uma flecha: tem um alvo. Ela diz como a coisa é e não o que ela é. Mas, com o nome é diferente. O nome representa o objeto no contexto da proposição, não o descreve. O nome substitui o objeto. É por isso que o *Tractatus* diz que “um nome toma o lugar de uma coisa, um outro, o de outra coisa, e estão ligados entre si, e assim o todo representa – como um quadro vivo – o estado de coisas”.²⁶ Mas, se a proposição é como uma flecha que se dirige a um alvo pelo encadeamento dos nomes e estes, por sua vez, substituem as coisas, formando um estado de coisas, perguntamos: O que é mesmo o sentido da proposição para o *Tractatus*?

O sentido da proposição, segundo o *Tractatus*, não pode ser descrito, ele não pode ser posto em palavras. E a razão para isto é uma razão lógica, a proposição não pode representar o seu próprio sentido porque o seu sentido é, exatamente, aquilo que ela deseja afirmar, ou negar, isto é, o sentido da proposição é o que ela procura exprimir. Por isso, ele não pode ser dito. Diz o *Tractatus*:

²³ *Tractatus*, 3.3.

²⁴ Idem, 3.144.

²⁵ Ibidem, 3.221.

²⁶ Ibidem, 4.0311.

A proposição mostra seu sentido. A proposição mostra como estão as coisas se for verdadeira. E diz que estão assim.²⁷

A proposição mostra o seu sentido, ela o exibe. Ela mostra como as coisas se passam, caso ela seja verdadeira, e se as coisas não se passam como ela mostra, isto é, caso ela não seja verdadeira, ela mostra como as coisas são possíveis. Portanto, o sentido, segundo o *Tractatus*, não pode ser dito, ele pode ser mostrado. Nesse caso, o que é mostrar para o *Tractatus*?

Não pretendemos aqui apresentar minuciosamente este conceito, mas, apenas, compreendê-lo o suficiente que para entender porque a proposição não diz, apenas mostra o seu sentido. Mostrar, para o *Tractatus*, grosso modo, é exibir, expor à vista, apontar. Trata-se de um conceito muito decisivo nas páginas do *Tractatus*. Para este, vários elementos da realidade, segundo sua concepção, não podem ser ditos, apenas podem ser mostrados como, por exemplo, a forma lógica da proposição, o sentido da proposição, a significância dos nomes e, entre outros, o místico. Por isso, insiste o *Tractatus*, “a proposição mostra o seu sentido”,²⁸ isto é, ela aponta aquilo que diz. Apontar aquilo que diz, para o *Tractatus*, consiste em dizer como as coisas estão, se a proposição for verdadeira, ou dizer como é possível as coisas se apresentarem, se ela descreve um fato possível. Porque, “só fatos podem exprimir um sentido, uma classe de nomes não pode”.²⁹

Uma vez que o sentido da proposição, para o *Tractatus*, é sua concordância e discordância com as possibilidades de existência dos estados de coisas que ela afirma ou nega no espaço lógico, somente os fatos possíveis podem mostrar o que a proposição aponta. Se não há nenhum fato possível que expresse o que a proposição afirma, ela não tem sentido ou é um contra-senso.

As proposições sem sentido (*Sinnlos*), para o *Tractatus*, são, por exemplo, as tautologias e as contradições. Elas revelam os casos limites possíveis de realizar as operações lógicas com as proposições que têm sentido. Como diz Luiz Henrique L. dos Santos, as tautologias e as contradições “estão precisamente na fronteira que separa a combinação logicamente relevante”,³⁰ isto é, elas são uma combinação legítima de sinais, elas realizam uma possibilidade sintática, mas elas não têm sentido porque não delimitam nenhuma região do espaço lógico. As tautologias são sempre verdadeiras e as contradições são sempre falsas. Falta-lhes a condição de bipolaridade que caracteriza a proposição com sentido.

²⁷ Ibidem, 4.022.

²⁸ Ibidem, 4.021.

²⁹ Ibidem, 3.142.

³⁰ SANTOS, Luiz Henrique Lopes, Ensaio Introdutório, 2008, p. 88.

Quanto aos contra-sensos, sua falta de sentido decorre da incapacidade exibida por um sinal proposicional para exercer uma função simbólica. Continuando com a anuência de Luiz Henrique L. dos Santos, “um contra-senso não chega a ser uma proposição”, segundo os critérios tractatianos, porque “ao menos uma de suas partes não realiza nenhuma possibilidade sintática”.³¹ É o caso das chamadas “proposições” da ética, da religião e da filosofia. Elas tentam dizer o que não pode ser posto em palavras, porque também não constitui nenhum fato possível. Elas não somente carecem de sentido, mas elas são contra-sensos (*Unsinn*).

Vamos frisar bem isto: a proposição só tem sentido quando descreve um fato possível. Um fato constitui-se de um ou mais de um estados de coisas possíveis. Por isso, a totalidade dos fatos, existentes e possíveis, naquilo que o *Tractatus* chama de espaço lógico forma o mundo.³² Conseqüentemente, a proposição com sentido é aquela que se refere a um fato possível, no espaço lógico. Luiz Henrique L. dos Santos corrobora isto na sua introdução ao *Tractatus* com uma clareza exemplar:

O princípio da independência do sentido implica que toda proposição enuncia a realização de uma possibilidade que se define como tal independentemente de qualquer pressuposto factual que alguma proposição pudesse anunciar – uma possibilidade que recolhe num espaço de possibilidades, o *espaço lógico*, cuja existência e constituição independe inteiramente da ocorrência de qualquer fato que uma proposição pudesse descrever.³³

O princípio da independência do sentido, a que se refere esta citação, sustenta que o sentido da proposição não depende da existência factual daquilo que ela afirma. Seu sentido depende da possibilidade de que possa ocorrer ou não no espaço lógico aquilo que ela afirma. Disso decorre também a tese da bipolaridade. Segundo ela a proposição com sentido só pode ser verdadeira ou falsa, uma terceira possibilidade fica totalmente excluída. Ela tem que apontar para aquilo que ela diz, por isso ela não pode ser uma dedução. Claro, o que ela diz pode ocorrer factualmente ou não, mas, tem que ser possível. Por isso, ela será verdadeira se a situação descrita existir factualmente e será falsa se não existir. Contudo, isto não quer dizer que a proposição falsa não tem sentido. Diz o *Tractatus*:

O complexo só pode ser dado por meio de sua descrição, e ele será ou não conforme. A proposição em que se fala de um complexo será, caso ele não exista, não um contra-senso, mas simplesmente falsa.³⁴

A proposição falsa não é sem sentido nem é um contra-senso. Sua falsidade consiste em não existir factualmente aquilo que ela afirma, mas ela continua a ter sentido porque

³¹ Idem, p. 88.

³² *Tractatus*, 1.13.

³³ SANTOS, Luiz Henrique Lopes, Ensaio Introdutório, 2008, p. 56.

³⁴ *Tractatus*, 3.24.

constitui uma possibilidade no espaço lógico. Além do mais, argumenta Wittgenstein, “pode-se *tirar conclusões* (grifo do tradutor) de uma proposição falsa”.³⁵ De novo, percebe-se em ação o princípio da independência do sentido da proposição em relação à sua verdade ou falsidade. A proposição não tem sentido por ser verdadeira, por existir factualmente, mas sim por descrever um fato possível. De modo semelhante, uma proposição não é um contra-senso por ser falsa, por não existir factualmente aquilo que ela afirma, pois mesmo sendo falsa ela continua a afirmar um fato possível no espaço lógico. A proposição será um contra-senso, como já dissemos acima, quando não descrever nenhum fato possível, como ocorre, por exemplo, com as proposições da metafísica.

Voltemos agora a atenção para a constituição da proposição com sentido. Como é que se constitui logicamente a proposição com sentido, isto é, aquela que descreve um fato possível? A proposição com sentido pode ser complexa ou elementar. As proposições complexas são compostas de proposições elementares e têm sentido se suas proposições elementares descrevem estados de coisas e/ou suas possibilidades de formar fatos. Afirma o *Tractatus*:

A proposição que trata do complexo está em relação interna com a proposição que trata da parte constituinte desse complexo.³⁶

A proposição complexa é figura de um fato complexo. Ela está em relação interna com as proposições elementares que descrevem os estados de coisas componentes do fato complexo. Assim, analisar a proposição complexa que tem sentido é analisar se as proposições elementares que a constituem têm sentido. Mas, como se constata se as proposições elementares têm sentido? Analisando se elas descrevem estados de coisas possíveis. Considerando, porém, que as proposições elementares e os estados de coisas ainda se decompõem em elementos mais simples. É preciso, pois, descer ao último degrau da estrutura lógica da proposição e perguntar a Wittgenstein: mas, afinal, qual é a base da proposição elementar e qual é a base dos estados de coisas? Elas e eles ainda se subdividem? Vejamos como o *Tractatus* procura responder a essas perguntas:

A proposição elementar consiste em nomes. É uma vinculação, um encadeamento de nomes.³⁷

No estado de coisas os objetos se concatenam como elos de uma corrente.³⁸

Por esses dois aforismos citados se pode perceber que, para o *Tractatus*, as células básicas da proposição elementar são os nomes e as células básicas dos estados de coisas são os objetos. A proposição elementar é uma vinculação, um encadeamento de nomes, como diz o

³⁵ Idem, 4.023.

³⁶ Ibidem, 3.24.

³⁷ Ibidem, 4.22.

³⁸ Ibidem, 2.03.

aforismo 4.221, em ligação imediata. E os estados de coisas também são encadeamentos de objetos ligados como elos de uma corrente, de forma imediata. Tanto os nomes quanto os objetos são indivisíveis, não admitem mais nenhuma subdivisão. Eles formam a base de toda a estrutura da proposição com sentido. A análise da proposição termina no nome e o nome se apóia no objeto que representa, não há nenhuma outra base ulterior. Diego Marconi comenta que as relações de articulação entre os nomes estão para as relações entre os objetos designados. Diz ele:

As proposições elementares são conexões de sinais simples, os nomes (4.22), cada um dos quais designa um objeto; as relações entre os nomes estão para as relações entre os objetos designados.³⁹ (A tradução é nossa)

Se as proposições elementares são conexões de nomes e cada nome designa um objeto, como sustenta também a citação acima, então parece justo dizer que a base de apoio da proposição elementar é o nome e a base de apoio do nome é o objeto. Este ponto é muito importante e deve ser bem frisado: A proposição elementar afirma assertoricamente a existência de um estado de coisas possível, porque ela é composta de nomes, em combinação imediata, que representam, respectivamente, os objetos que compõem o estado de coisas que ela afirma. E, como lembra a citação acima, as relações entre os nomes estão para as relações entre os objetos designados. Ou seja, a proposição tem a mesma multiplicidade lógica do estado de coisas que ela descreve. Cada elemento da situação corresponde diretamente aos nomes que a compõem. E isto é possível porque, como se viu, os nomes representam os objetos.⁴⁰

Agora, os nomes só expressam um significado no contexto da proposição, isolados não dizem nada. Fazer com que eles designem corretamente é tarefa da lógica. Ela tem que cuidar de si, por isso, tem que cuidar para que todo sinal possível também possa designar. Neste caso, ela não pode “dar a um sinal um sentido errado”,⁴¹ isto é, não pode usar o mesmo sinal para significar objetos diferentes. Porque se “corretamente introduzidos os sinais lógicos, já se teria com isto introduzido também o sentido de todas as suas combinações; portanto, não apenas ‘p v q’, mas também ‘~(p v~q)’, etc”.⁴² Do contrário, se os sinais não são corretamente introduzidos, tudo que haverá é confusão, pois nenhum sinal deve ser estabelecido sem que se saiba o que lhe deve corresponder.⁴³

³⁹ Le proposizioni sono connessioni di segni semplici, i nomi (4.22), ciascuno dei quali designa um oggetto; Le relazioni tra i nomi stanno per le relazioni tra gli oggetti designati. MARCONI, Diego, 2002, p. 34.

⁴⁰ *Tractatus*, 4.21 – 4.221.

⁴¹ Idem, 5.4732.

⁴² Ibidem, 5.46.

⁴³ Cf. Ibidem, 5.5542.

Voltaremos ainda a pensar sobre a importância capital do nome na estrutura lógica da proposição com sentido. Antes, porém, queremos enfatizar um pouco mais a semântica do *Tractatus*, ou seja, queremos enfatizar um pouco mais a relação entre a proposição e os fatos, visando com isto ilustrar ainda melhor a sua concepção de sentido. E faremos isso apreciando a teoria tractiana da figuração, que alguns costumam chamar de teoria pictórica.⁴⁴ Ela também revelará que a base da figuração consiste em elementos simples que são os constituintes fundamentais do afigurado.

Para melhor compreender a idéia tractiana da figuração é importante salientar, como advertem alguns⁴⁵, a ambigüidade do termo que Wittgenstein usa para falar de imagem. O termo alemão *Bild* significa ‘imagem’, ‘figura’, ‘figuração’, ‘quadro’, ‘pintura’, ‘gravura’, ‘retrato’. Acrescente-se a isto o fato de que no aforismo 4.01 ele equipara *Bild* a *Modell*, modelo. A atenção a esta abrangência do termo evitará que se tome a palavra ‘imagem’, na teoria pictórica, apenas no aspecto de imagem física, figura de objetos sensíveis, mas, como representação da situação no espaço lógico.

A figuração mantém uma rigorosa correspondência com a realidade porque, sustenta o *Tractatus*, aos objetos correspondem, na figuração, os elementos da figuração. Assim como, na figuração, os elementos estão uns para os outros de determinada maneira, também as coisas estão umas para as outras na realidade. Diz o *Tractatus*:

Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras. Essa vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura; a possibilidade desta, sua forma de figuração.⁴⁶

A estrutura da figuração conserva também a possibilidade de correspondência ou não com o afigurado. Por isso, sustenta o *Tractatus*, “o que a figuração representa é seu sentido”. A tentativa de figurar o que não é possível como fato, por exemplo, será contra-senso. Mas, voltando à afirmação da estreita correspondência entre os elementos da figuração e as coisas afiguradas, destacados no texto acima, paira ainda a pergunta pela garantia de tal rigor. O que há em comum entre a figuração e a realidade para que haja tão rigorosa relação? O que possibilita que a figuração represente verdadeira ou falsamente a realidade?

Wittgenstein responde à pergunta pela correspondência entre a figuração e os fatos dizendo que: “O que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurá-la à sua

⁴⁴ Consideramos esta expressão como sinônimo de ‘teoria da proposição como modelo do fato’. PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 157, nota nº 15.

⁴⁵ Cf. GLOCK, H. J., 1998, p. 350; PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 158, nota 17.

⁴⁶ *Tractatus*, 2.15.

maneira – correta ou falsamente – é sua forma de afiguração”.⁴⁷ A forma, portanto, é aquilo que, no dizer dele, há em comum entre a figuração e o que ela afigura. É ela, que possibilita às coisas serem representadas por figurações e que possibilita a existência de uma identidade de estrutura entre uma figuração e o que ela figura.⁴⁸

A teoria da figuração, portanto, leva o *Tractatus* a uma peculiar postura semântica: A proposição é uma figuração do fato, representa-o no espaço lógico, porque ambos compartilham a mesma forma lógica. Por isso, sustenta o *Tractatus*, a análise da forma lógica da proposição revela também a forma lógica do fato e a estrutura lógica da linguagem revela a estrutura lógica do mundo. Mas, diante disso, não se pode deixar de perguntar: Quais são mesmo os elementos constituintes da linguagem e os elementos constituintes do mundo que implicam no sentido? Afinal, a possibilidade de figurar um fato, que François Schmitz, comentando como Wittgenstein se baseou no caso de um tribunal para elaborar a teoria da figuração, chama de ‘figuratividade’, assenta-se, em última instância, na possibilidade de que ele possa ser analisado nos seus mínimos elementos:

A “figuratividade” de um fato–figura, como o do tribunal parisiense, repousa em última instância sobre a possibilidade de se fornecer uma análise completa dele que revele os elementos simples últimos que designam diretamente os objetos simples últimos que constituem o fato. Ao final da análise, a figura à qual se chega é uma combinação determinada de elementos simples que estão no lugar de objetos simples existentes, combinação que pode ou não estar realizada.⁴⁹

A ‘figuratividade’ a que se refere o texto acima está assentada na possibilidade de se fornecer uma análise completa que revele os elementos simples que designem os objetos simples que constituem o fato. Ao terminar a análise se percebe que a figura alcançada é uma combinação de nomes que estão no lugar de objetos existentes, combinação esta que pode estar realizada ou não factualmente. A análise da figuração, pois, permite detectar os elementos constituintes do fato e da proposição, consequentemente, do mundo e da linguagem. Mas, quais são eles? Os elementos constituintes da linguagem são as proposições, estas são compostas de proposições elementares que, por sua vez, são combinações de nomes em ligação imediata. De modo semelhante, os elementos do mundo são os fatos, estes são compostos de estados de coisas que, por sua vez, são compostos de objetos e estes são simples, não se subdividem mais. A simetria na correspondência entre a estrutura da linguagem e do mundo, postulada pelo *Tractatus*, é fundamental para entender o sentido. Grayling enfatiza a precisão com que ela se dá de forma sucinta e bastante clara:

⁴⁷ Idem. 2.17.

⁴⁸ É a forma de figuração, entendida como possibilidade de identidade de estrutura, entre uma figuração e o que ela figura, que torna possível a relação figurativa. GRAYLING, A.C, 2002, p. 60.

⁴⁹ SCHMITZ, François, 1999, p. 93-94.

Cada nível da linguagem corresponde a um nível de estrutura do mundo. Os objetos, que são os constituintes últimos do mundo, são denotados pelos constituintes últimos da linguagem, os nomes; nomes combinam-se para formar proposições elementares, que correspondem a estados de coisas; e esses últimos combinam-se para formar respectivamente proposições e os fatos.⁵⁰

Esta consideração de Grayling destaca que a análise da estrutura lógica da linguagem, segundo o *Tractatus*, revela a estrutura lógica do mundo. Só a proposição que descreve algum fato possível tem sentido. E ao descrever um fato possível ela mostra de forma especular que o mundo se estrutura como ela diz. Cada nível de linguagem, como diz o texto acima, corresponde a um nível de estrutura do mundo tendo na base, respectivamente, os nomes como constituintes últimos da proposição e os objetos como constituintes últimos do estado de coisas.

Destaquemos agora os objetos. Eles são, para o *Tractatus*, a base firme do significado dos nomes. Eles “contém a possibilidade de todas as situações”,⁵¹ as possibilidades de formar todos os estados de coisas possíveis. E isto não se dá por simples justaposição, segundo o *Tractatus*, mas, por uma relação interna, tanto que liga um objeto a outros objetos, formando estados de coisas, quanto que liga um nome a outros nomes, formando as proposições elementares. Diz Luiz Henrique L. dos Santos a este respeito:

Como as possibilidades combinatórias de um nome são propriedades internas desse nome, as possibilidades de concatenação de um objeto com outros em estados de coisas são propriedades internas desse objeto.⁵²

A ligação entre os nomes, formando proposições elementares, acontece por força interna das propriedades dos próprios nomes. E o mesmo vale para os objetos, eles se articulam formando estados de coisas a partir de suas propriedades internas. Isso também é muito elucidativo para a concepção de sentido, porque se os objetos se unem a partir de suas características internas, e os nomes que os representam também se articulam no contexto da proposição a partir de suas características internas, então o sentido das proposições elementares que eles constituem expressa, exatamente, essas propriedades internas, dos nomes e dos objetos, na articulação da proposição. Ele é um sentido necessário neste plano, não depende de nenhuma influência externa. Somente no plano da proposição que descreve um fato possível é que encontramos o princípio da bipolaridade, porque o fato não é necessário e a proposição, então, pode ser verdadeira ou falsa.

⁵⁰ GRAYLING, A. C., 2002, p. 47.

⁵¹ *Tractatus*, 2.014.

⁵² SANTOS, Luiz Henrique Lopes, Ensaio Introdutório, 2008, p. 79.

Agora fica ainda mais claro porque, para o *Tractatus*, “o postulado da possibilidade dos sinais simples é o postulado do caráter determinado do sentido”.⁵³ Se não houvesse sinais simples na base da proposição não se poderia falar de um sentido determinado. E se não houvesse uma base consistente para apoiar esses sinais simples, que são os nomes, uma base que não admite mais subdivisão e que dá significado aos nomes também não se poderia falar de sentido determinado. Essa base, onde os nomes podem pousar seu significado é o objeto. Ele é o fixo, o subsistente. Diz o *Tractatus*:

Se o mundo não tivesse uma substância, ter ou não sentido uma proposição dependeria de ser verdadeira ou não uma outra proposição.⁵⁴

Uma proposição, contudo, não depende de outra para ter sentido, ela depende da possibilidade dos estados de coisas que descreve e estes dependem das possibilidades dos objetos, isto é, da substância do mundo, que dá significado aos nomes que compõem a proposição com sentido. Os objetos do *Tractatus* são, portanto, a condição lógica que permite falar sobre o mundo com sentido. Com isso, parece que chegamos diante de um ponto crucial para a sustentação da concepção de sentido no *Tractatus*. Ao completar o movimento da análise da proposição com sentido nos deparamos com uma estrutura lógica que se apóia nos nomes como representantes dos objetos. Paulo Roberto Margutti reforça este ponto de vista de um modo bastante interessante. Diz ele:

Com efeito, a análise completa da proposição nos leva a concluir que ela se reduz aos signos simples, que constitui o que poderíamos denominar a “substância” da nossa linguagem. Eles correspondem à base imutável e permanente a partir da qual todas as proposições atômicas (ou combinações possíveis de signos simples) são geradas. Como os signos simples designam objetos simples, podemos concluir que estes últimos constituem a base imutável e permanente, a ‘substância’ mundana a partir da qual são gerados todos os fatos atômicos (ou combinações possíveis de objetos simples). Assim, de um lado, é a existência de signos simples que permite a existência de uma forma fixa para a linguagem; de outro, é a existência de objetos simples que permite a existência de uma forma fixa do mundo.⁵⁵

A análise da proposição, portanto, no dizer de Margutti, nos leva aos signos simples que se poderiam denominar a “substância” da nossa linguagem. E os signos simples, que são os nomes, correspondem à base imutável das proposições atômicas, que são as proposições elementares, as combinações possíveis de signos simples. Agora, como os signos simples designam objetos simples que formam a “substância” do mundo, como já dissemos também anteriormente, se constata que, por um lado, a existência de signos simples permite a existência de uma forma fixa para a linguagem e, de outro lado, a existência de objetos simples permite e existência de uma

⁵³ *Tractatus*, 3.23.

⁵⁴ Idem, 2.0211.

⁵⁵ PINTO, Paulo Roberto Margutti, 1998, p. 181.

forma fixa do mundo. E é isto que garante o sentido das proposições que descrevem os fatos possíveis do mundo, segundo o *Tractatus*. Mas, não se pode deixar de perguntar: A necessidade de nomes como representação dos objetos para constituir a proposição com sentido, postulada pelo *Tractatus*, não gera uma dependência muito grande para a concepção de sentido em relação à concepção de significado? Não seria este o ponto nevrálgico da concepção de sentido no *Tractatus* que levou Wittgenstein a buscar novas bases para o sentido nas *Investigações Filosóficas*?

O próximo subtema se voltará para estas suspeitas levantadas no final deste último parágrafo, pois se elas forem pertinentes, poderão oferecer, talvez, um fio condutor do sentido no *Tractatus* para o sentido nas *Investigações*.

1.3. Possibilidade de um fio condutor do sentido no *Tractatus* para o sentido nas *Investigações*

Agora que temos presente a concepção de sentido do *Tractatus* e percebemos a delicada posição que o significado dos nomes, como representação dos objetos, ocupa na base dessa concepção do sentido, vamos voltar a atenção para a suspeita de que foi essa situação de dependência dos objetos para a significação dos nomes que levou Wittgenstein a passar da concepção do sentido no *Tractatus* para a concepção de sentido das *Investigações*. Para tentar situar melhor essa hipótese, recordemos que o *Tractatus* atribui aos objetos a tarefa de ser a base e a garantia do significado dos nomes:

O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. (“A” é o mesmo sinal que “A”).⁵⁶

O nome tem significado porque ele representa o objeto. Aliás, o objeto é o significado do nome, lembra o *Tractatus*. E, como se viu no subtema anterior, só tem sentido a proposição composta por nomes que têm significado. Ora, a rocha firme, que sustenta a proposição com sentido são os objetos que dão significados aos nomes que constituem a proposição. Mas, recordemos ainda que, sendo a base de apoio da proposição com sentido, os objetos também são as condições de todas as possíveis proposições com sentido. Diz o *Tractatus*:

Se conheço o objeto, conheço também todas as possibilidades de seu aparecimento em estados de coisas. (cada uma dessas possibilidades deve estar na natureza do objeto.) Não se pode encontrar depois uma nova possibilidade.⁵⁷

⁵⁶ *Tractatus*, 3.203.

⁵⁷ Idem, 2.0123.

Como é possível ver, nessa citação, se alguém conhece o objeto conhece também todas as possibilidades dele se unir a outros objetos e com isso conhece todas as possíveis aparições desse objeto em estados de coisas, porque essas possibilidades de aparecer em estados de coisas estão no próprio objeto, são propriedades internas. Não se pode encontrar depois nenhuma possibilidade nova. E, poderíamos dizer, se alguém conhecesse todos os objetos conheceria também, pelos motivos acima expostos, todas as possíveis combinações deles em estados de coisas e com isso conheceria também todos os possíveis fatos que tais estados de coisas poderiam formar. Como a proposição é uma figuração dos fatos, conhecer todos os objetos daria a conhecer todas as proposições com sentido.

Essa concepção de sentido do *Tractatus*, tão rigorosamente lógica, tendo como ponto de apoio os objetos, como dissemos antes, parece ter sido abandonada e superada por Wittgenstein, entre outras, por duas grandes dificuldades. A primeira é a estreita dependência do sentido com relação ao significado dos nomes como representação dos objetos. E a segunda é o corte reducionista que tal dependência implica no âmbito da linguagem, decretando que outras áreas da linguagem, que não descrevem nenhum fato possível, não têm sentido. Tentaremos analisar essas duas dificuldades agora.

A dificuldade sobre a dependência do sentido em relação ao significado dos nomes como representantes dos objetos, para que a proposição possa ter um sentido determinado, revela que Wittgenstein projetou uma ligação muito estreita entre a necessidade de determinabilidade do sentido e necessidade de objetos simples para dar significado aos nomes que formam a proposição com sentido determinado. Glock faz um comentário interessante sobre isso e pretendemos examiná-lo com calma:

Wittgenstein se deu conta de que havia construído uma mitologia metafísica sobre uma base lógica: assumindo-se que são genuínas as necessidades a que os objetos supostamente deveriam satisfazer, elas não supõem a exigência de entidades existentes necessárias. (...) O fato de que um complexo se componha de partes mais simples não implica logicamente que haja partes que não admitam análises ulteriores: a análise pode se estender para sempre.⁵⁸

Esta citação de Glock apresenta, pelo menos, duas possibilidades de considerar o postulado tractatiano dos objetos simples. A primeira está explícita no texto citado e se refere ao caso de assumir como genuínas as necessidades a que os objetos simples deveriam satisfazer. A segunda não está explícita no texto de Glock, mas subentende-se facilmente que se refere ao caso de não assumir como genuínas as necessidades a que os objetos simples deveriam satisfazer, segundo a sua ótica do *Tractatus*.

⁵⁸ GLOCK, H. J., 1998, p. 269.

As necessidades que os objetos simples deveriam satisfazer, segundo o *Tractatus*, são várias e não queremos nos voltar para elas agora. O que nos interessa é que entre essas necessidades estava a necessidade de dar significado aos nomes. Por isso, vamos examinar bem essas duas possibilidades que o texto de Glock sugere. Todas duas esclarecem muito sobre as dificuldades que Wittgenstein encontrou com o postulado dos objetos simples como significado dos nomes.

A primeira possibilidade a ser considerada, partindo da citação de Glock que fizemos acima é assumir “que são genuínas as necessidades a que os objetos deveriam satisfazer”. Se essas necessidades fossem genuínas, isto é, naturais somente os objetos simples poderiam satisfazê-las e, sendo o significado uma dessas necessidades, somente eles poderiam dar significado aos nomes. Mas, continua Glock, essas necessidades “não supõem a exigência de entidades existentes necessárias”, que são os objetos simples. O que já permite suspeitar que as necessidades postuladas pelo *Tractatus*, a que os objetos simples deveriam satisfazer, não sejam genuínas.

Também parece que nesta citação Glock esteja insinuando que Wittgenstein supôs os objetos simples como entidades existentes necessárias. Não estamos interessados por esse ponto de vista aqui e por isso, não vamos discutir este lado da citação que apresentamos acima. O que queremos destacar é a referência de Glock ao aspecto lógico do postulado dos objetos simples que Wittgenstein assumiu no *Tractatus*.

Do ponto de vista lógico, afirma Glock, “a análise pode se estender para sempre”, não há nenhuma razão lógica que permita pressupor que os objetos simples tenham que ser admitidos como o ponto final da análise. Dito de outra maneira: não é uma necessidade lógica admitir que os objetos simples não comportam mais nenhuma análise ulterior porque, insiste Glock, do ponto de vista lógico a análise pode se estender para sempre.

É provável que estas observações que acabamos de fazer sejam o motivo pelo qual Glock esteja acusando Wittgenstein de ter “construído uma mitologia metafísica sobre uma base lógica”. A construção que ele ergueu sobre o postulado dos objetos simples seria, no dizer de Glock, uma “mitologia metafísica” porque estaria baseada numa crença e não numa necessidade lógica.

A segunda possibilidade a ser considerada, partindo da citação de Glock que fizemos acima é assumir que ‘não são genuínas as necessidades a que os objetos simples deveriam satisfazer’, na perspectiva tractatiana. Se estas necessidades não são genuínas, isto é, não são naturais, próprias para serem atendidas pelos objetos simples, então devemos lembrar mais uma

vez que o significado dos nomes é uma dessas necessidades. E, nesse caso, o significado não é uma necessidade genuína, isto é, natural, a que necessariamente os objetos simples têm que atender. Ora, nos parece que foi esta a descoberta de Wittgenstein. Ele percebeu que o significado não é uma necessidade genuína que somente os objetos simples podem atender. E foi isso que o fez abandonar a idéia de que a determinabilidade do sentido só é possível se os nomes representam necessariamente os objetos simples.

Pode reforçar esse ponto de vista também, a declaração que o próprio Wittgenstein faz no, prefácio das *Investigações*, dizendo reconheceu “graves erros” em relação ao que expusera no seu primeiro livro. Achamos que não seria exagero pensar que entre esses “graves erros” esteja a idéia de nomes representando necessariamente a objetos simples para que a proposição tenha sentido.

A segunda dificuldade que a dependência do sentido da proposição tem em relação à significação dos nomes como representação dos objetos, conforme postulou o *Tractatus*, é a dificuldade que se refere ao reducionismo da proposição com sentido apenas à proposição que descreve um fato possível. O comentário de Grayling é bastante elucidativo sobre este ponto. Vale a pena considerá-lo:

Pensar que a linguagem é empregada exclusivamente para fazer declarações é menosprezar uma profusão de outros usos da linguagem – como questionar, ordenar, exortar, avisar, prometer etc. Nenhum desses usos pode ser explicado em termos de descrição da estrutura da linguagem do *Tractatus* e em termos da maneira como o sentido se liga às proposições por meio da relação figurativa. Segundo o *Tractatus*, questões, ordens, promessas etc. são desprovidos de sentido porque não são proposições, nem, portanto, figurações de fatos. Mas, como essas amplas áreas da linguagem estão longe de carecer de sentido, requer-se uma teoria que possa considerá-las de forma adequada.⁵⁹

Se considerarmos, realmente, como o sentido se liga à proposição por meio da proposição figurativa, veremos que se trata da correspondência rigorosa entre os elementos da proposição e os elementos do fato que ela figura porque, como dissemos no subtema anterior, a proposição é uma figura isomórfica do fato. Cada elemento da proposição representa um elemento do fato. Mas, será que só a proposição que descreve um fato possível tem sentido? Não é radical demais reduzir a proposição com sentido a esta condição exclusiva? Por isso, afirma Grayling no texto acima, pensar que a linguagem é empregada exclusivamente para fazer declarações é menosprezar uma profusão de outros usos da linguagem, isto é, pensar que só tem sentido a proposição que descreve um fato possível, onde cada elemento da proposição deve representar um elemento do fato é reduzir desastrosamente a esfera da linguagem que pode ser considerada com sentido e

⁵⁹ GRAYLING, A. C., 2002, p. 70.

relegar à condição de sem-sentido tantas outras áreas de uso da linguagem. É afirmar, por exemplo, como destacou a citação acima, que proposições usadas para questionar, ordenar, pedir, prometer etc. não têm sentido, pois nenhum desses usos pode ser explicado em termos de descrição, uma vez que não são figurações de fatos, mas, insiste Grayling, essas amplas áreas da linguagem estão longe de carecer de sentido. Por isso, o que se requer é uma teoria que possa considerá-las de forma adequada. E, como veremos a seguir, foi o que se empenhou em fazer Wittgenstein nas *Investigações*, procurando superar a idéia de que a proposição necessita da representação de objetos para ter sentido.

As duas dificuldades que procuramos apresentar neste subtema parecem confirmar que não é descabível pensar que a idéia da necessidade de nomes como representantes dos objetos, para garantir o sentido da proposição, desencadeou algumas dificuldades para a sustentação da concepção de sentido do *Tractatus* e tais dificuldades levaram Wittgenstein a buscar um novo modo de compreender o sentido nas *Investigações*.

A esse ponto, considerando como fio condutor para passarmos do assunto do sentido no *Tractatus* para o assunto do sentido nas *Investigações*, poderíamos, então, nos perguntar: que mudanças Wittgenstein implementou nas *Investigações* para superar o postulado da necessidade de nomes como representantes dos objetos simples para garantir a precisão do sentido da proposição? Esse, contudo, será o assunto do primeiro subtema do capítulo seguinte.

Por tudo que foi dito neste primeiro capítulo, parece que podemos dizer que alcançamos, apesar dos limites, os dois ganhos que pretendíamos para poder avançar melhor, a partir de agora, na análise do sentido nas *Investigações*. Tomamos conhecimento da concepção de sentido do *Tractatus*, entendemos melhor a concepção de sentido que Wittgenstein desejava superar quando escreveu as *Investigações* e percebemos um possível fio condutor para analisar o que fez ele passar do modo como defendeu o sentido no *Tractatus* para o modo como procurou apresentar o sentido nas *Investigações*. De posse desses ganhos, que muito nos ajudarão no capítulo segundo, para o qual nos voltamos agora, tentemos entender o sentido nas *Investigações*.

2. O SENTIDO NAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*

Este capítulo tentará entender o assunto do sentido nas *Investigações*, levando em conta os resultados obtidos no capítulo anterior, que apresentou a concepção de sentido no *Tractatus* e apontou como ponto problemático para a sustentação daquela concepção a idéia dos nomes como representação dos objetos simples, como condição necessária para formar a proposição com sentido. Agora, neste segundo capítulo, vamos dirigir a atenção para o trabalho de Wittgenstein nas *Investigações*, onde ele tenta superar as dificuldades levantadas no *Tractatus* para a pertinência da concepção de sentido; depois tentaremos compreender o sentido nas *Investigações*, após a mudança de postura que ele adotou nesta obra.

Para tentar alcançar os objetivos pretendidos neste capítulo, vamos dividi-lo em cinco subtemas. O primeiro subtema explicita a mudança de postura de Wittgenstein com relação ao postulado dos objetos como base de significação dos nomes e determinação do sentido e em seguida apresenta o novo paradigma assumido por ele para dar significado e sentido à linguagem, que é o uso. Com isso, este subtema mostra que o pressuposto tractacioniano dos objetos como exigência necessária para a determinação do sentido é rejeitado e superado a partir da concepção de significado como uso da linguagem, abrindo dessa forma o caminho para nos concentrarmos na tarefa de compreender o sentido nas *Investigações*.

O segundo subtema deste capítulo esclarece o corte seletivo que faremos no texto das *Investigações*, para tentar arrancar dele apenas o assunto do sentido. Como as *Investigações* abordam vários temas de filosofia da linguagem, elas têm uma forma de disposição dos assuntos abordados extremamente irregular e se utilizam de um método de exposição *sui generis*, que evita definir qualquer um dos temas que elas tratam, tentaremos fazer um recorte no seu texto procurando garimpar o assunto do sentido em seus parágrafos para ver se conseguiremos entender como se apresenta o sentido nas *Investigações*.

No terceiro subtema, então, nos voltaremos para o assunto do sentido nas *Investigações*. Considerando que, em coerência com o seu método, Wittgenstein não define o que é o sentido, mas procura mostrar exemplos de situações em que fala do sentido, vamos dar um primeiro passo para tentar cercar o que pode ser o sentido nas *Investigações*, procurando eliminar algumas possibilidades que, segundo elas, não constituem o sentido. Isso mostrará como Wittgenstein rejeita qualquer tipo de explicação que não seja baseado no uso da linguagem e rejeita também qualquer tipo de mentalismo para fundamentar o sentido e, nos ajudará a delimitar o âmbito em que o

sentido deve ser procurado, consolidando sua postura, característica das *Investigações*, de que tanto o sentido quanto o significado se constituem no uso da linguagem.

O quarto subtema, portanto, terá de enfrentar a difícil tarefa de ver se é possível encontrar alguma brecha que permita distinguir o sentido do significado, nas *Investigações*, uma vez que os dois se constituem no uso da linguagem. Esta brecha para distinção entre sentido e significado, ao que parece, deve estar dentro da própria noção de uso. Este passo será capital para entender o que pode, especificamente, constituir o sentido no âmbito do uso e quais os seus aspectos marcantes, segundo o modo de entender das *Investigações*.

O quinto subtema, por sua vez, será dividido em dois pontos: o aspecto dinâmico e o aspecto público do sentido nas *Investigações*. Após tentarmos verificar se há uma possível distinção entre sentido e significado, a partir da noção de uso, nas *Investigações*, poderemos analisar melhor os aspectos dinâmicos e públicos do sentido nas *Investigações*. A essa altura, esperamos concluir o segundo capítulo tendo bastante claro que as *Investigações* superaram a concepção de sentido do *Tractatus* desde as bases, passando pelo seu constituir-se, até às suas características externas. E com isso estaremos em condições de avançar para o último capítulo a fim de analisar a relação entre o sentido e o jogo de linguagem, que é a forma concreta, dinâmica e pública em que se dá o linguagem no contexto em que este adquire sentido por meio do uso.

O caminho pretendido parece grande e permeado de dificuldades, mas também instigante e convidativo. Vamos tentar percorrê-lo da melhor maneira possível, passo a passo. O próximo subtema abrirá esse caminho, procurando compreender a mudança de postura de Wittgenstein nas *Investigações* em relação à sua antiga concepção de sentido. Do entendimento dessa postura, própria das *Investigações*, encontraremos o impulso indispensável para avançarmos nos passos seguintes.

2.1. A antiga teoria do sentido e o modo de conceber o sentido nas *Investigações*

As posições de Wittgenstein concernentes ao sentido, no *Tractatus*, como mostramos no capítulo primeiro, levaram à suspeita de que aquela teoria criou algumas dificuldades que tinham como base a tentativa de justificar o sentido a partir de uma relação isomórfica da proposição com o mundo, isto é, que a proposição com sentido e o fato que ela descreve compartilham a mesma forma lógica. Esta teoria tinha como implicações, entre outras, a idéia de que as proposições, em última instância, se baseiam em proposições elementares, que se

compõem de nomes, em ligação imediata e, igualmente, os fatos que elas descrevem, se baseiam em estados de coisas, que são objetos em ligação imediata. A relação postulada entre essas instâncias da linguagem e o mundo era de perfeita simetria: os nomes representam os objetos no contexto da proposição elementar que, por sua vez, descreve um estado de coisas possível. E os estados de coisas possíveis formam fatos possíveis, que a proposição descreve.

Nas *Investigações*, destaca Ivonei Grolli, “Wittgenstein superou a concepção tradicional de linguagem (essencialista), que reduzia a linguagem à designação de objetos por meio de palavras”,⁶⁰ ele rompeu com a idéia de que os nomes designam objetos simples, idéia esta que, como se viu, era fundamental para a concepção de sentido do *Tractatus*. E ao fazer isto tirou a base de sustentação daquela concepção, fazendo com que toda a construção viesse abaixo. A partir daí, nas *Investigações*, surge outra concepção de sentido muito diferente daquela tractatiana.

Isto parece confirmar a suspeita levantada ali no final do capítulo primeiro, de que a ênfase dada aos objetos simples na teoria tractatiana pode ser um fio condutor para a passagem do assunto do sentido no *Tractatus* ao assunto do sentido nas *Investigações*, tem razão de ser. Todavia, é preciso dizer como as *Investigações* procedem ao tentar realizar o citado rompimento. Como se dá, realmente, nas *Investigações*, o seu rompimento com a idéia de que os objetos simples são a base firme do significado dos nomes?

Nas *Investigações* Wittgenstein questiona a possibilidade dos nomes designarem objetos simples que não podem ser descritos. Pergunta ele: “Como acontece então que os nomes designem, propriamente, o simples?”.⁶¹ E Wittgenstein procura responder a esta pergunta, que ele mesmo se põe, apresentando a justificativa dada por Platão, citando uma passagem do *Teeteto*, que afirmava a impossibilidade de se falar explicativamente dos elementos originários que compõem as pessoas e as coisas. O texto platônico justifica que tais elementos não podem ser explicados porque eles são em si e só podem ser denominados, não há nada que se possa dizer deles além do nome, pois não é possível nenhuma outra determinação para eles. E, depois, conclui Wittgenstein: “Esses elementos originários eram também os ‘individuais’ de Russell, e também os meus ‘objetos’ (Trat. Lóg. Filos.)”⁶²

Ao equiparar aquilo que ele considerava ‘objetos’ com os ‘individuais’ de Russell e com os ‘elementos originários’ do *Teeteto*, Wittgenstein não está dizendo que continua a

⁶⁰ GROLLI, Ivonei F., 2000, em FILOSOFAZER, n.16, p. 88.

⁶¹ *Investigações Filosóficas*, I, § 46.

⁶² Ibidem, I, § 46.

sustentar sua concepção sobre tais objetos ou que deseja repropor sua concepção sobre tais objetos. No parágrafo seguinte das *Investigações* ele questiona a possibilidade de se referir a um objeto simples:

Mas quais são os componentes simples de que se compõe a realidade? – Quais são os componentes simples de uma poltrona? – As peças de madeira com as quais é montada? Ou as moléculas, ou os átomos? – “Simples” quer dizer não composto. E aí depende: em que sentido ‘composto’? Não tem sentido algum falar dos ‘componentes simples da poltrona, pura e simplesmente’.⁶³

Por que não tem sentido falar dos componentes simples da poltrona, pura e simplesmente? Porque antes de falar de algum componente simples de alguma coisa é preciso deixar claro o que se entende por ‘simples’. Se simples quer dizer não-composto então isso deve ser estabelecido antes. Mas, o que é um objeto não-composto? É preciso então deixar claro o que se entende por ‘composto’. Um tabuleiro de xadrez é composto por quadrados brancos e pretos ou pelos centímetros que compõem cada um dos quadrados que o integram? Um quadrado é um elemento simples na composição de um tabuleiro de xadrez ou é um composto formado pelos centímetros que o constituem? Depende do que os falantes tomarão como ‘simples’ e como ‘composto’. Diz Wittgenstein: “A pergunta ‘o que você vê é composto?’ tem sentido, é claro, se já está estabelecido de que espécie de composto – isto é, de que uso dessa palavra – se deve tratar”.⁶⁴

A mudança que advém para a concepção de sentido, em relação ao que disse o *Tractatus*, a partir desta posição assumida pelas *Investigações* é de grande alcance. Ao colocar como condição para falar de algo composto ou de um elemento simples, que se determine primeiro o que se entende por composto ou por elemento simples, Wittgenstein se distancia daquela posição de que um nome significa um elemento simples. Um nome, segundo as *Investigações*, não significa nada ainda, apenas no interior do jogo de linguagem em que ele é usado é que ele ganha significado. E como cada jogo determina o que é elemento e o que é composto, não é um elemento simples, fixo, que garante o significado do nome e sim o uso deste nome no jogo. Aquilo que num jogo de linguagem pode ser simples, noutro jogo pode ser composto, no entender das *Investigações*.

Uma vez superado o modelo representacionista do significado, com seu consequente modelo de sentido, as *Investigações* apresentam uma nova concepção de significado que não é mais a base do sentido. E esta nova concepção de significado vem da mudança de perspectiva na abordagem da linguagem, que não está mais presa às estruturas lógicas subjacentes, como

⁶³ Ibidem, I, § 47.

⁶⁴ Ibidem, I, § 47.

defendeu o *Tractatus*, mas que se constrói no uso. Por isso, a análise da linguagem não deve ir à procura de objetos simples para constatar o significado dos nomes, ela deve voltar-se para analisar a linguagem cotidiana e compreender seu funcionamento. Nesta nova abordagem das *Investigações* o significado passa a ser dado no uso da linguagem imersa em práticas sociais. Ele não é algo exterior à linguagem, objeto ou essência:

Quando falo de linguagem (palavra, proposição, etc.), tenho que falar a linguagem do dia-a-dia. É esta linguagem, por ventura, muito grosseira, material, para o que desejamos dizer? E como é que se forma uma outra? - e como é estranho que ainda possamos fazer alguma coisa com a nossa (...). Diz-se: O que importa não é a palavra mas o seu significado; e pensa-se no significado como se pensa numa coisa do gênero da palavra, se bem que diferente da palavra. Aqui está a palavra, aqui o significado. O dinheiro e a vaca, que com ele se pode comprar. (Mas, por outro lado: o dinheiro e sua utilização).⁶⁵

Percebe-se nesta citação que Wittgenstein, por um lado, rejeita radicalmente a idéia de que o significado seja algo que está fora do uso da palavra, como a vaca e o dinheiro com que se pode comprá-la e, por outro lado, acena para a importância do uso que pode ser dado a esse dinheiro. No caso acima, o dinheiro é a linguagem do dia-a-dia, que pode ser utilizada não com um único significado, mas de diversos modos, dinheiro que pode comprar a vaca, mas também que pode comprar outras coisas.

Assim, ao que parece, a mudança na concepção da linguagem, implementada por Wittgenstein nas *Investigações*, que o levou a outra concepção de sentido, tem mesmo em sua base o descontentamento com a sua visão sobre a relação entre linguagem e mundo, em cuja base estava a relação entre nome e objeto, como se suspeitou acima. Pelo texto que segue, parece que os Hintikkas compartilham deste modo de ver:

A mudança feita por Wittgenstein no seu paradigma de linguagem significou que as relações linguagem-mundo se tornaram um problema, quer do ponto de vista das relações nome-objeto, do ensino e do aprendizado da linguagem, quer do ponto de vista das comparações entre uma proposição e a realidade.⁶⁶

O ‘problema’ de que fala esta citação, contudo, longe de manter Wittgenstein paralisado, como se pôde perceber pelo que foi dito acima, levou-o ao confronto de suas antigas posições e fez com que ele, após o período de afastamento, voltasse à reflexão filosófica, buscando ver o problema de outra maneira. E desse retorno à filosofia, a partir de 1929, surgiu a nova abordagem da linguagem, de que se vem falando, cuja semântica não se apóia necessariamente nos fatos do mundo e cujas proposições ganham sentido pelo uso nos jogos de linguagem e não por descreverem estados de coisas possíveis.

⁶⁵ Ibidem, I, § 120.

⁶⁶ HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill, 1994, pp. 234-235.

Thin Thornton também enfatiza esta mudança de expectativa em Wittgenstein na concepção do significado como representação do objeto, da seguinte forma:

No *Tractatus*, simples nomes se ligam a partículas mundanas enquanto combinações de simples nomes representam fatos em virtude de uma forma pictórica compartilhada. Palavras significam aquilo a que se referem. (...) Wittgenstein forneceu críticas diferentes da imagem das conexões palavra-coisa, pressupostas nas *Investigações* §§1-64.⁶⁷

Analizar detalhadamente as várias críticas estabelecidas nos parágrafos supracitados à noção representacionista do significado, neste momento, alongaria desnecessariamente a presente exposição. O que desejamos aqui é apenas destacar as considerações feitas em relação à conexão palavra-coisa que, para as *Investigações*, não é uma relação necessária, como defendeu o próprio Wittgenstein no *Tractatus*, nem é apenas ostensiva, isto é, uma relação do tipo que costumam usar quando os adultos tentam ensinar a uma criança a palavra que designa um objeto. Os adultos dizem, por exemplo, “isto é uma cadeira” e mostram o objeto que costumam chamar de cadeira. Esta relação ostensiva da conexão palavra-coisa é fortemente contestada por Wittgenstein. Como destaca a citação acima, os parágrafos §§1-64 nas *Investigações* procuram demonstrar, que ela não é capaz de garantir o tipo de conexão explicativa, rigorosamente lógica, como pretendia o *Tractatus*. Ainda no dizer de Thornton:

O ponto mais importante aqui é que a definição ostensiva não pode fornecer uma base determinada para o significado porque a necessária preparação do cenário não pode ser descrita exceto em termos intencionais.⁶⁸

De fato, Wittgenstein é insistente nesse ponto de vista, as definições ostensivas dependem da interpretação dos falantes tanto quanto as outras. Ainda mais: elas podem ser interpretadas de muitas maneiras, inclusive maneiras errôneas, dependendo do contexto em que for inserida, pois elas não podem oferecer uma base determinada para o significado, uma vez que o cenário no qual ela ganha significado não pode ser descrito em termos necessários e sim em termos intencionais. Arremata Wittgenstein:

‘Nós damos nomes às coisas e por isso podemos discursar sobre elas, e no discurso fazer referência a elas.’ – Como se com o ato de dar nomes fosse dado o que faremos em seguida. Como se houvesse apenas uma coisa que se chamassem: ‘Falar das coisas’. Enquanto que com nossas frases fazemos as coisas mais diversas. Pensemos apenas nas exclamações, com suas funções tão diferentes. Água! Fora! Ai! Socorro! Lindo! Não! Você ainda está inclinado a chamar essas palavras de ‘denominações de objetos’?⁶⁹

Dar nome às coisas ainda não é determinar o que será feito em seguida, como defendeu o *Tractatus*, ali os nomes continham todas as suas possibilidades de concatenarem-se com outros

⁶⁷ THORNTON, Tin, 2007, p. 200.

⁶⁸ Idem, p. 200.

⁶⁹ *Investigações Filosóficas*, I, § 27.

formando as proposições. Mas, lembra o texto que destacamos acima, não há apenas uma coisa que possa se chamar de “falar das coisas”, as possibilidades de usar um nome dado a uma coisa são inumeráveis, elas dependem do uso que fizermos do nome nas situações mais diversas. Note-se, por exemplo, como Wittgenstein exemplifica isso mostrando palavras que cumprem diferentes funções sintáticas no texto acima: ‘água’, ‘fora’, ‘ai’, ‘socorro’, ‘lindo’. Por isso, sejamos insistentes nesse ponto, as palavras não precisam denominar ou representar objetos para terem sentido e muitas vezes não denominam nem representam, pois não é a denominação ou a representação que lhes garante o sentido. Afirma Wittgenstein: “Há uma falta de clareza sobre que papel desempenha a representabilidade na nossa investigação, e até que ponto, pois, ela consolida o sentido de uma proposição”.⁷⁰ De fato, a representação, para as *Investigações*, não é essencial para compreensão da linguagem, quando muito, ela é um modo de apresentação, ao lado de outros.

O testemunho de Grayling, a respeito da rejeição da tese tractatiana da relação entre linguagem e mundo, em cuja base se pressupunha a necessidade de objetos simples existentes, também fortalece a suspeita que levantamos de que essa idéia pode ser o fio condutor do sentido no *Tractatus* para o sentido nas *Investigações*. Diz ele:

Wittgenstein passou a rejeitar a tese do *Tractatus*, pois segundo ela o vínculo último entre palavra e mundo é a relação de denotação, em que o significado de um nome é o objeto denotado por ele. (...) Wittgenstein abre as *Investigações Filosóficas* com uma ampla refutação dela.⁷¹

Segundo seu testemunho, no pequeno texto citado, as *Investigações* procuram afrontar, já de início, o postulado dos objetos simples como, na linguagem dele, denotação dos nomes. Isso não implica atribuir nenhuma ordem de conteúdos nem de importância aos assuntos abordados nas *Investigações*, mas, por outro lado, reforça a idéia da nossa suspeita de que a insatisfação que Wittgenstein demonstrou com o postulado tractatiano da exigência de nomes como representação de objetos para determinar o sentido e o modo como ele procurou refutá-lo nas *Investigações* é perfeitamente cabível.

A mesma rejeição da idéia de um objeto simples, subsistente, como base do sentido, nas *Investigações*, vale também para a idéia de objetos compostos. O nome não tem significado porque tem um portador, seja ele simples ou composto, mas porque tem um uso:

Se morre o Sr. N.N., costuma-se dizer, morre o portador do nome e não o significado do nome. E seria absurdo falar assim, pois, se o nome deixasse de ter significado não teria sentido dizer ‘o Sr. N.N. morreu’.⁷²

⁷⁰ Idem, I, § 395.

⁷¹ GRAYLING, A. C., 1996, p. 71.

⁷² *Investigações Filosóficas*, 2005, I, § 40.

Esta citação destaca que o significado permanece mesmo depois que o seu portador deixou de existir, ou seja, mesmo o nome não tendo um objeto portador, do qual seja representante, ele pode ter significado, porque o nome nas *Investigações* não é uma propriedade do objeto, algo que lhe pertence por natureza ou uma expressão lógica do objeto, ligada umbilicalmente ao seu portador, antes, ele está numa relação de conexão tal, com o seu portador, que nada tem de necessário. Sua ligação com o portador está estreitamente unida com o seu uso:

Suponho que as ferramentas utilizadas por A na construção são portadoras de certos signos. Quando A mostra ao ajudante um desses signos, este levanta a ferramenta correspondente ao signo. É assim, e de uma maneira mais ou menos semelhante, que um nome designa uma coisa, e que se dá um nome a uma coisa.
– Será sempre útil quando filosofamos, dizermos a nós mesmos: dar nome a algo é semelhante a afixar uma etiqueta em uma coisa.⁷³

A concepção de significado das *Investigações* muda radicalmente em relação àquela que seu autor sustentou em seu primeiro livro. O significado não é mais a representação de um objeto, mas, o significado de uma palavra passa a ser o seu uso na linguagem”.⁷⁴ Como lembra a citação acima, dar nome é como fixar uma etiqueta em uma coisa. A etiqueta fixada pode até representar a coisa sobre a qual foi fixada, se seus usuários estiverem de acordo que ela assim seja considerada e usada, mas não se deve esquecer que ela foi fixada ali e, digamos assim, que não é algo que pertença à natureza da coisa sobre a qual está fixada, algo como uma propriedade interna dela.

Ao rejeitar a idéia de que os nomes significam objetos simples que constituem a base fixa do mundo, Wittgenstein alterou profundamente também a sua concepção de sentido. Este, não está mais condicionado à proposição que descreve um fato possível. Sua base agora está na própria linguagem, enquanto uso, que tem seu sentido determinado por práticas coletivas e não numa relação especular com o mundo. De fato, na abordagem das *Investigações* a linguagem é liberada da necessidade de representar objetos para ter sentido e passa a ser vista como jogos de linguagem, variados e constantemente mutáveis:

O Wittgenstein tardio sustentava que a linguagem, longe de estar de alguma forma acorrentada ao mundo dos objetos, opera livremente. Nós, não o mundo, somos os senhores. Podemos fazer com a linguagem o que quisermos. Escolhemos as regras e determinamos o que significa seguir as regras.⁷⁵

O assunto de seguir regras será tratado mais adiante, quando tratarmos da concepção de jogos de linguagem. Antes, porém, o que se deseja ressaltar é a mudança radical na relação entre a linguagem e o mundo dos objetos, defendida no *Tractatus*, que a citação acima põe em destaque.

⁷³ Idem, I, § 15.

⁷⁴ Cf. Ibidem, I, § 43.

⁷⁵ EDMONDS, David & EIDINOW, John, 2003, p. 241.

Tal mudança põe em relevo a vigorosa emancipação da linguagem em relação à tradicional necessidade de um mundo como referência implementada por Wittgenstein. Com isso, destaca também que esta emancipação resultou numa liberação do sentido da proposição em relação à tutela do significado dos termos, enquanto representantes diretos de objetos simples no contexto da proposição. E, como já se disse, esta emancipação eclodiu a partir do momento que ele superou a idéia de que os objetos simples seriam a base sólida para a proposição com sentido, porque seriam também a garantia do significado dos nomes que a constituem, como defendeu o *Tractatus*.

Agora que percebemos a mudança de paradigma, assumida por Wittgenstein nas *Investigações*, vamos começar nossa caminhada na direção da abordagem do modo como elas concebem o sentido. Levando em conta que um grande número de assuntos relativos à filosofia da linguagem é abordado pelas *Investigações* e que o seu texto não é um texto fácil de se analisar, apesar de usar uma linguagem bastante comum, temos que nos perguntar: Como é possível analisar o assunto do sentido no texto das *Investigações*? Que caminho seguir, concretamente, para alcançar este fim? O próximo subtema tentará encontrar resposta para essas perguntas, considerando melhor algumas dificuldades que envolvem a composição, o método e o estudo desta obra e, propondo um determinado modo de abordagem que nos permita ir ao encontro do assunto do sentido em meio à diversidade de assuntos que ela aborda.

2.2. Uma abordagem das *Investigações Filosóficas* em vista do sentido

As *Investigações Filosóficas*, publicadas postumamente em 1953, são consideradas por alguns como a contribuição mais importante de Wittgenstein para o desenvolvimento da reflexão filosófica.⁷⁶ Dentre o volumoso conjunto produzido por Wittgenstein, do seu retorno à atividade filosófica em 1929, até sua morte em 1951, elas são o único texto que, segundo seus amigos, ele desejou explicitamente que fosse publicado,⁷⁷ deixando preparado, até mesmo, o prefácio. Ali apontou como primeiro dos objetos abordados por sua obra o conceito de significado:

No que se segue, publico pensamentos, o assentamento de investigações filosóficas que me ocuparam nos últimos 16 anos. Elas dizem respeito a muitos objetos: ao conceito de significado, de compreensão, de proposição, de lógica, aos fundamentos da matemática, aos estados de consciência e outros.⁷⁸

⁷⁶ É convicção nossa que a contribuição mais importante de Wittgenstein para o desenvolvimento da reflexão filosófica encontra-se nas *Investigações*, em seu método peculiar, que por seu caráter adogmático, não só responde aos reclamos de nossa época, mas também nos convida à reflexão própria, ao mesmo tempo que procura auxiliar-nos nesta tarefa. SPANIOL, Werner, 1989, p. 05.

⁷⁷ Idem, p. 13.

⁷⁸ *Investigações Filosóficas*, 2005, Prefácio, p. 11.

A colocação do conceito de significado no início da lista de objetos tratados pelas *Investigações* já dá um sinal de que o assunto da significação estará entre os grandes interesses do texto. O que também permite esperar que o assunto do sentido esteja envolvido, igualmente, de forma bastante central.

O texto das *Investigações* foi escrito em linguagem simples, do ponto de vista lingüístico, com poucos termos técnicos. Mas, a forma assistemática, o uso metódico de perguntas e aparentes respostas⁷⁹ e a quantidade de temas contidos no seu texto, entre eles a questão do sentido, fazem da obra um texto de difícil compreensão. Glock aponta quatro fatores⁸⁰ que parecem reunir adequadamente as dificuldades de compreensão das *Investigações*. Primeiro, é o estilo aforístico e por vezes irônico, que indica uma trajetória de pensamento, mas deixa ao leitor o trabalho de percorrê-la. Segundo, é o estilo dialógico entre Wittgenstein e um ‘interlocutor’ imaginário, cujas intervenções, normalmente, são assinaladas com aspas, mas, muitas vezes o leitor é quem deve determinar quem está falando, se é Wittgenstein ou o ‘interlocutor’. Terceiro, é a falta de uma numeração linear e de uma organização de capítulos formalmente indicada. Quarto, é o fato de as *Investigações* raramente indicarem os alvos de seus ataques, a ponto de deixarem a impressão de que seu autor estar exorcizando concepções que ninguém jamais sustentou.

O esquema acima tem limites, sem dúvida, mas ajuda a ver que as dificuldades de se alcançar uma visão sistemática das *Investigações* são várias e devem ser bem consideradas. Por isso, parece-nos importante ponderar bem as dificuldades referentes à estrutura do texto, a fim de que se possa tentar mais acertadamente a escolha de um modo de abordagem eficaz em vista do assunto do sentido.

O texto das *Investigações* se constitui de duas partes: A Parte I, organizada em 693 parágrafos voltados para uma vasta seleção de temas referentes à linguagem e a Parte II, organizada em 14 capítulos marcados por números romanos. Alguns comentadores, contudo, sustentam que, apesar da aparência fragmentária, a Parte I apresenta uma estrutura argumentativa, que pode ser dividida em capítulos ou seções dedicados a grupos específicos de questões.⁸¹ Tal estrutura permitiria situar, de certa forma as seções especificamente dedicadas ao tema do sentido.

⁷⁹ Cf. ZILES, Urbano, 1991, p. 61.

⁸⁰ Cf. GLOCK, H. J., 1998, pp. 222-223.

⁸¹ Cf. GLOCK, H. J., 1998, p. 224; ABRAMOVICH, Leia Schacher, 1999, pp. 45-46. Eles concordam, por exemplo, com a seguinte estrutura:

- Parágrafos 1 – 64: Crítica ao modelo agostiniano da linguagem
- Parágrafos 65 – 88 Ataque ao ideal da determinabilidade do sentido

Ao que parece, o assunto do sentido não pode ser adequadamente contemplado, nas *Investigações*, por nenhuma seqüência de parágrafos que constituam uma parte específica no corpo do texto, dedicada estrutural e unicamente a ele. O assunto do sentido espalha-se ao longo da distribuição dos parágrafos da Parte I e dos capítulos da Parte II de tal modo que não parece viável analisar o sentido nas *Investigações*, pensando que seja possível fazê-lo numa determinada parte.

O método que Wittgenstein usa nas *Investigações* é outro ponto que merece ser levado em conta, porque ele também constitui uma dificuldade, de certo modo, para a abordagem das *Investigações*, haja vista seu caráter fragmentário, centrado em exemplos e obstinado em não oferecer nenhum tipo de definição. Para usar as palavras do próprio Wittgenstein, ele é um método que procura fazer “toda explicação desaparecer e em seu lugar entrar apenas a descrição”.⁸² Trata-se, na verdade, de um método que constitui uma verdadeira novidade na tradição filosófica, um jeito novo de ver e colocar os problemas e não é tão fácil de ser acompanhado. Comenta Urbano Zilles a esse respeito:

Muitas dificuldades na interpretação das *Investigações Filosóficas* decorrem do seu método de filosofar. Este é realmente novo, devendo ser compreendido a partir dos próprios problemas. Wittgenstein propõe-se atacar os problemas particulares na medida em que aparecem. Seu pensamento faz-se sentir no detalhe, no grande número e na variação de exemplos que analisa. Não é fácil acompanhar seus raciocínios.⁸³

O método das *Investigações* é considerado uma novidade, mas, como destaca a citação acima, muitas dificuldades na interpretação dos seus aforismos decorrem dele. Ele é um método que deve ser compreendido a partir dos próprios problemas. Seu autor procura afrontar os

- Parágrafos 89 – 133 A natureza da filosofia e a busca da lógica por uma linguagem ideal
- Parágrafos 134 – 142 Forma proposicional e verdade;
- Parágrafos 143 – 184 Compreensão lingüística e leitura;
- Parágrafos 185 – 242 Seguir regras e a estrutura da linguagem;
- Parágrafos 316 – 162 Pensamento e pensar;
- Parágrafos 363 – 411 Imaginação, o pronome “eu” e a natureza do eu;
- Parágrafos 412 – 465 Consciência, intencionalidade - harmonia entre linguagem e realidade;
- Parágrafos 466 – 490 Indução e crenças empíricas
- Parágrafos 491 – 570 Gramática, limites do sentido, identidade e diferença do significado lingüístico;
- Parágrafos 571 – 693 Estados e processos mentais, vontade, intencionar e significar alguma coisa.

⁸² *Investigações Filosóficas*, I, § 109.

⁸³ ZILLES, Urbano, 199A, pp. 64-65.

problemas criando uma grande variação de exemplos que permitam, de certo modo, colocá-los em situações concretas, reais ou simuladas, a fim de revelá-los no uso cotidiano da linguagem e não transferi-los para estruturas subjacentes, ocultas, gerando uma crença em soluções também baseadas em causas ocultas. Descrever minuciosamente o método de Wittgenstein nas *Investigações* não é o objetivo desta dissertação e tomaria demasiado tempo, mas convém compreendê-lo razoavelmente bem, a fim de tentar encontrar uma maneira de superar as dificuldades relativas a ele para com a nossa tentativa de focar a análise no modo como as *Investigações* entendem o sentido.

O método das *Investigações* procura reunir exemplos, provocando a reflexão sobre o uso real das palavras, que se dá, concretamente, nos jogos de linguagem. É, portanto, um método que consiste em examinar os jogos de linguagem que ocorrem no cotidiano, ou que podem ocorrer, a fim de mostrar, realisticamente, o sentido em cada jogo de linguagem. Nas palavras do próprio Wittgenstein é claro que se trata de um método que procura ver os casos problemáticos à luz dos não-problemáticos: “Os problemas não são solucionados pela adução de novas experiências, mas pela combinação do que há muito já se conhece”.⁸⁴ Isto indica que, provavelmente, não será possível encontrar nenhuma definição do sentido nas *Investigações*, uma vez que seu método rejeita tacitamente fazer definições.

O assunto do sentido, nas *Investigações Filosóficas*, é difícil de ser trabalhado e, apesar de ser fundamental para a compreensão da obra, requer de quem o perscruta no seu texto, um trabalho árduo para identificar e analisar os momentos em que ele aparece no decorrer de suas páginas, bem como, uma paciente reflexão para situar tais citações no conjunto das idéias que ali são desenvolvidas. O sentido, nas *Investigações*, não é uma questão que recebe uma abordagem direta, orgânica⁸⁵, haja vista, o caráter não-dogmático do método empregado por Wittgenstein nesta obra e a forma assistemática, permeada de exemplos, bem como a diversidade de assuntos a que se refere o seu texto, a ponto de ter sido caracterizado pelo próprio Wittgenstein apenas como “um álbum”.⁸⁶

Considerando as observações acima a respeito dos desafios de abordagem das *Investigações*, desafios que se apresentam tanto na organização do texto quanto na peculiaridade do seu método, vamos tentar aqui uma abordagem que permita garimpar o

⁸⁴ *Investigações Filosóficas*, I, § 109.

⁸⁵ Segundo Grayling, isso está relacionado ao fato de Wittgenstein, na chamada segunda fase do seu pensamento, abandonar o método rigorosamente sistemático, que caracterizou o *Tractatus* e adotar o método de uma abordagem fragmentada, explicitamente projetada para não resultar numa teoria estruturada. GRAYLING, A.C., 2002, p. 91.

⁸⁶ Cf *Investigações Filosóficas*, 2005, Prefácio, p. 12.

assunto do sentido, partindo dos momentos em que seu texto faz uso do termo *Sinn*. Para isso, vamos considerar o termo *Sinn* tanto na Parte I quanto na Parte II da obra, a fim de tentar entender o que seu autor diz sobre ele, qual o lugar que ele ocupa na sua concepção de linguagem, bem como, quais as suas implicações semânticas.

Vejamos se é possível precisar melhor o que estamos querendo neste subtema. Considerando que nas *Investigações* Wittgenstein aborda muitos assuntos de filosofia da linguagem e que de muitos modos estes assuntos se entrecruzam, tentaremos demarcar o assunto do sentido e analisá-lo, tanto quanto possível, sem ter que levar em conta todos os demais assuntos. Provavelmente, outros assuntos de grande interesse serão tocados, uma vez que de algum modo se ligam ao assunto do sentido, mas, não vamos nos comprometer em analisá-los exaustivamente, apenas no que e enquanto digam respeito ao assunto do sentido. Mas, que passos dar, realmente, para organizar e expor esta tentativa de garimpagem do assunto do sentido nas *Investigações*?

Levando em conta que esta dissertação tenta compreender a concepção de sentido presente nas *Investigações*, considerando a idéia da possível insatisfação que Wittgenstein parece ter experimentado com a concepção de sentido defendida pelo *Tractatus*, o próximo passo será tentar analisar algumas tentativas de justificar o sentido, rejeitadas pelas *Investigações*, tentando com isso delimitarmos ainda mais o âmbito onde realmente se deve buscar uma justificativa para o sentido, de acordo com as *Investigações*. Depois disso, enfrentaremos a tarefa de examinar se há alguma possibilidade de distinguir sentido e significado nas *Investigações*. Isto será importante visto que a relação entre ambos foi de fundamental importância na concepção de sentido do *Tractatus* e, ao que parece, criou ali um condicionamento tal para a concepção do sentido por parte da concepção do significado, que as *Investigações* procuram superar, mas, ao tentarem essa superação parecem que diluíram as fronteiras de separação que permitiam identificar um e outro. Após este passo se tentará entender os aspectos que mais se destacam na concepção de sentido das *Investigações*. Ou seja: o aspecto dinâmico e o aspecto público do sentido, que caracterizam o sentido nas *Investigações*.

Uma vez palmilhado todo esse percurso acima proposto para este capítulo, espera-se ter soerguido a proposta de concepção de sentido presente nas *Investigações* o suficiente para, em seguida, poder levar a discussão ao ponto decisivo em relação à constituição do sentido e sua relação com o mundo, isto é, o ponto que trata dos jogos de linguagem. Mas,

este já será o assunto do último capítulo. Agora é preciso que se percorra todo o itinerário acima indicado.

2.3. Sobre a tentativa de definir o sentido nas *Investigações*

Nosso esforço para garimpar o assunto do sentido, nas *Investigações*, começa pela análise dos pontos que procuram mostrar, primeiramente, o que não constitui o sentido, segundo as *Investigações*. Isso, porém, não é uma fuga do assunto do sentido. Pelo contrário, nossa esperança é que este passo nos ajude a cercar um pouco mais o modo como, para as *Investigações*, o sentido se constitui no uso do jogo de linguagem. Por isso, nossa intenção tem dupla face: Por um lado, mostrando o que não é o sentido, na ótica das *Investigações*, restringiremos o âmbito no qual ele deve ser procurado e, por outro lado, eliminando alguns modos de justificar o sentido, favoreceremos bastante a possibilidade de ter uma idéia mais clara sobre ele.

Por trás das rejeições das tentativas de explicar o sentido, presentes nas *Investigações*, se pode ver um pouco da rejeição fundamental à idéia do sentido com base numa referência exterior ao uso da linguagem. Seja esta referência um objeto, um fato do mundo ou um estado mental. Wittgenstein ilustra a inconsistência dessa idéia de que a base do sentido seja uma referência externa ao uso da linguagem, mostrando que algumas expressões da linguagem podem ter o mesmo sentido e referências diferentes:

‘Procure o A’ não significa ‘procure o B’; mas , ao seguir ambas as ordens, posso estar fazendo exatamente o mesmo. Dizer que num e outro caso tem que acontecer algo diferente, seria semelhante a dizer: as duas frases: ‘Hoje é meu aniversário’ e ‘Dia 26 de abril é meu aniversário’ teriam que se referir a dias diferentes, uma vez que seu sentido não é o mesmo.⁸⁷

Wittgenstein está tentando mostrar que não é possível afirmar que a referência determina o sentido. No caso das frases ‘procure o A’ e ‘procure o B’ a referência não é a mesma. A referência de uma é A e da outra é B. Mas, digamos de novo, “ao seguir ambas as ordens, posso estar fazendo exatamente o mesmo”. As referências diferentes, nesse caso, não impediram que elas tenham o mesmo sentido, isto é, de levarem elas a fazer “exatamente o mesmo”. Já no caso das frases ‘hoje é meu aniversário’ e ‘dia 26 de abril é meu aniversário’ se dá o contrário. Elas tem a mesma referência que é o dia, mas o “seu sentido não é o mesmo”. O sentido de uma está relacionado com o uso do termo ‘hoje’ e o sentido da outra está relacionado com jogo de linguagem que fala do tempo usando os numerais e o esquema dos meses. Esta segunda frase,

⁸⁷ Idem, I, § 685.

por exemplo, pode ser pronunciada por Wittgenstein em um dia que não seja o dia do seu aniversário. Mas, a primeira só pode ser pronunciada no dia mesmo do seu aniversário.

A idéia de sentido com base numa referência assume quatro roupagens sutilmente diferenciadas que as *Investigações* tentam demolir. Assim, a idéia do sentido com base numa referência é apresentada e rejeitada, nas *Investigações*, sob a roupagem da representatividade, do pensar, da imagem e do ter em mente. Vejamos agora como as *Investigações* rejeitam a cada uma delas.

Em primeiro lugar vejamos que o sentido, segundo as *Investigações*, não é algo que existe fora do jogo de linguagem. Ele não é determinado pela representação de alguma coisa exterior à linguagem. Diz Wittgenstein:

Para a compreensão de uma proposição, é tão pouco essencial que se represente alguma coisa com ela quanto esboçar um desenho a partir dela.⁸⁸

Se para compreender uma proposição, como diz o texto citado, é tão pouco essencial que se represente alguma coisa com ela, então a relação do sentido dessa proposição com o fato de representar alguma coisa é igualmente secundária. Algo semelhante a esboçar um desenho a partir da proposição. No que vai dar? Com certeza não será em algo determinado, válido para todos os casos. O papel da representatividade de algo exterior ao jogo de linguagem, portanto, não determina o sentido. Quando muito, a representatividade pode ser “uma apresentabilidade em um determinado meio de apresentação”.⁸⁹

Não sendo algo exterior à linguagem, o sentido não pré-existe ao uso da linguagem e não pode ser definido. Wittgenstein, no jogo de linguagem do parágrafo 20 das *Investigações*, pergunta se “não há uma expressão verbal para este sentido?”. Ora, se houvesse uma expressão verbal para dizer o sentido ali, na situação concreta de que tratava o parágrafo 20, também haveria uma expressão verbal para dizer o sentido de modo geral. Mas, como já se disse, Wittgenstein é avesso a ter que dar uma definição e permanece coerente à sua concepção de linguagem como realidade dinâmica mutável, que não tem uma essência pré-definida e não admite um jogo de linguagem que possa definir o sentido de outro. Se tentássemos dizer o sentido de um jogo de linguagem formaríamos com isso um novo jogo de linguagem e este haveria de reclamar uma justificativa para o seu sentido. Isto, contudo, levaria a um *regressum ad infinitum*.

Wittgenstein rejeita também que seja o pensar que dá sentido à linguagem. Não nos interessa aqui ver em detalhe o que ele entende por pensar, mas, apenas mostrar que para

⁸⁸ Ibidem, I, § 396.

⁸⁹ Ibidem, I, § 397.

ele não é o pensar que funda o sentido. Para ele o “pensar não é um processo sem corpo, que empresta vida e sentido ao falar, e que poderíamos desligar do falar”.⁹⁰ Consequentemente, sentido não é algo que o pensar empresta ao falar. E se o pensar não pode ser desligado do falar, como sustenta o parágrafo 339 das *Investigações*, também não pode ser posto como base para o sentido, ou seja, não é ele que determina o sentido. A este respeito escreve Glock:

O pensamento não é uma atividade que realizamos com o cérebro, considerando que este não é um órgão de que se tenha controle. No entanto, é um exercício voluntário de uma capacidade mental adquirida, da mesma forma que correr é um exercício de uma capacidade física adquirida; pode levar tempo, ser interrompida e envolver estágios; pode ser realizada de várias maneiras, exigindo, por exemplo, maior ou menor esforço; uma resposta possível para a pergunta “O que ela está fazendo?” é “Ela está pensando em Wittgenstein”.⁹¹

Segundo este comentário de Glock ao que Wittgenstein considera como pensamento, na ótica das *Investigações*, se pode considerar que o pensar é uma atividade que se aprende e se desenvolve com o exercício. Não uma atividade que se realiza com o cérebro apenas, mas sim com a totalidade do indivíduo, através do exercício mental. Um exercício semelhante ao exercício físico como, por exemplo, o correr. Mas, não é essa atividade mental que dá sentido à linguagem. Ela pode permitir que se responda à pergunta “O que ela está fazendo?” com a resposta “Ela está pensando em Wittgenstein”, mas não é ela a base do sentido da sentença “Ela está pensando em Wittgenstein”. Qual pode ser esta base, tentaremos ver mais adiante.

Wittgenstein rejeita ainda a afirmação de que seja a imagem que define o sentido. Ele chega a dizer que até parece ser a imagem que determina o sentido:

Do mesmo modo, quando se diz ‘Ou ele tem esta sensação, ou não a tem!’ – vem ao espírito, antes de mais nada, uma imagem que já parece determinar o sentido da asserção inequivocamente. ‘Você sabe agora do que se trata’ – gostaríamos de dizer. Exatamente isto é o que ele ainda não sabe.⁹²

Uma frase faz surgir uma imagem no espírito humano e esta imagem parece determinar o sentido de modo inequívoco, mas não o faz. O sentido não brota da imagem e sim de algo que está num outro plano. Segundo a citação acima, a quem ouviu a frase “Ou ele tem esta sensação ou não tem” e fez certa imagem em seu espírito, Wittgenstein afirma que gostaríamos de dizer “agora você já sabe do que se trata”. Mas, é exatamente isso que ele não sabe, diz Wittgenstein. A imagem feita a partir da proposição não é a garantia do sentido, ela não é uma figura mental independente do uso das palavras, como um modelo abstrato, mas está ligada a uma gramática pública que, quando analisada, pode levar ao sentido que o jogo de linguagem adquiriu num determinado contexto. O

⁹⁰ Ibidem, I, § 339.

⁹¹ GLOCK, H. J., 1998, p. 276.

⁹² *Investigações Filosóficas*, I, § 352

sentido mesmo situa-se noutro plano que não é o da imagem. Vejamos como o texto das *Investigações* é claro ao dizer isto:

Em que acredito, quando acredito em uma alma no homem? Em que acredito quando acredito que esta substância contém dois anéis de átomo de carbono? Em ambos os casos, há uma imagem no primeiro plano, mas o sentido está em último plano; i. é, não é fácil ter uma visão de conjunto da aplicação da imagem.⁹³

A imagem pode ser aplicada. E, realmente, ela pode ter várias aplicações, dependendo das circunstâncias. O que não se deve fazer é identificar a imagem com o sentido, como adverte o texto acima. A imagem que alguém pode fazer para si mesmo quando acredita em uma alma no homem ou quando acredita que certa substância contém dois anéis de carbono está no primeiro plano. Mas, o sentido situa-se no último plano, para usar a linguagem de Wittgenstein na passagem anterior. E, para encontrar o sentido é necessário alcançar uma visão de conjunto da aplicação da imagem, ou seja, das aplicações que habitualmente se fazem dela. Esta visão de conjunto da aplicação da imagem, em vista da compreensão do sentido, contudo, não é tão fácil de ser alcançada. Esta visão de conjunto da aplicação da imagem passa pela aplicabilidade da imaginação, o que só se entende pela análise da palavra “imaginação”. Ainda sobre este ponto, o parecer de Glock é muito interessante:

A investigação dessa gramática revela que a aplicabilidade da palavra “imaginação” não se restringe a casos em que imagens nos passam pela cabeça.⁹⁴

A gramática da palavra “imaginação”, diz o texto de Glock, revela que ela não está restrita a casos em que imagens nos passam pela cabeça. De fato, para as *Investigações* não é necessário que ocorra nenhum processo ou evento mental quando imaginamos algo. Por conseguinte, o sentido não está na imagem que fazemos a partir da sentença. Continua Wittgenstein, desta vez na Parte II das *Investigações*:

Nossa linguagem descreve, primeiramente, uma imagem. O que deve acontecer com a imagem, como deve ser empregada, permanece obscuro. Contudo, está claro que se deve pesquisar quando se quer entender o sentido de nossa assertiva. Mas a imagem parece dispensar-nos desse trabalho; ela aponta já para um determinado emprego. Com isso ela troça de nós.⁹⁵

A imagem parece dispensar-nos do trabalho de pesquisar quando queremos entender o sentido, mas o fato de que ela aponta para um emprego determinado da linguagem não nos garante esta comodidade. Como se viu antes, a imagem está no primeiro plano e, neste último texto, insiste Wittgenstein, o modo como ela deve ser empregada é algo totalmente obscuro, isto é, imprevisível, que depende das circunstâncias.

⁹³ Idem, I, § 422.

⁹⁴ GLOCK, H. J., 1998, p. 204.

⁹⁵ *Investigações Filosóficas*, 2005, II, p. 244.

Por isso, se não percebermos que é preciso ir além da imagem determinada para se chegar ao sentido, a imagem “troça de nós”.

Wittgenstein também rejeita a pretensão de querer justificar o sentido com o ter algo em mente. Em forma de pergunta, ele coloca o problema referente a esta pretensão:

“Não é por que eu tenho em mente que tem sentido? Não é o nosso ter em mente que dá sentido à frase?”.⁹⁶

Quem tenta responder afirmativamente a essas perguntas, segundo as *Investigações*, com certeza, acredita que ‘ter em mente’ consiste em alguma coisa e que esta coisa que se tem em mente põe sentido na linguagem. Mas, para as *Investigações*, isto é um grande engano, elas questionam radicalmente essa idéia perguntando:

“O que significa: ‘se tenho em mente alguma coisa com isso, então tem que ter sentido’? – Se tenho alguma coisa em mente com isso? – Se tenho o *que* em mente com isso?”.⁹⁷

Tais perguntas põem o leitor das *Investigações* diante da raiz do engano de pensar que seja o ter em mente que dá sentido à linguagem. O que é que temos em mente quando pensamos uma frase? Wittgenstein procura mostrar que ter em mente não se trata de uma coisa independente da linguagem, isto é, um processo paralelo à linguagem. Para que se tenha em mente, diz Wittgenstein, muita coisa já tem que está preparada na linguagem e esta ‘muita coisa’ que já tem que está preparada é gramática daquilo que se tem em mente. Adiante voltaremos ao assunto da gramática, vejamos melhor como as *Investigações* ilustram que o ter em mente não pode dar sentido:

Faça a seguinte tentativa: Diga: ‘Aqui está frio’ e tenha em mente ‘Aqui está quente’. Você o pode? – e o que faz enquanto isso? E há somente uma maneira de fazê-lo?⁹⁸

Nesta passagem, Wittgenstein procura mostrar, com o exemplo de dizer uma coisa e pensar a coisa oposta, que o ter em mente não é um processo independente do dizer. Quando alguém diz “aqui está frio” não acompanha isto com um conteúdo mental independente que dá sentido, ou que tenha um sentido oposto ao que disse. Por isso, não é o ter em mente que dá sentido ao dizer. Comenta Urbano Zilles a esse respeito:

A tentação de postular um processo interior ou um estado de consciência paralelo ao “ter em mente” desaparece, quando digo, por exemplo, “eu pensei nele”, pois, algumas vezes certamente podemos dizer, em vez disso, “falei dele”. Ninguém quererá dizer que “falar dele” exige um processo espiritual. O critério para o “ter em mente” sempre estar em determinadas circunstâncias, nas quais pronunciamos uma frase e não aquilo que acontece em nós, quando pronunciamos palavras.⁹⁹

⁹⁶ Idem, I, §§ 357-358.

⁹⁷ Ibidem, I, § 511.

⁹⁸ Ibidem, I, § 510.

⁹⁹ ZILLES, Urbano, 1991, p. 68.

A explicação que Urbano Zilles apresenta no texto acima ajuda a entender ainda melhor porque para Wittgenstein não é o ter em mente que dá sentido ao jogo de linguagem. É uma verdadeira tentação, destaca o texto citado, querer postular um estado de consciência paralelo ou um processo interior separado da linguagem. Mas esta tentação se dissipia quando, por exemplo, alguém diz “eu pensei nele”. O que poderia passar pela mente de alguém ao pronunciar esta frase? A imagem “dele”? Ou passaria a imagem da própria pessoa que está pronunciando a frase, só que no momento em que ela estava “pensando nele”? As duas coisas são possíveis, não há uma imagem determinada que possamos dizer que, necessariamente, tem que acompanhar a sentença pronunciada. A sentença tem sentido pelo uso que os falantes fazem dela e não pelo que se passa na mente de quem fala. Percebe-se com isso que não há um processo interior paralelo, independente do dizer, que se possa chamar ter em mente. Isso fica ainda mais claro quando alguém diz, por exemplo, “falei dele”. Não há nenhum processo espiritual paralelo que acompanha esta frase, diz o texto de Urbano Zilles. Por isso, continua ele, o critério para entender o ter em mente não está em nós, está nas circunstâncias. As circunstâncias sim poderão dizer quando faz sentido a frase “pensei nele”, não um processo mental paralelo.

Olhando, sucintamente, para os pontos indicados acima sobre as rejeições de Wittgenstein quanto às tentativas de justificar o sentido que foram apontadas, percebemos que duas perguntas se tornam gritantes: É possível dizer algo sobre o sentido nas *Investigações*? Se há mesmo uma possibilidade de falar sobre ele, qual a base desse sentido nas *Investigações*?

Em relação à primeira dessas duas perguntas acima, já se disse no subtema anterior que Wittgenstein não define o sentido nas *Investigações*, mas que procura dar exemplos de usos que fala de casos que faz sentido e fala de casos que não faz sentido. No entanto, mesmo ele não tendo definido o sentido, nos usos que ele faz do termo e nas referências que faz a ele, acreditamos poder encontrar um meio para dizer algo sobre o sentido. Se não para defini-lo, uma vez que seu próprio autor não fez isso, ao menos para tentar mostrar como ele se constitui no jogo de linguagem. E esperamos fazer isso a partir da resposta à segunda pergunta que foi levantada acima: a base do sentido nas *Investigações* é o uso da linguagem nas diversas formas e situações em que vivem e atuam seus usuários.

Ao situar o sentido no uso da linguagem, contudo, percebemos outra grande dificuldade para falar sobre ele nas *Investigações*. Trata-se da distinção entre sentido e significado. Como se viu no primeiro subtema deste capítulo, o significado também se

constitui no uso. Como então distinguir o sentido do significado? Se pudermos distinguir o sentido do significado teremos alguma possibilidade de entendê-lo um pouco mais, clarear melhor a compreensão do modo como ele é atribuído num jogo de linguagem e analisar alguns de seus aspectos, mesmo que não consigamos traçar uma definição para ele. Tentemos, pois, transpor este desafio.

2.4. Sobre a distinção entre sentido e significado nas *Investigações*

O primeiro capítulo mostrou como, para o *Tractatus*, a distinção e a relação entre sentido e significado eram claras e, diga-se de passagem, de fundamental importância para entender a sua concepção de sentido. A distinção entre sentido e significado era tão clara, no *Tractatus*, a ponto de não haver dificuldade para identificar um e outro: Somente a proposição tinha sentido e os nomes, como representantes dos objetos, no contexto da proposição, tinham significados. E, de igual modo, a relação entre sentido e significado também era bastante clara: Os nomes representavam os objetos simples no interior da proposição e a proposição descrevia o fato, isto é, os nomes com significado permitiam construir a proposição com sentido. Mas, esta relação entre sentido e significado revelou-se problemática em vários aspectos, principalmente, como se viu antes, na dependência do sentido em relação ao significado e na dependência do significado em relação aos objetos simples, o que levou Wittgenstein, nas *Investigações*, a mudar sua concepção de sentido, rejeitando a necessidade da existência de objetos para que os nomes tivessem significados e o sentido tivesse determinação e assumindo a defesa da idéia que tanto o sentido quanto o significado se ganham no uso da linguagem e não dependem da representação. Perguntamos, porém: as *Investigações* ainda consideram a distinção tractatiana de que somente a proposição tem sentido e os nomes têm significados?

A resposta a essa pergunta, para as *Investigações*, é negativa. As *Investigações* consideram a proposição de um modo bastante diferente daquele que considerou o *Tractatus*:

Reconhecemos que o que chamamos “proposição” e “linguagem”, não é a unidade formal imaginada por mim, mas a família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si.¹⁰⁰

A proposição e a linguagem, no dizer da citação acima, passam a ser consideradas uma família de estruturas. Isto indica que a proposição não é mais vista pelas *Investigações* como aquela unidade formal sustentada pelo *Tractatus*. A proposição passa a ser vista como um lance no jogo de linguagem e não mais uma unidade formal, parte de uma estrutura complexa e

¹⁰⁰ *Investigações Filosóficas*, I, § 108.

articulada logicamente *a priori*. Ela passa a ser vista, como destaca o texto acima, num certo modo de uso, numa estrutura que tem semelhanças com outras, mas que não se identifica com elas, isto é, ela não é reflexo da aplicação de um padrão lógico. E é nesse uso concreto, no jogo de linguagem, que ela ganha sentido, mas, também ganha significado. Mas, não somente a proposição tem sentido e significado, para as *Investigações*, um nome também pode ter sentido e significado, dependendo do jogo de linguagem. Por isso, pode-se dizer, assim como a ‘proposição’, ‘nome’, ‘sentido’ e ‘significado’ são considerados nas *Investigações* de modo diferente daquele do *Tractatus*, eles se constituem no uso.

No jogo de linguagem, como se notou, sentido e significado não se distinguem mais pelo fato do primeiro se ligar à proposição e o segundo se ligar aos objetos. Eles não têm mais essas fronteiras tão definidas. De fato, dependendo do jogo de linguagem, para as *Investigações* um nome pode ter sentido e¹⁰¹ uma proposição pode ter sentido. Por outro lado, dependendo do jogo de linguagem, também um nome pode ter significado e uma proposição pode ter significado.¹⁰² Torna-se muito difícil distinguir um do outro, até porque, por um lado, Wittgenstein não define nem sentido nem significado, nas *Investigações*, mas, sustenta que os dois são atribuídos à linguagem no uso dos seus mais variados jogos. Talvez isso explique porque algumas traduções das *Investigações* para a língua portuguesa coloquem ‘significado’ no lugar de ‘sentido’, como, por exemplo, faz a Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.¹⁰³ Mas, este é um engano em que também os comentadores estão sujeitos a caírem. João da Penha, por exemplo, faz isso. Ele escreve no seu texto, traduzindo e comentando uma parte do parágrafo 43 das *Investigações*: “O *sentido* de uma palavra é o seu uso na linguagem”.¹⁰⁴ (O grifo é nosso). Ora, o uso da palavra ‘sentido’, feito por João da Penha, na citação acima, padece do mesmo engano que

¹⁰¹ Quando se diz ‘ele deu um nome a uma sensação’, esquece-se que muita coisa já tem que estar preparada na linguagem para que o simples dar nome tenha um sentido (...). Idem, I, § 257.

¹⁰² O que devo dizer? Ele não entendeu esta frase ao dizê-la? A frase não traz em si todo o seu significado? Ibidem, I, § 540.

¹⁰³ A tradução das *Investigações* para a língua portuguesa feita pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1995, traduz muitas vezes o termo *Bedeutung* (significado) por ‘sentido’ (que em alemão é *Sinn*). Não pretendemos indicar todos os momentos do texto em que esse engano aparece, mas, como exemplo, apresentaremos apenas um parágrafo, colocando as duas palavras em alemão nos locais em que aparecem ‘sentido’, para percebermos melhor o problema e depois indicaremos o número de outros parágrafos que procedem do mesmo modo. Diz o parágrafo 57 das *Investigações*: “Um objeto vermelho pode ser destruído, mas o vermelho não pode ser destruído e por isso o *Bedeutung* da palavra ‘vermelho’ é independente da existência de um objeto vermelho’. – Certamente, não faz *Sinn* dizer da cor vermelha (não do pigmento) que foi rasgada ou triturada?”. A tradução da Calouste, neste parágrafo, traduz por sentido tanto o termo *Bedeutung* quanto o termo *Sinn*. Outros exemplos podem ser vistos ainda nos parágrafos 58, 77, 80, 117, 120, 208 e outros.

¹⁰⁴ PENHA, João da, 1995, pp. 53-54.

se encontra na tradução da Calouste. O texto alemão coloca naquele lugar da frase a palavra *Bedeutung*¹⁰⁵ que deveria ser traduzida por ‘significado’.

A dificuldade em distinguir o sentido do significado e o engano que pode ser feito em tomar o significado pelo sentido, nas *Investigações*, mostram como é importante ter a devida compreensão de um de outro a fim de evitar a confusão. Recoloquemos, então a pergunta de outro modo: Será possível, ainda, distinguir entre sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*? E, vamos tentar encontrar resposta para tal pergunta neste subtema.

A distinção entre sentido e significado nas *Investigações*, se existir, deverá estar no âmbito do uso, pois é no uso que sentido e significado são atribuídos à linguagem. Talvez, então, dentro do âmbito do próprio uso possamos encontrar alguma brecha que indique algum limite entre o sentido e o significado, que se preste à tarefa de distinguir um do outro ao menos, já que não nos convém tentar defini-los, visto que Wittgenstein mesmo evitou dar este passo.

Parece-nos possível tentar a empreitada de examinar se há alguma chance de distinguir sentido e significado, nas *Investigações*, uma vez que o próprio Wittgenstein admite que é possível traçar algum limite para um termo, “pois ainda não se traçou nenhum”.¹⁰⁶ Mas, precisamos tomar bastante cuidado, se traçarmos um limite para um termo, isto não implica que tal limite exista por si mesmo, independente dos objetivos pelos quais o traçamos, ele deve ser entendido em função do que pretendemos com ele. Arley Moreno faz um excelente comentário a este respeito:

É possível traçar limites segundo objetivos determinados; mas isso não implica que tais limites existam por si próprios, independentemente dos objetivos que nós traçamos – ou, dito de outra maneira, os limites dos conceitos não são independentes de nossa ação, ganhando consistência e sentido apenas quando são relativos aos usos determinados que pretendemos fazer dos conceitos. A exatidão conceitual é, assim, um atributo do uso.¹⁰⁷

A colocação de Arley Moreno ajuda, exatamente, a situar o que estamos pretendendo nesse momento: Encontrar uma fenda, no âmbito do uso, que permita distinguir, ainda que num único caso, o sentido do significado, isto é, que permita estabelecer algum limite entre um e outro, mesmo que seja num único caso, mas, que permita distinguir um do outro. Não pretendemos com isso, dizer que tal limite existe independente de nossa ação e do uso que estamos tentando fazer desses dois termos, ou seja, não queremos afirmar que tal limite existe como uma fronteira pré-existente, fora da nossa tentativa de distingui-los nas *Investigações*.

¹⁰⁵ Die *Bedeutung* eines Wortes ist sein Gebrauch in der Sprache. (o grifo é nosso)

¹⁰⁶ *Investigações Filosóficas*, 2005, I, § 68.

¹⁰⁷ MORENO, Arley, 2000, pp. 53-54.

Dizendo de outro modo ainda: a distinção que queremos encontrar entre sentido e significado nas *Investigações*, se existir, indicará algum limite entre um e outro que permita distingui-los, mas com isso não queremos dizer que tal limite é inerente ao conceito de sentido e de significado, fossilizando-os e decretando-os a serem usados sempre assim.

Se estamos querendo, pois, achar uma fenda no âmbito do uso que permita enxergar algum limite entre sentido e significado, ajudando-nos a distinguir um do outro, não devemos perder de vista que é em vista deste uso específico de querer distingui-los que estamos buscando tal critério de distinção. Noutros usos, por exemplo, os falantes poderiam decidir usá-los como sinônimos, se assim estivessem de acordo. Nas *Investigações*, contudo, percebe-se que sentido e significado não são usados como sinônimos. Ao longo da obra, ao que parece, eles são usados querendo dizer coisas diferentes. Para ajudar nessa tentativa de encontrar algum ponto que permita distinguir o sentido do significado, nas *Investigações*, mesmo que seja em um caso apenas, de agora em diante, procuraremos usar os dois termos em alemão, *Sinn* e *Bedeutung*, ao lado dos termos em português para um e outro, a fim de visualizar melhor os termos com Wittgenstein trabalha nas *Investigações*. Vejamos, antes de mais nada, uma passagem bastante ilustrativa para mostrar que as *Investigações* não tomam sentido e significado como sinônimos simplesmente:

Alguém me diz: “Você entende esta expressão? Ora, - também eu a uso no significado (*Bedeutung*) que você conhece.” – Como se o significado (*Bedeutung*) fosse uma penumbra que acompanha a palavra e é transferida para todos os seus empregos.

Se alguém, por exemplo, diz que a proposição “Isto está aqui” (apontando para um objeto diante de si) tem sentido (*Sinn*) para ele, então ele poderia perguntar-se, em que condições específicas se emprega realmente esta proposição. Nestas é que ela tem sentido (*Sinn*).¹⁰⁸

É possível notar que, de certo modo, a citação acima fala de sentido (*Sinn*) e de significado (*Bedeutung*) como sendo distintos, isto é, não considerando um sinônimo do outro. Vamos, então, assumir essa postura de que, de algum modo, para as *Investigações*, eles se distinguem e parece que é possível encontrar algum ponto que ajude a identificar o que leva tal distinção, mesmo que isso se aplique a um único caso. Se não pudermos estabelecer tal distinção, com fronteiras tão delimitadas, como fez o *Tractatus*, que ela seja suficiente, ao menos, para nos ajudar a entender como o sentido (*Sinn*) se constitui na concepção das *Investigações*. Lembrando que, como destacamos acima, a distinção que estamos tentando encontrar não é uma propriedade do sentido (*Sinn*) ou do significado (*Bedeutung*), mas alguma característica do modo como um e outro são atribuídos no uso e que permita distingui-los, na forma como as *Investigações* se

¹⁰⁸ *Investigações Filosóficas*, I, § 117.

referem a eles. Recoloquemos, pois, a pergunta: como sentido e significado se distinguem nas *Investigações*?

Wittgenstein usa o termo alemão *Gebrauch* para falar de ‘uso’ e, como vimos antes, *Gebrauch* é, grosso modo, o chão onde o sentido (*Sinn*) e o significado (*Bedeutung*) são atribuídos, no jogo de linguagem, a uma palavra, a uma proposição ou ao próprio jogo de linguagem conforme o caso. Por isso, a pergunta pela distinção entre o sentido (*Sinn*) e o significado (*Bedeutung*) só pode ser respondida pela análise do uso (*Gebrauch*), como este é concebido nas *Investigações*. E, como o assunto do uso (*Gebrauch*) da linguagem, nas *Investigações*, é um tema de grande envergadura, tentaremos analisá-lo aqui apenas no aspecto que diz respeito ao fato de que, ao que parece, sua abrangência ultrapassa o âmbito do significado (*Bedeutung*), deixando entrever que outros elementos da linguagem também se relacionam com o uso (*Gebrauch*). Se isso se confirma, talvez seja possível encontrar espaço dentro do uso (*Gebrauch*) que permita situar, de algum modo, uma possível distinção entre o sentido (*Sinn*) e o significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*. Grayling, por exemplo, acena para a idéia de que o âmbito do uso (*Gebrauch*) ultrapassa o âmbito do significado (*Bedeutung*) e adverte que ter presente essa distinção entre esses dois termos é necessário para entendê-los corretamente na forma como propõem as *Investigações*:

É necessário notar que o conceito de “uso” é ele mesmo variado. Pode-se falar de *como* algo é usado, *para que* é usado, de *quando* seu uso é apropriado e até daquilo *em que* é usado. (...) Pode-se dizer, por exemplo, como um martelo é usado: pega-se o cabo e acerta-se a área achatada de sua cabeça no alvo; e – de modo bem diferente – *para que* ele é usado: enfilar pregos, nivelar superfícies, chamar a atenção em reuniões etc. Tais explanações dizem-nos algo sobre martelos, embora não determinem exclusivamente que é sobre *martelos* que estamos falando – há outras coisas cujos cabos pegamos (taco de golfe...) ou que podem ser usadas para enfilar pregos (o salto de um sapato, uma pedra). Está claro o suficiente que se pode falar dos usos das palavras de maneira análoga, como sugere Wittgenstein; pode-se explicar como uma palavra é usada, quando seu uso é apropriado e para fazer que tipo de trabalho ela pode ser usada. Mas, em que sentido essas serão explanações de *significado*? Suponha-se que eu diga *como* uma palavra foi usada: se digo que foi usada eficazmente ou insolentemente ou pensativamente, não digo nada sobre seu significado. Suponha-se que eu diga *para que* certa palavra pode ser usada: se eu digo que pode ser usada para insultar, acalmar, inspirar ainda não digo nada sobre seu significado.¹⁰⁹

Grayling, nessa citação, destaca a importância de notar que o conceito de uso (*Gebrauch*) é ele mesmo variado. Pode-se falar de algo como é usado, para que é usado, de quando seu uso é apropriado e até daquilo em que é usado e isso comporta o que Wittgenstein diz sobre o significado como uso. De fato, pode-se explicar uma palavra, por exemplo, explicando como ela é usada ou quando seu uso é apropriado, como ele fez acima com o exemplo do martelo, mas

¹⁰⁹ GRAYLING, A. C., 2002, p. 128.

isso não esgota o conceito de uso (*Gebrauch*), ele pode ser usado também para demonstrar outros aspectos da palavra que não são o significado. Por exemplo, continua Grayling, se alguém diz que uma palavra foi usada eficazmente, insolentemente ou ponderadamente está dizendo algo do uso da palavra, mas isto não diz nada do seu significado (*Bedeutung*). Do mesmo modo, se alguém diz que a palavra foi usada para insultar, acalmar, encorajar ou, ao contrário, que ela não pode ser usada de tal modo, não diz nada ainda do seu significado. Essa abrangência da concepção de uso vai além do significado, visto que o significado (*Bedeutung*) não cobre toda a esfera do uso (*Gebrauch*), ele pode revelar outros aspectos da palavra que não são o significado (*Bedeutung*) apenas. Não poderia, ser um desses aspectos, que não revelam o significado (*Bedeutung*), responsável para revelar o sentido (*Sinn*) mais propriamente?

David Edmonds e John Eidinow, em *O Atiçador de Wittgenstein*, também acentuam a elasticidade da concepção de uso (*Gebrauch*) nas *Investigações*, destacando a multiplicidade de aplicações que ele pode ter e a diversidade de elementos que suas aplicações podem comportar. afirmam estes autores:

E se examinarmos como a linguagem é usada na prática, iremos notar mais outras coisas: que a maioria dos termos não tem um só uso, mas uma multiplicidade de usos, e que essas várias aplicações não necessariamente têm algum elemento comum.¹¹⁰

A largueza da noção de uso (*Gebrauch*), como destaca a citação acima, põe em relevo que, na prática, o que existe é uma multiplicidade de usos e não ‘uso’, no singular. E essa variedade de aplicações não têm necessariamente algum elemento comum, uma vez que eles podem ser todos variados e diferentes. Convém, então, perguntar: o que poderíamos pensar dessa possibilidade de diversidade de elementos que caracteriza a noção de uso? Obviamente não pensamos aqui em elementos como partes últimas, indivisíveis, mas como aspectos do uso. Será que não poderá haver nenhum desses elementos ou aspectos que possa ajudar a diferenciar o sentido (*Sinn*) do significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*?

Passemos, então, à pergunta pela distinção entre sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*). Vejamos se é possível encontrar aquela brecha, dentro da esfera do uso (*Gebrauch*), que possibilite distinguir um do outro, ao menos numa situação concreta. Tentemos fazer isso examinando atentamente a situação de uso que as *Investigações* apresentam, na citação que segue, sobre ela recai uma forte suspeita de que, talvez, essa brecha seja possível:

¹¹⁰ EDMONDS, David & EIDINOW, John, 2003, p. 240.

Imagine uma língua com duas palavras diferentes para a negação. Uma é “X”, a outra “Y”. Um “X” duplo dá uma afirmação, um “Y” duplo, porém, uma negação reforçada. De resto, ambas as palavras são empregadas de modo igual. – “X” e “Y” têm então o mesmo significado em frases que ocorrem sem repetição? – Poderíamos dar diversas respostas a estas questões.

a) Ambas as palavras têm uso diferente. Portanto, significado diferente. Frases, no entanto, nas quais elas estão sem repetição, e que, de resto, soam de modo igual, têm o mesmo sentido.

b) Ambas as palavras têm a mesma função nos jogos de linguagem, exceto por uma diferença, que é uma insignificante questão de tradição. O uso de ambas as palavras é ensinado da mesma maneira, por meio das mesmas ações, dos mesmos gestos etc.; e a diferença em seu modo de uso é acrescentada à explicação das palavras como algo secundário, como um dos traços caprichosos da linguagem. Por isso diremos “X” e “Y” têm o mesmo significado.

c) Conectamos diferentes representações com ambas as negações. “X” gira o sentido, por assim dizer, em 180 graus. E, por isso, duas negações desse tipo levam o sentido de volta ao seu antigo lugar. “Y” é como sacudir a cabeça. E como não se abole um sacudir de cabeça por outro, assim também não se abole um “Y” por outro. E, portanto, mesmo que frases com ambas as negações praticamente vão dar na mesma, “X” e “Y”, no entanto, exprimem idéias diferentes.¹¹¹

Nesta citação, Wittgenstein cria, hipoteticamente, uma situação que trata de duas palavras diferentes para a negação. Tentemos seguir o seu raciocínio porque, ao que parece, aqui ele abre uma pequena fresta que pretendemos examinar. Pois, ela oferece um acesso para uma possível distinção entre sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*.

Imaginemos, pois, com Wittgenstein, duas palavras para a negação: “X” e “Y”. Quando se usa “XX” alcança-se uma afirmação, isto é, o sentido (*Sinn*) inverte-se. Quando se usa “YY” a negação é reforçada. E aí, coloquemos a pergunta dele: “X” e “Y” têm o mesmo significado (*Bedeutung*) quando são usados em frases sem repetição? Wittgenstein admite que poderíamos dar diversas respostas a estas questões e apresenta três que merecerem ser consideradas atentamente.

Para facilitar a análise desta citação, considerando seu tamanho, sua complexidade e sua importância para o que pretendemos com ela, repetiremos o texto referente a cada uma das respostas que Wittgenstein procurou dar para a pergunta: “‘X’ e ‘Y’ têm o mesmo significado (*Bedeutung*) quando usados sem repetição?”. E também, como já dissemos, procuraremos colocar o termo alemão ao lado do termo português, de sentido e significado e, a partir de agora, também o de uso, para facilitar o andamento do raciocínio. Examinemos a primeira das suas respostas:

- a) Ambas as palavras têm uso(*Gebrauch*) diferente. Portanto, significado (*Bedeutung*) diferente. Frases, no entanto, nas quais elas estão sem repetição, e que, de resto, soam de modo igual, têm o mesmo sentido (*Sinn*).

¹¹¹ *Investigações Filosóficas*, I, § 556.

Ambas as palavras “X” e “Y” têm uso (*Gebrauch*) diferente nessa primeira situação considerada por Wittgenstein. Logo, seus significados (*Bedeutung*) são diferentes. Mas, sustenta Wittgenstein na situação que apresenta, frases onde elas estão sem repetição e, de resto, soam de modo igual, elas têm o mesmo sentido (*Sinn*). Aqui devemos nos perguntar: Mas, se elas têm significados (*Bedeutung*) diferentes por que elas têm o mesmo sentido (*Sinn*)? O texto citado responde dizendo que elas têm o mesmo sentido (*Sinn*) porque ‘soam de modo igual’. Então, se foi isto que, segundo o exemplo acima caracterizou as frases a terem o mesmo sentido (*Sinn*) apesar de terem os significados (*Bedeutung*) diferentes, precisamos analisar mais atentamente esse ‘soar de modo igual’. Talvez a pequena fresta que nos ajude a achar uma possibilidade para distinguir um do outro esteja nesse ‘soar de modo igual’ ou esteja relacionado a ele.

A expressão “soam de modo igual”, citada no exemplo acima, é a tradução que se fez para o português da expressão alemã *gleich lauten*. O que entender por este *gleich lauten*, que permitiu a “X” e “Y” terem o mesmo sentido (*Sinn*), apesar de não terem o mesmo significado (*Bedeutung*), nas frases onde ocorreram sem repetição? Estamos diante de um ponto muito sutil. O verbo alemão *läuten* é um verbo transitivo e intransitivo que pode ser traduzido para o português por “soar”, “tocar”, “dobrar”, como sonoridade de sino ou campainha, por exemplo. Mas, temos também o verbo alemão *lauten*, sem o sinal diacrítico do trema, que representa a metafonia chamada em alemão de *Umlaut*. Este segundo verbo, *lauten*, sem o sinal de metafonia é um verbo apenas intransitivo e pode ser traduzido para o português por “ter o teor”, “dizer”. Ora, o texto alemão das *Investigações* traz o verbo *lauten*,¹¹² não acentuado, mas a tradução portuguesa que apresentamos acima parece ter apresentado a tradução que seria do verbo *läuten*, com o acento.

Isto que se acabou de mostrar é muito elucidativo, porque parece mostrar que a tradução mais certa para a expressão *gleich lauten* seria “ter o mesmo teor” ou “dizer o mesmo”. E esse modo de traduzir acentua mais o termo *lauten* como conteúdo de uma sentença, o que ela procura ou está tentando dizer, e com isso o acento é posto na dimensão de finalidade do uso, isto é, de objetivo visado com a sentença ou expressão em uso no momento. Contudo, podemos também supor que a palavra certa deveria ser mesmo *läuten*, com o acento e, que a redação alemã ou mesmo Wittgenstein, por um descuido, não redigiu o sinal de acento. Nesse caso, a tradução que foi apresentada acima de ‘soar de modo igual’ teria de ser considerada. Como, então, ela poderia ser considerada nessa situação em que está sendo empregada acima? O que poderia ser esse ‘soar de modo igual’? Por certo,

¹¹² Sätze aber, in denen sie ohne Wiederholung stehen, und die im übrigen *gleich lauten*, haben gleichen Sinn. (o grifo é nosso)

não se refere, na situação citada por Wittgenstein, aos sons materiais das palavras. Não teria cabimento pensar que ele está dizendo que o ‘soar de modo igual’ siladicamente é que dá o mesmo sentido às frases do exemplo que ele está tentando apresentar. Acreditamos que ele está usando ‘soar de modo igual’ como metáfora para expressar ‘querer dizer o mesmo’ e, portanto, que também se refere ao conteúdo das frases, aos que elas estão dizendo ou tentam dizer. Se esse modo de entender é cabível, então não nos distancia do outro modo de ver, onde se deveria ter traduzido *lauten* por “teor” ou por “dizer” e mesmo com essa outra expressão de “soar” como metáfora, na óptica que acabamos de apresentar, nos aproximamos da idéia de finalidade da frase, de objetivo ou fim visado para o uso das expressões no exemplo citado.

Considerando o verbo *lauten*, sendo traduzido para o português por “soar” ou por “teor”, mas portando a idéia de conteúdo que se procura apresentar na frase, a idéia que indica uma finalidade que é dada a ela no uso concreto, a expressão *gleich lauten*, que fez com que as frases tivessem o mesmo sentido (*Sinn*), apesar dos significados (*Bedeutung*) diferentes, na citação acima, está relacionada com o uso (*Gebrauch*) sim, mas com certa parte do uso (*Gebrauch*) que se refere mais à dimensão do conteúdo que se quer dizer. E essa parte do uso (*Gebrauch*), como já se disse, se liga mais estreitamente à dimensão da finalidade. À dimensão da finalidade que, no exemplo dado por Wittgenstein, foi atribuída às frases em que “X” e “Y” ocorreram sem repetição fez com que elas tivessem o mesmo sentido (*Sinn*) naquela situação. Ou seja: foi o mesmo conteúdo dado às frases, visando um fim, que deu a elas o mesmo sentido (*Sinn*) naquele contexto.

A tradução de *gleich lauten* para a língua inglesa também parece reforçar esta idéia de que ela é uma expressão que está relacionada com a finalidade, a característica ou o aspecto do uso (*Gebrauch*) onde as frases, do exemplo acima, ganham o mesmo sentido (*Sinn*), apesar de “X” e “Y” terem ocorrido nelas com significados (*Bedeutung*) diferentes. O texto inglês traduz *gleich lauten* por *same make*.¹¹³ Ora, a expressão *same make* é traduzida para o português como “fazer o mesmo”, “criar o mesmo”, o que indica a idéia de realizar algo, fazer ou criar algo visando um fim que se pretende alcançar. No caso das frases, do exemplo acima, como “X” e “Y” foram assumidas com a finalidade de negar, esse *same make* deu às duas frases o mesmo sentido (*same sense*). O que parece reforçar a

¹¹³ (a) The two words have different uses. So they have different meanings. But sentences in which they occur without being repeated and which for the rest are the *same make* the *same sense*. (o grifo é nosso)
As duas palavras têm usos diferentes. Portanto, têm diferentes significados. Mas orações em que elas ocorrem sem serem repetidas e que, no mais, são as mesmas produzem o mesmo sentido.

idéia de que a finalidade atribuída à frase é o modo ou aspecto do uso onde se constitui o sentido delas, porque o verbo inglês *make*, traduzido para o português por “fazer”, “construir”, “criar”, “elaborar” também conserva a idéia da dimensão de finalidade. Ele expressa o fazer, construir, criar ou elaborar em vista de um objetivo visado, um conteúdo que se deseja realizar.

Desse modo, parece possível dizer que o *gleich lauten*, a que se refere a citação acima, a nosso ver, abre o espaço desejado para distinguir sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*), neste caso, das *Investigações*, que estamos examinando, uma vez que ambos se constituem na linguagem no uso (*Gebrauch*), mas, pelo que se pôde ver, parece haver um pequeno detalhe no âmbito do uso (*Gebrauch*), que leva para o sentido (*Sinn*). E esse detalhe, parece que está relacionado à finalidade que pode ser dada às frases, dependendo do fim almejado. Mas, será que há outros parágrafos das *Investigações* e outras opiniões que possam reforçar este ponto de vista? Examinaremos essa possibilidade mais adiante, mas, antes será importante analisarmos as letras (b) e (c) do parágrafo 556 que citamos acima:

- b) Ambas as palavras têm a mesma função nos jogos de linguagem, exceto por uma diferença, que é uma insignificante questão de tradição. O uso (*Gebrauch*) de ambas as palavras é ensinado da mesma maneira, por meio das mesmas ações, dos mesmos gestos etc.; e a diferença em seu modo de uso é acrescentada à explicação das palavras como algo secundário, como um dos traços caprichosos da linguagem. Por isso diremos “X” e “Y” têm o mesmo significado (*Bedeutung*).

Nesta consideração Wittgenstein apresenta outro modo de ver “X” e “Y” ocorrendo em frases sem repetição. Elas, diz ele, têm a mesma função nos jogos de linguagem que, como se viu, é a função de negação e diz ainda que o uso de ambas as palavras é ensinado da mesma maneira, por meio das nossas ações, dos nossos gestos etc., por isso, “X” e “Y” têm o mesmo significado (*Bedeutung*). O detalhe que faz uma diferir da outra, ele considera um traço caprichoso da linguagem, uma insignificante questão de tradição, que se acrescenta à explicação das palavras “X” e “Y”. Mas, será mesmo que essa diferença que Wittgenstein está chamando de “insignificante questão de tradição” não é importante para o sentido (*Sinn*)? Será que essa diferença que Wittgenstein está dizendo que é “acrescentada à explicação das palavras”, mas que não impede que elas tenham o mesmo significado, não dá nenhuma diferença ao sentido (*Sinn*) de “X” e “Y” no caso que ele apresenta?

Wittgenstein não faz nenhuma consideração a respeito dessas perguntas que se acaba de fazer. Mas, deve-se notar que nesses exemplos da letra (b) Wittgenstein está acentuando a igualdade de significados (*Bedeutung*), o que não fez no caso da letra (a) quando estava querendo acentuar a igualdade de sentidos (*Sinn*). Por isso ele está acentuando a igualdade de significados

(*Bedeutung*) nesta situação atual e para isso está tentando criar uma situação de igualdade de usos (*Gebrauch*) para o ensino das palavras “X” e “Y”, isto é, uma situação de ensino dessas palavras por meio das mesmas ações, mesmos gestos etc. Mas, há uma diferença em jogo, uma diferença que ele parece estar tentando minimizar.

É cabível pensar assim porque se não houvesse nenhuma diferença em jogo “X” e “Y” seriam a mesma palavra, nada permitiria distingui-las. E se ele está tentando minimizar essa diferença, chamando de “insignificante questão de tradição” e “algo secundário”, para tentar garantir a igualdade de significado (*Bedeutung*), parece cabível pensar que essa diferença se refere à finalidade que se pode dar às palavras “X” e “Y” a fim de dar a elas um sentido (*Sinn*). Argumentemos isso: se o uso (*Gebrauch*) é igual, porque no exemplo acima ele é mostrado como a mesma maneira de ensino, as mesmas ações, os mesmos gestos, então o fato de ter o mesmo uso (*Gebrauch*) dá o significado (*Bedeutung*) igual para “X” e “Y”. Mas, se o uso é igual e alguma diferença é admitida, ainda que ele não a acentue ou tente minimizá-la, essa diferença não se refere ao uso (*Gebrauch*) nem ao significado (*Bedeutung*) que brota desse uso porque eles são iguais. Essa diferença tem qualquer coisa de diverso do uso (*Gebrauch*). Parece cabível pensar que essa diferença se liga à finalidade que está sendo atribuída às palavras “X” e “Y”, permitindo com isso conferir-lhe um sentido, que permita dar uma explicação delas. Se assim se pode considerar, fica mais compreensível que ele chame essa diferença de simples “questão de tradição” ou “algo secundário”, porque se pode entender isso como algo que é dado, atribuído às palavras “X” e “Y” não uma propriedade inerente, nem mesmo o uso (*Gebrauch*), que no caso das palavras “X” e “Y” é considerado o mesmo, ou seja, algo que já se instituiu.

Examinemos agora a última situação de respostas que Wittgenstein imagina para a pergunta que ele mesmo levantou no parágrafo 556 citado acima. Notemos, inclusive, que as hipóteses dessa letra (c) parecem reforçar o que já se disse nas letras (a) e (b) com relação ao sentido (*Sinn*):

- c) Conectamos diferentes representações com ambas as negações. “X” gira o sentido (*Sinn*), por assim dizer, em 180 graus. E, por isso, duas negações desse tipo levam o sentido (*Sinn*) de volta ao seu antigo lugar. “Y” é como sacudir a cabeça. E como não se abole um sacudir de cabeça por outro, assim também não se abole um “Y” por outro. E, portanto, mesmo que frases com ambas as negações praticamente vão dar na mesma, “X” e “Y”, no entanto, exprimem idéias diferentes.

As considerações de Wittgenstein neste ponto chamam a atenção para o fato de que “X” e “Y” conectam diferentes representações. “X” gira o sentido (*Sinn*), por isso “XX” leva o sentido (*Sinn*) de volta ao seu antigo lugar; e “Y” é como sacudir a cabeça num gesto de negação, por isso “YY” não inverte o sentido (*Sinn*), mas o reforça ainda mais. Daí a conclusão de

Wittgenstein de que mesmo frases com ambas as negações praticamente não dar na mesma, o que é compreensível pelo lado do uso (*Gebrauch*) porque ele está admitindo que elas têm o mesmo emprego “XX ou “YY”. No entanto, diz Wittgenstein, elas exprimem idéias diferentes. É necessário, então, que se pergunte: por que elas exprimem idéias diferentes se elas têm o mesmo uso (*Gebrauch*) nesse caso? A resposta que nos parece possível é: porque elas têm finalidades diferentes no caso que está sendo exemplificado, ou seja, a “XX” é dada uma finalidade, que é inverter o sentido (*Sinn*) e a “YY” é dada outra finalidade, que é reforçar o sentido (*Sinn*). Se isso é verdade, então, não se pode deixar de perceber que essa posição da letra (c) reforça o que se disse sobre a letra (b): Aquela diferença entre “X” e “Y”, que Wittgenstein chamou de “algo secundário” tem mesmo a ver com o sentido (*Sinn*), ou seja, “X” e “Y” negam de modos diferentes, tanto em (c) quanto em (b) porque as finalidades que estão sendo dadas a elas, nos casos exemplificados, mostram que são conferidos a elas sentidos diferentes.

Voltemos à fresta, aberta na letra (a) do parágrafo 556 que permite pensar que o sentido é dado às frases que têm o mesmo teor ou soam de modo igual, isto é, dando a elas uma finalidade. Vejamos melhor: o uso (*Gebrauch*) diferente das palavras “X” e “Y” resultou em significados (*Bedeutung*) diferentes, o *gleich lauten* das frases em que “X” e “Y” ocorreram sem repetição fez com que elas tivessem o mesmo sentido (*Sinn*). Percebe-se, então, que Wittgenstein liga o significado (*Bedeutung*) dessas frases ao uso (*Gebrauch*) e liga o sentido (*Sinn*) ao ter o mesmo teor ou soar de modo igual (*gleich lauten*) entendendo este com os detalhes que comentamos antes. Mas, que diferença se pode estabelecer, nas *Investigações*, entre o uso (*Gebrauch*) e o ter o mesmo teor ou soar de modo igual (*gleich lauten*), onde parece que são atribuídos, respectivamente, significado (*Bedeutung*) e sentido (*Sinn*) a “X” e “Y” nos exemplos analisados? Se esta diferença se confirma a contento no caso que foi apontado na letra (a) do parágrafo 556, talvez também sirva para reconhecer a distinção entre eles noutras situações de uso da linguagem.

Gebrauch é o termo alemão usado por Wittgenstein para dizer o que é o significado (*Bedeutung*). “O significado (*Bedeutung*) das palavras é seu uso (*Gebrauch*) na linguagem”.¹¹⁴ Ele pode ser traduzido para o português, de modo bastante elástico, como “emprego”, “aplicação”, “costume” ou “hábito”. Assim pode-se dizer que, para as *Investigações*, o significado (*Bedeutung*) de um termo ou de uma frase é o seu uso, o seu emprego, a sua aplicação como habitualmente ou costumeiramente fazem aqueles que constituem o grupo social praticante daquele termo, ou daquela frase ou daquele jogo de linguagem. O significado

¹¹⁴ *Investigações Filosóficas*, 1005, I § 43.

(*Bedeutung*), que se constitui na linguagem pelo uso (*Gebrauch*), está mais ligado ao emprego preciso da linguagem. Como lembra Friedrich Wallner, ele “é uma proposição prefixal de ‘precisar’ (*brauchen*)”, ou seja, continua Wallner, ““usar possui em seu sentido original um caráter mais estático, por isso se fala de uma ‘instrução de uso’.”¹¹⁵ Claro que esse caráter ‘mais estático’ não vem fossilizar o uso (*Gebrauch*), ele não quer fixar absolutamente o uso (*Gebrauch*), mas lembra que a sua dinâmica não tem a amplitude da dinâmica que brota do *gleich lauten*. Não se muda, por exemplo, o uso (*Gebrauch*) das palavras ou das frases com a mesma dinâmica e intensidade com que se muda o teor ou conteúdo (*lauten*).

E agora nos perguntamos: o que vem a ser *lauten* nas *Investigações*? Como já se acenou acima, *lauten* pode ser traduzido para o português por teor, enquanto conteúdo de uma expressão. E podemos considerá-lo como “soar”, como foi traduzido pelo texto apresentado, mas como metáfora de conteúdo de uma expressão ou dizer, porque como sonoridade material não vem ao caso. Por isso, entendemos que, nas *Investigações*, *lauten* se refere ao que, uma palavra, uma frase ou um jogo de linguagem querem comunicar, o que querem dizer, isto é, que finalidade querem alcançar. E é nessa intenção de querer comunicar um conteúdo, de querer dizer algo, ou seja, na finalidade visada, que os falantes de uma comunidade atribuem sentido à palavra ou à frase, num jogo de linguagem. O que *lauten* permite dar à linguagem, que é uma finalidade, é muito mais dinâmico do que o uso (*Gebrauch*) onde se atribui o significado (*Bedeutung*). Ao dar uma finalidade à palavra, à frase ou ao jogo de linguagem, ao dar um *lauten*, um teor, os falantes dão um sentido à palavra ou à frase, num jogo de linguagem, porque dão a elas uma utilização e, continua a dizer Wallner, no texto citado acima, a “utilização acentua a disponibilidade do respectivo objeto e sua manipulação”.¹¹⁶ Por isso, ao que parece, não é descabível considerar, primeiramente, que existe certa distinção entre sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) em termos de dinâmica. O sentido (*Sinn*) é mais fluído, mutável, dinâmico, variado etc e o significado (*Bedeutung*) é mais estático, regular, propenso à uma constância maior. Mas, como nosso objetivo aqui é apenas o sentido (*Sinn*), analisaremos melhor o aspecto dinâmico dele mais adiante. No momento, queremos apenas destacar que, sendo o sentido (*Sinn*) dado à linguagem por meio da finalidade que se atribui a ela nas mais diversas situações de uso (*Gebrauch*) e sendo o significado (*Bedeutung*) o uso (*Gebrauch*) ‘preciso’ que se faz da linguagem na cotidianidade, o sentido (*Sinn*) é mais dinâmico do que o significado (*Bedeutung*), ele se relaciona mais com a direção que os falantes aplicam ao uso (*Gebrauch*).

¹¹⁵ WALLNER, Friedrich, 1997, pp. 74-75.

¹¹⁶ Idem, p. 75.

Percebemos outras passagens das *Investigações* que se referem à finalidade deste modo ou de modo semelhante, que permitem entender o sentido como algo que é dado à linguagem pelos seus falantes na finalidade que atribuem a ela em cada situação. Vamos tentar examinar algumas, sem eliminar a possibilidade de haver outras que tratem do mesmo assunto, com o intuito de ilustrar nosso esforço de verificar se essa idéia é pertinente e também para tentar entender melhor o que é a finalidade para as *Investigações*.

No parágrafo 8, das *Investigações*, Wittgenstein procura montar um jogo de linguagem, tomado como base o jogo que já apresentara no parágrafo 2 e acrescentando outras palavras, a serem empregadas como fez o comerciante do exemplo que ele construiu ainda no parágrafo 1. Os detalhes dos jogos de linguagem construídos nos parágrafos 2 e 1 não interessam aqui, mas na tentativa de tomá-los como base para construir um novo jogo de linguagem Wittgenstein diz algo, que a nosso ver reforça a idéia de que a finalidade, como algo que é dado à linguagem no jogo de linguagem, enquanto atribuição daquele teor (*lauten*) de que falamos acima, é a parte característica do uso (*Gebrauch*) onde se confere sentido à linguagem nas situações concretas em que ela é aplicada:

Consideremos uma extensão da linguagem (2). Além das quatro palavras “bloco”, “coluna”, etc., ela conteria uma serie de palavras que é empregada como o comerciante em (1) emprega os numerais (pode ser a serie de letras do alfabeto); além disso, duas palavras, que podem ser “para lá” e “isso” (porque isto já sugere mais ou menos sua finalidade), são usadas em conexão com um movimento indicativo de mão. E, por fim, uma quantidade de padrões de cores. A dar uma ordem do tipo: “d-laje-para-lá”. Nisso ele faz o ajudante ver o padrão de cores e, ao pronunciar a palavra “para lá” aponta para um lugar da construção. B apanha do estoque de lajes uma de cada de cor do padrão para cada letra do alfabeto até “d” e a leva para o local assinalado por A. – Em outras ocasiões, A ordena: ‘Isso – para - lá’. Ao dizer “isso” aponta para um tijolo. E assim por diante¹¹⁷

Wittgenstein propõe, nesta citação, o acréscimo de duas palavras ao jogo que está tentando montar. Sugere que essas palavras sejam “para lá” e “isso” porque, diz ele, isto já sugere mais ou menos a sua finalidade. Mas, podemos nos perguntar, por que é importante para ele usar no jogo que está tentando montar palavras que possam sugerir mais facilmente sua finalidade? Considerando o termo alemão *Zweck*, traduzido para o português por finalidade, que expressa a idéia de um fim visado, acreditamos que a importância dada a essa idéia de finalidade por Wittgenstein seja porque nela se atribui o sentido das palavras que ele está querendo usar. Isso fica mais claro se percebermos que o interesse de Wittgenstein, no caso acima, não se restringe às palavras “para lá” e “isso” apenas, mas ao jogo de linguagem todo. De fato, percebe-se que ao inserir aquelas palavras que já sugerem mais ou menos sua finalidade no jogo, ele está

¹¹⁷ *Investigações Filosóficas*, 2005, I, § 08.

interessado em mostrar que o jogo todo funciona, exatamente, porque o jogo todo tem uma finalidade quando usado e a finalidade dada ao jogo de linguagem no uso é que permite conferir a ele um sentido. A prova disto, no exemplo do parágrafo 8, é que os falantes conseguem comunicar e entender os fins visados com o jogo, isto é, A dá uma ordem e B consegue executá-la adequadamente, a cada lance do jogo.

Vejamos ainda outro parágrafo das *Investigações* que reforça a idéia de que o sentido (*Sinn*) é atribuído naquela parte do uso que visa um fim. Neste parágrafo, tentando mostrar que um dos enganos do jogo de linguagem que tenta falar sobre a dor consiste em considerá-la ora como uma coisa ora como um nada, Wittgenstein aponta a raiz desse engano numa confusão gramatical que, acreditamos, ajuda a entender ainda melhor a idéia de que o sentido (*Sinn*) se constitui na finalidade dada ao uso do jogo de linguagem. O engano referente ao tema da dor, portanto, não nos interessa aqui, mas sim a consideração feita por Wittgenstein sobre a possibilidade de se desvencilhar de tal engano:

O paradoxo só desaparece, então quando nós rompemos radicalmente com a idéia de que a linguagem funciona sempre de uma forma, presta-se sempre ao mesmo objetivo: transmitir pensamentos – sejam esses então pensamentos sobre casas, dores, bem e mal, ou o que quer que seja.¹¹⁸

O paradoxo se dissolve, neste caso, quando se rompe com a idéia de que a linguagem funciona sempre da mesma maneira e presta-se sempre ao mesmo objetivo. Notemos que o termo objetivo está sendo posto na citação acima como tradução para *Zweck*, isto é, aquele fim visado onde pensamos ter identificado como a parte do uso onde se constitui o sentido. Este objetivo ou finalidade, não é estático, não funciona sempre do mesmo modo nem visa sempre o mesmo fim. Para os que pensam que a linguagem funciona sempre do mesmo modo e presta-se sempre ao mesmo fim como, por exemplo, pensou o *Tractatus*, a finalidade da linguagem, no dizer da citação acima, consiste em transmitir pensamentos acerca de coisas, de sensações, do bem e do mal etc. Mas, no ponto de vista das *Investigações* a linguagem não funciona de um único modo, não serve a uma única finalidade, nem sua finalidade consiste em transmitir pensamentos. Continuam as *Investigações*:

Paralelo enganador: O grito, uma expressão da dor – A proposição, uma expressão do pensamento!

Como se a finalidade da proposição fosse fazer saber a alguém como o outro se sente: só que, digamos, no aparelho de pensar e não do estômago.¹¹⁹

¹¹⁸ Idem, I, § 304.

¹¹⁹ Ibidem, I, § 317.

A finalidade da proposição não é dar a conhecer o que se passa com outra pessoa. Aliás, ela pode ter uma finalidade, mas também poder ter várias finalidades e, consequentemente, ter vários sentidos, dependendo da situação. Por isso, mostra Wittgenstein, a finalidade da proposição não é transmitir pensamentos ou fazer saber como o outro se sente, como destaca o texto acima dizendo, com certa ironia, só que no aparelho de pensar e não no estômago. Wittgenstein contesta radicalmente esse modo de ver,¹²⁰ para ele a finalidade da linguagem não é transmitir pensamento e sim fazer com que os falantes possam agir e interagir coletivamente, porque a linguagem é uma atividade.

É possível perceber agora que o paradoxo de que falou o parágrafo 304, citado acima na nota 56, e o engano de que falou o parágrafo 317, citado logo acima, consistem, exatamente, na mesma ilusão, isto é, pensar que a proposição só tem uma finalidade, consequentemente, que só tem um único sentido (*Sinn*). Para evitar esse engano ou essa ilusão, aconselham as *Investigações*: “Pergunte-se: Com que oportunidade, com que finalidade, dizemos isso? Que modos de agir acompanham estas palavras? (pense na saudação!) Em que cenas são usadas; e para quê?”¹²¹ Perguntar-se pela finalidade é perguntar-se para que se faz uso de um jogo de linguagem como, por exemplo, da saudação. Isso põe em evidência o sentido (*Sinn*) do jogo de linguagem porque evita o engano de pensar que ele tem o mesmo sentido (*Sinn*) em todas as situações em que é usado, pois os jogos de linguagem visam finalidades diversas e de muitos modos e, por isso mesmo, podem ganhar sentidos diversos.

Consideremos ainda outra passagem das *Investigações* que reforça a afirmação de que o sentido se dá na finalidade atribuída à frase ou ao jogo de linguagem, trata-se no seguinte parágrafo:

Mas você não irá negar que uma determinada ordem em a) diz o mesmo que uma em b); e como você pretende, pois, chamar a segunda senão de forma analisada da primeira?” – eu diria, sem dúvida, que uma ordem em a) tem o mesmo sentido (*gleich Sinn*) que uma ordem em b); ou como me expressei, anteriormente: elas realizam o mesmo que significa: se por ventura me mostrarem uma ordem em a) e me colocarem a pergunta “a que ordem em b) ela contradiz?”, eu responderei desta e daquela maneira. Mas com isso não se disse que, no geral, chegamos a um entendimento comum sobre o emprego da expressão “ter o mesmo sentido” ou “realizar o mesmo”. Pode se perguntar, a saber: em que caso dizemos “estas são apenas duas formas diferentes de um mesmo jogo?”¹²²

Aqui, rejeitando a idéia de que uma ordem em (b) seja a forma analisada da mesma ordem em (a), Wittgenstein sustenta que elas têm o mesmo sentido (*gleich Sinn*), porque

¹²⁰ A finalidade da linguagem é exprimir pensamentos”. – desta forma, a finalidade de toda frase é exprimir um pensamento. Que pensamento exprime p.ex., a frase “chove”? Ibidem, I, § 317.

¹²¹ Ibidem, I, § 489.

¹²² Ibidem, I, § 61.

realizam o mesmo (*leisten dasselbe*). Ao que parece, nesta expressão encontra-se também, de modo semelhante, a idéia de que é na finalidade que se atribui o sentido (*Sinn*) da frase ou do jogo de linguagem. De fato, Wittgenstein admite, no texto acima, que as duas ordens têm o mesmo sentido (*Sinn*), porque dizem o mesmo, mas, alerta seu ‘interlocutor’ que não deseja que se pense que com isso já se chegou a um acordo comum sobre o emprego da expressão *gleich Sinn* e da expressão *leisten dasselbe*. O que mostra o cuidado de Wittgenstein em não querer dar uma definição cabal, fechada para o sentido (*Sinn*), nem que o sentido (*Sinn*) seja algo fora dos dois jogos, que se aplica aos dois igualmente, mas apenas que ele é o mesmo porque se constitui de modo igual nas duas ordens que realizam a mesma finalidade. Noutras palavras: o sentido (*Sinn*) não pré-existe jamais ao jogo de linguagem, mas ele se constitui no mesmo ato de usar e dar finalidade ao jogo de linguagem.

A análise das situações levantadas no parágrafo 556 das *Investigações*, como vimos nas páginas acima, mostrou que parece possível admitir, naquelas situações exemplificadas, nas frases onde “X” e “Y” ocorreram sem repetição e tiveram significados (*Bedeutung*) diferentes e sentidos (*Sinn*) iguais, que o sentido (*Sinn*) parece se distinguir do significado (*Bedeutung*) pelo fato de que o sentido (*Sinn*) está mais relacionado com a finalidade atribuída às frases e o significado está mais relacionado com o uso (*Gebrauch*), enquanto emprego. Mas, em que consiste mesmo a finalidade dada a uma palavra, ou a uma frase, ou a um jogo de linguagem nas *Investigações*?

A finalidade que se pode atribuir a uma palavra, frase ou jogo de linguagem é um assunto muito vasto para analisarmos ele minuciosamente aqui. Não pretendemos alcançar os seus detalhes, nas *Investigações*, mas, a compreensão que nos permita entender porque parece possível dizer que o sentido está relacionado a ela, isto é, porque parece possível dizer, ao menos no caso que analisamos acima, que é na finalidade dada ao uso de uma palavra ou frase, no jogo de linguagem, que o sentido lhe é conferido.

As *Investigações* se referem à finalidade como uma característica que os falantes atribuem, por exemplo, a um conceito. Vejamos um exemplo do seu próprio texto:

Às vezes as ordens não são cumpridas. Como seria, porém, se as ordens nunca fossem cumpridas? O conceito “ordem” teria perdido sua finalidade.¹²³

A finalidade de um conceito, pelo que se pode ver nesta citação, pode deixar de existir se a sua aplicação não funcionar. Ele pode, simplesmente, nunca alcançar ou deixar de alcançar o objetivo para o qual é usado. E isso também pode valer para uma palavra ou

¹²³ Ibidem, I, §345.

uma combinação de palavras. De fato, se uma frase deixa de ter finalidade, para as *Investigações*, ela fica sem sentido e é excluída da linguagem, é retirada de circulação.¹²⁴ Mas, se a finalidade de um conceito ou de uma palavra pode deixar de existir na prática de uma comunidade falante é porque é a própria comunidade falante quem dá a finalidade ao conceito e às palavras que ela escolhe usar. Na citação acima Wittgenstein mostra que o conceito “ordem” perderia sua finalidade se as ordens nunca fossem obedecidas.

Isso permite ver que, nas *Investigações*, a finalidade aparece não como uma fronteira estática, que se possa fixar previamente, mas como o horizonte buscado pelos falantes de uma linguagem em cada situação concreta em que, por meio da linguagem os indivíduos podem “agir desta ou daquela maneira”.¹²⁵ Ela é tão variada quanto os interesses e necessidades dos falantes que estão de acordo numa forma de vida, por isso, semelhantemente, o sentido que é conferido por meio dela é igualmente variado, dependendo das situações de uso. Mas, a finalidade de que tratam as *Investigações*, com relação à qual se constitui o sentido de uma palavra ou frase, por exemplo, se refere a um fim prático ou apenas teórico, isto é, a finalidade visa um resultado prático ou apenas cognitivo?

As *Investigações* não consideram essa separação quando trata da finalidade da linguagem. Uma linguagem é uma atividade, ela faz parte de uma forma de vida, para as *Investigações*. Ela não é um esquema abstrato, teórico, como, por exemplo, pensou Wittgenstein no *Tractatus*. Por isso, a finalidade quando lhe é atribuída é também prática. As palavras, as frases, os jogos de linguagem são sempre ações que encontrarão reconhecimento e poderão provocar ações ou reações nos indivíduos daquela comunidade falante onde as palavras, as frases, os jogos de linguagem forem usados com finalidades reconhecidas por aquele grupo. Wittgenstein dá um exemplo muito ilustrativo a esse respeito:

Imaginemos que esta exteriorização tome sempre a mesma forma: “Eu dizia a mim mesmo: ‘se ao menos eu pudesse ficar mais tempo!’” A finalidade de uma tal comunicação poderia ser fazer com que o outro tome conhecimento de minhas reações.¹²⁶

A finalidade da comunicação de que trata a citação acima, lembra Wittgenstein, poderia ser fazer com que o outro tome conhecimento de minhas reações. Mas, noutro caso, nada impede que a finalidade fosse outra. Nada impede, por exemplo, que a finalidade fosse obter algum tipo de ajuda ou permissão para que a pessoa a quem se dirige a frase pudesse ficar mais tempo. Com

¹²⁴ Cf. Ibidem, I, §500.

¹²⁵ Ibidem, I, § 496.

¹²⁶ Ibidem, I, §657.

isso, parece que podemos considerar a noção de finalidade, nas *Investigações*, para tentar entender a afirmação de que o sentido é constituído por meio dela, como a aplicação da palavra, ou frase ou jogo de linguagem em vista do objetivo que os seus usuários desejam alcançar como, por exemplo, ordenar, ensinar, pedir, exemplificar etc. E tal finalidade, como se viu, não é uma finalidade meramente teórica, mas, assim como ela mesma é parte de uma atividade, o que ela visa é sempre parte de uma atividade também, segundo as *Investigações*. Se os pedidos nunca fossem atendidos, a palavra ‘pedido’ não teria nenhuma finalidade, para ilustrar fazendo um paralelo com o que Wittgenstein disse mais acima sobre a palavra ‘ordem’.

Chegando ao final deste subtema, podemos perceber que as *Investigações* não se referem a sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) como sinônimos. Contudo, distinguir um do outro não parece fácil. Procuramos analisar um caso que parece ter oferecido uma pequena e favorável senda para tentar alguma diferenciação. O caso analisado apontou o sentido (*Sinn*) mais relacionado com a dimensão da finalidade dada ao uso (*Gebrauch*) das frases e das palavras nos exemplos analisados e, o significado (*Bedeutung*) como sendo mais relacionado com o uso (*Gebrauch*), enquanto emprego. É cabível esta suspeita? Sem dúvida, ela tem muitos limites e demanda uma continuidade da pesquisa, o que esperamos poder fazer num futuro próximo, mas, ao que parece, ao menos como hipótese, ela tem uma boa margem de pertinência.¹²⁷

A finalidade dada à palavra, à frase ou ao jogo de linguagem, pelo que se pôde entender dos casos analisados é o modo de conferir o sentido, é uma parte do uso (*Gebrauch*), não uma formula *a priori*. Não pretendemos generalizar e dizer que isso vale para todos os casos, mas, como aconselham as *Investigações*: “Pergunte-se: Como se leva alguém à compreensão de um poema ou de um tema? A resposta a esta questão diz como aqui se esclarece o sentido.”¹²⁸ A mesma linguagem usada para uma poesia pode ser usada para apresentar um tema de história, por exemplo. Compreender o sentido (*Sinn*), num e noutra caso, vai depender de compreender a finalidade atribuída a cada jogo concretamente, isto é, o sentido (*Sinn*) que lhe é dado ao tentar alcançar o fim desejado. Mas, quais os aspectos do sentido (*Sinn*) que se põem em evidência, considerando, pelo menos no caso que vimos acima, que ele aparece como sendo atribuído à linguagem no uso que os falantes fazem dela visando uma finalidade específica em cada situação concreta,

¹²⁷ Sabemos que nos aventuramos numa região de difícil acesso nesse ponto, pois não encontramos muito apoio na literatura corrente sobre esse esforço de distinguir sentido (*Sinn*) de significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*, o que não quer dizer que não exista e caso exista, esperamos poder encontrar a fim de enriquecer nossa pesquisa ou corrigir o que não for pertinente. Mas, caso ainda não se tenha dado a devida atenção ao assunto, a tentativa que procuramos empreender deseja ser um início de diálogo, não uma opinião categórica.

¹²⁸ *Investigações*, I, § 533.

segundo as *Investigações*? O subtema seguinte tentará mostrar que são o aspecto dinâmico e o aspecto público e, para uma melhor exposição, procurará dividir o assunto sobre eles em dois pontos, também visando aprofundar melhor cada um deles.

2.5. Os aspectos do sentido nas *Investigações*

O sentido, pelo menos no caso que analisamos, aparece como algo que é atribuído à palavra ou à frase na finalidade que os falantes dão a elas num jogo de linguagem. Por isso, ele não é algo estático, mas, pelo contrário pode ser tão variado quanto variadas podem ser as finalidades com que o jogo de linguagem for usado. Disto decorrem, pelo menos, dois aspectos do sentido que merecem ser bem considerados. Primeiro, o sentido não é algo determinado formalmente, ele é por assim dizer, determinável em cada jogo, por isso um aspecto que logo chama a nossa atenção, na concepção de sentido das *Investigações*, é o seu aspecto dinâmico. Segundo, o sentido não é atribuído a uma frase ou a um jogo de linguagem, por exemplo, porque um indivíduo decidiu dar este ou aquele sentido à frase ou ao jogo de linguagem, ele é conferido à frase ou ao jogo de linguagem no uso coletivo. Até porque, não é possível, para as *Investigações* existir um jogo de linguagem que não seja público e cujo sentido (*Sinn*) não seja dado, digamos, pela coletividade dos seus usuários. E isto constitui o outro aspecto marcante do sentido nas *Investigações* que é o aspecto público. Consideremos detalhadamente esses dois aspectos do sentido (*Sinn*), a fim de compreender melhor o que as *Investigações* afirmam sobre eles. Vejamos primeiro um e depois o outro.

2.5.1. O aspecto dinâmico do sentido nas *Investigações*

Nas *Investigações*, o sentido tem um caráter acentuadamente dinâmico. Ele não é estático, rigoroso, lógico, como pregou o *Tractatus*. Ele está relacionado à definição de linguagem como realidade aberta, criativa, sem uma essência prévia fora de si. Por isso, ele é fluido, mutável e dinâmico, plasmado no jogo da linguagem, nas mais variadas situações. Todavia, isto não significa indeterminismo ou caos lingüístico:

O sentido da proposição – diríamos – pode, sem dúvida deixar em aberto isso ou aquilo, mas a proposição tem que ter um sentido determinado. Um sentido determinado, – não seria propriamente sentido algum. – Como uma delimitação imprecisa não é, propriamente delimitação alguma. Pensa-se aqui mais ou menos assim. Quando digo: ‘tranquei o homem no quarto firmemente – apenas uma porta ficou aberta’ – desta forma não o tranquei absolutamente. Ele está trancado

apenas aparentemente. Estaríamos inclinados a dizer aqui: ‘Agindo assim você não fez absolutamente nada’. Um cercado que tem um buraco vale tanto quanto nenhum. – Mas isto é verdade?¹²⁹

Não. Não é verdade que um cercado que tem um buraco vale tanto quanto nenhum. Ele vale para muitas coisas e em muitas partes, apenas ele diz que por algum lado há saída e por outros não, por um lado ele é ilimitado e por outros não. Também não é verdade que trancar um homem num quarto que conserva uma porta aberta significa ter feito ‘absolutamente’ nada. Significa que para alguns lados ele tem limites a observar e noutro lado o limite está aberto. Assim também é o sentido: uma vez que se constitui, na finalidade com que o jogo de linguagem é usado, ele se define, pode ser compreendido e pode ser analisado no jogo de linguagem em que ocorre. Mas, isso não quer dizer que ele não possa ser considerado sentido, pelo fato de não ter sido rigorosa e previamente definido. Também não quer dizer que, uma vez constituído no jogo de linguagem, ele esteja totalmente determinado, pelo fato de ter se definido numa situação.

Nota-se, pois, que o sentido, nas *Investigações*, constitui-se de modo extraordinariamente dinâmico. Ele revela-se dinâmico no seu constituir-se, pois aparece ligado à finalidade da linguagem e esta é atribuída de inúmeras maneiras ao uso da linguagem e, ele revela-se dinâmico também após acontecer no jogo de linguagem, pois continua aberto para novos modos de constituir-se, dependendo das circunstâncias. António Marques, no artigo “A crise da linguagem representacionalista em Wittgenstein” ilustra essa possibilidade de variedade do sentido, dependendo das circunstâncias, com notável clareza, dando um exemplo com a palavra ‘água’. Vejamos:

A palavra “água” tem um sentido que certamente decorre do seu uso designativo (alguém inquirindo acerca do seu sentido, aponta para um rio), mas outras aplicações ou usos são possíveis. Pense-se na mesma exclamação “água!” e em sentidos tão diferentes como no pedido de alguém sequioso, na ordem dada aos passageiros de um barco para saltarem para fora da embarcação ou na resposta do aluno à pergunta, ‘o que é H₂O?’.¹³⁰

A intenção do autor no texto acima é mostrar que o uso designativo da linguagem é possível, porém, não é o único uso que tem sentido. O exemplo que ele constrói, contudo, ilustra muito bem o que estamos analisando neste ponto, isto é, o aspecto dinâmico do sentido. A palavra ‘água’, destaca o texto citado, pode ter sentido num uso designativo como, por exemplo, quando alguém a pronuncia e aponta para um rio, mas, ela também pode ter sentido noutras aplicações como, por exemplo, para expressar o pedido de alguém

¹²⁹ Ibidem, I, § 99.

¹³⁰ MARQUES, António, em Revista portuguesa de filosofia 58 n.3, 2002, p. 544.

sequioso, para expressar a ordem dada aos passageiros de um barco para se atirarem fora da embarcação ou para responder ao aluno que interroga, ‘o que é H₂O?’ ao seu professor.

Isto que acabamos de dizer evidencia o lado mutável do sentido, nas *Investigações*, o que também expressa ainda melhor o seu aspecto dinâmico, isto é, que ele não se apresenta preso a nenhuma necessidade lógica, mas como algo que é dado de diversos modos, dependendo das circunstâncias. Por isso, ele também nunca pode ser deduzido nem goza de universalidade. Desde o livro azul, Wittgenstein já havia superado aquela postura que ele chamou de ‘horror ao particular e vontade de generalização’, que constituem uma das fontes privilegiadas de erro da época moderna. Avesso à pretensão de generalidade ele mostra, nas *Investigações*, que a grande marca do sentido é a dinamicidade. Que, pelo fato do sentido ser atribuído como algo que não é necessário, ele pode ser diverso noutra circunstância, dependendo da forma de vida dos falantes, pois ele acontece no próprio exercício da linguagem. Afirmam as *Investigações*:

Se alguém, por exemplo, diz que a proposição ‘Isto está aqui’ (apontando para um objeto diante de si) tem sentido para ele, então ele poderia perguntar-se, em que condições específicas se emprega realmente esta proposição. Nestas é que ela tem sentido.¹³¹

O sentido, portanto, se apresenta como algo que a proposição ganha nas condições específicas onde ela é empregada e, como se disse antes, ele aparece como sendo relativo à finalidade dada à proposição no seu uso concreto. Ele não existe fora dessas condições. Se a finalidade atribuída ao jogo de linguagem muda, no todo ou em parte, ele muda também. Notemos, na citação acima, como a relação do sentido com as circunstâncias que o constituem põe em evidência o caráter dinâmico do sentido. Contrário à tradição filosófica que o precedeu e sustentava a precisão lógica do sentido, Wittgenstein sustenta, agora nas *Investigações*, que o sentido altera-se conforme as circunstâncias em que ele se dá. Circunstâncias estas, que permitem que o sentido seja conferido à proposição e que dizem quando um jogo de linguagem faz sentido e também quando não faz sentido. Só para exemplificar isso, tomemos as seguintes palavras de Wittgenstein: “a questão é: em que circunstância tem sentido dizer: ‘Eu tive... em mente’ e que circunstância me justificam dizer ‘Ele teve... em mente’?”.¹³² Claro, não queremos aqui dizer o que Wittgenstein entende por ter em mente, nem mostrar nenhuma situação em que faça sentido dizer ‘ele teve em mente’, o que queremos é acentuar o quanto o sentido é relativo às circunstâncias que o constituem, para as *Investigações*, a ponto de um jogo de linguagem que não tem

¹³¹ *Investigações Filosóficas*, I, §117.

¹³² Idem, Parte I, §557.

sentido numa circunstância, poder ter sentido noutra. Como exemplifica o próprio Wittgenstein dizendo: “‘A julgar pela minha colocação, creio nisso’. Bem, poderíamos imaginar circunstâncias em que estas palavras teriam sentido”.¹³³

O aspecto dinâmico do sentido pode ainda ser visto em relação ao número ou pluralidade. Acima já se mostrou que duas expressões podem ter o mesmo sentido, depende da finalidade dada ao uso. Mas, também se pode ver casos opostos, isto é, em que uma mesma expressão pode ter vários sentidos, dependendo da finalidade que lhe é atribuída. Ilustram as *Investigações*:

O significado secundário não é um significado ‘figurado’. Quando digo ‘A vogal *e* é amarela para mim’ não tenho em mente: ‘amarelo’ em sentido figurado – pois eu não poderia exprimir o que quero dizer de maneira diferente a não ser por meio do conceito ‘amarelo’.¹³⁴

A citação mostra que se aquela expressão “A vogal *e* é amarela para mim” fosse tomada em sentido figurado ela significaria outra coisa. Isso mostra que uma expressão que, num sentido figurado, expressa um sentido, num sentido literal pode expressar outro bem diferente. Assim, a mesma expressão pode suscitar mais de um sentido, dependendo da perspectiva com que é empregada. Wittgenstein apresenta outro exemplo muito interessante para ilustrar esse ponto de vista de que um jogo de linguagem pode ter mais de um sentido em situações diferentes:

Quando compararmos a proposição com uma imagem, temos que considerar se a compararmos com um retrato (uma exposição histórica) ou com um quadro de gênero. E ambas as comparações têm sentido.¹³⁵

A proposição, no caso acima, se comparada com uma imagem enquanto retrato terá um sentido, se comparada com uma imagem enquanto um quadro terá outro sentido. No primeiro caso a proposição seria como a cópia que alguém faz com uma máquina fotográfica, uma espécie de xerox, já no segundo caso ela seria como a interpretação que um artista faz ao pintar um quadro. Em *Apresentação do mundo, considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein* Arthur Giannotti enfatiza este lado fluído do sentido que, por ser atribuído em cada situação concreta de uso, só se determina ao longo do caminho, isto é, na prática:

O sentido é um processo reflexionante que se determina ao longo do caminho, de sorte que nem sempre pode ser flagrado pela palavra *isto* da pergunta ‘O que isto quer dizer?’.¹³⁶

¹³³ Ibidem, II, p 252.

¹³⁴ Ibidem, II, p 281.

¹³⁵ Ibidem, I, § 522.

¹³⁶ GIANNOTTI, J. A., 1995, p. 95.

Notemos como esta citação acentua o aspecto dinâmico do sentido, ao mesmo tempo em que acentua também a dificuldade de detectá-lo, determiná-lo, até mesmo numa frase. Ao dizer que o sentido é um processo reflexionante que só pode ser determinado ao longo do caminho, isto é, na aplicação da frase, o texto acima põe em relevo, o que também já dissemos antes, que o sentido não pré-existe ao uso e que, mesmo tendo sido atribuído num jogo de linguagem, a uma palavra ou a uma frase, ele deixa de ser util, digamos, arredio à tentativa de ser determinado. Por isso, insiste Arthur Giannotti, no texto acima, nem sempre se consegue flagrar o sentido pela palavra *isto*, na pergunta ‘o que *isto* quer dizer?’.

Como dissemos antes, não há uma palavra para dizer o que é o sentido porque ele já se constitui no uso da palavra, não a precede de forma alguma. Não é possível defini-lo porque ele só acontece no jogo de linguagem. Mas, agora se percebe outro importante motivo pelo qual o sentido não pode ser dito nem definido formalmente nas *Investigações*. Trata-se do seu aspecto dinâmico. Ele não pode ser definido antes de ser atribuído num jogo de linguagem porque ele não pré-existe, é contingente e, não pode ser definido após se constituir no jogo de linguagem, porque mesmo tendo ocorrido no jogo não ele se revela como um conceito que possa ser fixado numa definição. Ele continua fluído, dependente da finalidade que se busca alcançar em cada jogo de linguagem, nas diversas circunstâncias da vida de seus usuários. Ele só pode ser analisado no funcionamento da linguagem. Tentar defini-lo é tentar explicá-lo, colocá-lo numa formula, mas, para Wittgenstein, o “nossa erro está em buscarmos uma explicação lá onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos originários’. Isto é, onde deveríamos dizer: joga-se este jogo de linguagem”.¹³⁷ E isto serve também para o caso do sentido: a fonte do erro será buscar uma explicação para ele que seja válida em todos os casos, que caia na ilusão de pensar que pode defini-lo numa fórmula válida para todas as situações quando, o certo, seria dizer: ‘joga-se este jogo’ e, ‘tem este sentido, nesta circunstância’. E aí não teríamos uma definição do sentido para toda e qualquer circunstância, mas a atenção se voltaria para procurar conhecer o sentido do jogo que tem diante de si.

Para escapar do engano de pensar que o sentido é algo estático, segundo as *Investigações*, é preciso buscar a descrição do uso da linguagem. Tal descrição coloca em evidência o aspecto dinâmico do sentido, isto é, que ele é relativo, entre outras coisas, a cada jogo de linguagem, às circunstâncias e à finalidade almejada em cada jogo de linguagem. Ele é parte de uma forma de vida. Por isso, a descrição do uso da linguagem

¹³⁷ *Investigações Filosóficas*, I, § 654.

pode criar uma visão panorâmica dos modos como cada jogo faz sentido diferente e libertar¹³⁸ os falantes da ilusão de que há um sentido único, absolutamente determinado.

Agora que percebemos a importância do aspecto dinâmico do sentido, para as *Investigações*, surge a pergunta pela relação semântica do sentido, isto é, pela relação do sentido com o mundo, uma vez que ele se determina no uso e de diversos modos. É o caso de nos perguntarmos: Tem sentido aquilo que as pessoas dizem que tem sentido então? Cada um pode dar o sentido que quer ao jogo de linguagem? Que vínculo pode haver entre o sentido e os fatos do mundo? Essas perguntas, contudo, apesar de já emergirem aqui após termos evidenciado o aspecto dinâmico do sentido, só serão abordadas detalhadamente no terceiro capítulo. O próximo ponto, porém, já iluminará o caminho para encontrarmos respostas para elas, pois tentará aprofundar o aspecto público do sentido e com isso há de deixar mais claro o modo como as *Investigações* falam das condições em que o sentido se constitui, num jogo de linguagem. Com o ponto seguinte, portanto, esperamos deixar claro o que é o aspecto público do sentido e preparar o terreno para, em seguida, começarmos a analisar a relação semântica do sentido, nas *Investigações*.

2.5.2. O aspecto público do sentido nas *Investigações*

O aspecto público do sentido é uma decorrência da concepção de linguagem sustentada por Wittgenstein nas *Investigações*. Para ele, nesta obra, a linguagem é uma construção pública que se dá, igualmente, a partir de regras públicas, isto é, regras que são definidas e seguidas no uso coletivo. Dizem as *Investigações*:

Imagine o seguinte caso: Digo a alguém que andei por um caminho seguindo um plano previamente elaborado por mim. A seguir, mostro-lhe este plano, que consiste em riscos sobre um papel; mas não sou capaz de explicar em que medida estes riscos são o plano da minha caminhada, não sou capaz de dizer ao outro uma regra segundo a qual o plano deve ser interpretado. Mas segui aquele desenho com todos os indícios da leitura de mapas. Eu poderia chamar um tal desenho de plano ‘privado’; ou o fenômeno que eu descrevi: ‘seguir um plano privado’. (Mas esta expressão, sem dúvida, prestar-se-ia a mal-entendidos.).¹³⁹

O exemplo imaginado por Wittgenstein, nesta citação, mostra que sem regras que permitam a comunicação do plano, que ele imaginou haver traçado e seguido naquele caso, não é possível haver comunicação. Ele não é capaz de explicar ao outro como o plano deve ser interpretado. Porque sem regras que permitam entender como o jogo de linguagem está

¹³⁸ Qual é o objetivo da filosofia? – Mostrar à mosca a saída do apanha-moscas. Idem, Parte I, § 309.

¹³⁹ Ibidem, I, § 653.

sendo jogado, também não é possível ao outro interpretar o que está sendo comunicado e entender os passos que foram dados. Pelas regras o jogo ganha finalidade e na finalidade que lhe é dada ele ganha sentido. Mas, não poderia Wittgenstein dizer, no caso que não tinha nenhuma regra para ser explicado, que estava seguindo um plano privado? Um plano privado seria um jogo de linguagem privado, o que implicaria regras privadas também, mas para as *Investigações* isso é impossível. Voltaremos a este assunto da linguagem privada mais adiante, primeiro vejamos melhor a idéia de regras e seu uso público, que dá, igualmente, o aspecto público ao sentido, mas que nem sempre é fácil de ser entendida:

O fato fundamental é aqui: fixamos regras, uma técnica, para um jogo, e então, ao seguirmos as regras, as coisas não funcionam tão bem como havíamos suposto; portanto, nós nos enleamos, por assim dizer, em nossas próprias.¹⁴⁰

Nós fixamos as regras, diz Wittgenstein. Elas são uma técnica para um jogo. Elas não são e não poderiam ser privadas, do contrário não haveria comunicação, isto é, não haveria jogo, porque não poderíamos dar finalidade nem sentido aos nossos lances nem o outro jogador poderia rebater. Mas, ao seguirmos as regras nem tudo funciona tão bem como havíamos suposto e terminamos, muitas vezes, enleados em nossas próprias regras. Por que?

Não procuraremos responder exaustivamente a esse ponto, uma vez que queremos apenas acentuar aqui o aspecto público do sentido, que decorre do caráter público das regras que formam o jogo de linguagem e que se constituem no próprio uso do jogo de linguagem. Isso não quer dizer que não seja possível perceber algumas das dificuldades que envolvem o uso das regras no jogo de linguagem, enquanto tentamos aprofundar o assunto em vista do aspecto público, que ajudam a entender porque, muitas vezes, terminamos enleados com as regras que nós mesmos inventamos.

As regras são públicas, dizíamos. Elas são definidas e aplicadas coletivamente e, seguir regras é, para usar uma expressão de Grayling, “essencialmente uma prática social, ou seja, algo que existe numa comunidade; e é a existência de concordância na comunidade que estabelece as regras que seguimos”.¹⁴¹ Isto ajuda a entender quando Wittgenstein diz que “a palavra ‘concordância’ e as palavra ‘regra’ são parentes, são primas. Se ensino a alguém o uso de uma, com isso ele aprende também o uso da outra”.¹⁴²

Mas, como se dá concretamente esse processo? Como as regras são criadas e como se aprende a aplicá-las? Vejamos uma passagem das *Investigações* que pode nos ajudar a encontrar resposta para essas perguntas:

¹⁴⁰ Ibidem, I, § 125.

¹⁴¹ GRAYLING. A.C., 1996, p. 107.

¹⁴² *Investigações Filosóficas*, I, § 224.

Olhemos agora com atenção o seguinte jogo de linguagem: por ordem de A, deve B escrever séries de signos de acordo com uma determinada lei de formação.

A primeira destas séries deve ser a dos números naturais no sistema decimal. – Como é que alguém aprende a entender este sistema? – Primeiramente, são-lhe escritas séries de números, e ele é exortado a copiá-las. (...) Talvez começemos por conduzir sua mão ao copiar a série de 0 a 9; mas, depois, a possibilidade de entendimento vai depender de que ele continue a escrever por si mesmo.¹⁴³

Este exemplo põe os desafios de ensinar uma regra e seguir uma regra. Ambos os desafios são práticos, não teóricos, para as *Investigações*. Ensinar e seguir uma regra são ações e não teoria. E são ações públicas, isto é, coletivas. Não podem ser feitas privadamente. No exemplo acima, quem deve aprender a série dos números naturais no sistema decimal, passa por várias formas de uso, com o auxílio de outra pessoa, para tentar aprender a usar o sistema sozinho. No exemplo, Wittgenstein imagina que alguém pode escrever algumas séries de números e pedir para o aprendiz copiá-las, ou alguém pode conduzir a mão do aprendiz ao copiar a série de 0 a 9, depois, dependendo do entendimento aquele indivíduo pode, talvez, aprender a continuar a escrever por si mesmo. O que temos aqui é que ensinar/aprender uma regra, para as *Investigações*, é uma atividade prática e não teórica. O aluno aprende a regra, aprendendo a usar a regra e não aprendendo uma definição formal dela. Continuam as *Investigações*:

O aluno escreve agora a série de 0 a 9, para a nossa satisfação. – E isto só será o caso se ele conseguir fazer com frequência, e não, se acertar uma em cem tentativas. Continuo conduzindo-o agora na série e dirijo sua atenção para o retorno da primeira série das unidades; a seguir, para este retorno nas dezenas. (O que nada mais significa senão que eu emprego certos acentos, sublinho signos, escrevo um debaixo do outro desta e daquela maneira, e coisa do gênero.) E agora ele continua a série por si mesmo, ou não continua. – Mas, por que você diz isto? Isto é evidente! – É claro; eu queria dizer apenas: o efeito de qualquer explicação ulterior depende de sua reação.¹⁴⁴

O ensino do uso da série dos números decimais, implementado por Wittgenstein no exemplo acima, faz com que o aluno exerce de vários modos a série, percebendo as regras que a determinam: primeiro ele faz notar o retorno da primeira série das unidades, após o 9, fazendo ver que deveria continuar aplicando 10, 11, 12, 13 e continuar até que toda a série da unidade fosse toda aplicada formando uma nova dezena; segundo, ele faz notar o retorno das unidades nas dezenas, provavelmente, mostrando que após o 19 deveria alterar a série na dezena e depois repetir toda a série na dezena que foi alterada fazendo 20, 21, 22, 23 e continuar. Agora, diz Wittgenstein, o aluno poderá continuar por si mesmo ou não a escrever a série corretamente. Ou seja, ele poderá ter aprendido ou não a aplicar a série porque, diz Wittgenstein, toda explicação ulterior depende de sua reação. Se o aluno

¹⁴³ Idem, I, § 143.

¹⁴⁴ Ibidem, I, § 145.

não aprendeu a reagir usando a regra ainda, não será capaz de aplicá-la. Continuam as *Investigações* no mesmo parágrafo:

Suponhamos, porém, que ele, após alguns esforços do professor, continue a série corretamente, isto é, do modo como nós a fazemos. Então podemos dizer: ele domina o sistema. – Mas até que distância ele tem que continuar a série corretamente para podermos dizer isto com razão? É evidente: aqui você não pode indicar nenhum limite.¹⁴⁵

O aluno, no exemplo citado, finalmente, aprendeu a usar a série, isto é, aprendeu a aplicar a regra que forma a série. Mas, pergunta-se Wittgenstein, até que distância deverá continuar a usar corretamente a série para provar que aprendeu a continuar corretamente a série? Não é possível indicar um limite, diz ele. Significa que a aplicação da regra, neste caso, está aberta e o aluno pode prosseguir sem um limite determinado. E se ele não conseguir ir além da terceira série de dezenas, por exemplo, significa que ele não aprendeu a usar a regra de formar a série? Não, significa que ele aprendeu a usar a regra para formar a série somente até aquele ponto, mas que ainda pode e precisa aprender a interpretar a regra para continuar a série rumo às possibilidades seguintes que ela permite.

A interpretação é, pois, de fundamental importância para a aplicação da regra. Dizem as *Investigações* no parágrafo 85:

Uma regra está aí como uma placa de orientação. – Ela não deixa em aberto nenhuma dúvida sobre o caminho que devo seguir? Mostra ela em que direção devo ir quando passo por ela: se seguindo a estrada, ou o caminho do campo, ou pelo meio do pasto? Mas onde está dito em qual sentido eu devo segui-la, se na direção da mão ou (p. ex.) na direção oposta?¹⁴⁶

O que está sendo dito sobre este caso da placa de orientação vale para o caso das regras num jogo de linguagem. A aplicação das regras requer uma interpretação num jogo de linguagem, como requer uma interpretação no caso da placa de orientação. Para que lado seguir no caso da placa e que sentido tem o jogo linguagem só saberá dizer quem puder interpretar as regras usadas para um e para outro, conforme a prática social dessas regras. A interpretação de uma regra, contudo, “não é uma atividade mental interna, algo oculto, mas uma questão pública; quando alguém vê uma placa de orientação e segue a direção indicada não está obedecendo internamente a uma”,¹⁴⁷ mas está seguindo uma instrução pública, para a qual foi treinado ou treinada socialmente.

Wittgenstein ilustra o seguir uma regra, ainda, como seguir uma ordem:

Seguir uma regra é análogo a cumprir uma ordem. Treina-se para isto e reage-se à ordem de uma maneira determinada. Mas como entender isso se a reação das

¹⁴⁵ Ibidem, I, § 145.

¹⁴⁶ Ibidem, I, § 85.

¹⁴⁷ GRAYLING, A. C., 1996, p. 106.

pessoas tanto diante da ordem como diante do treinamento é diferente: um reage assim e o outro de outro modo diferente? Quem está com a razão? Imagine que você fosse como um pesquisador a um país desconhecido cuja língua você desconhece completamente. Em que circunstâncias você diria que as pessoas de lá dão ordens, cumprem ordens ou se insurgem contra elas etc.? O modo de agir comum dos homens é o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma língua estrangeira.¹⁴⁸

Seguir uma regra, para ele, compara-se a cumprir uma ordem. E isto implica treinamento, aprendizagem. Se obedece assim e assim a uma ordem porque se aprendeu a obedecer desse modo, igualmente, se usa uma regra assim e assim porque foi ensinado que ela se usa desse modo. Mas, e quando se reage de modo diferente? Quando um reage de um jeito e outro reage de modo diferente a uma ordem ou a uma regra que você aprendeu? Isso não muda o que foi dito. As diferenças tanto diante da ordem ou da regra não eliminam nem uma nem outra, porque tanto uma como a outra são aprendidas na prática, apenas dizem que a aplicação é diferente porque as circunstâncias são diferentes e os falantes são diferentes. O que é comum é o sistema de referência, como diz a citação acima, por meio do qual interpretamos o jogo. E este sistema de referência não é um sistema formal *a priori*, mas a forma de vida onde os falantes estão de acordo e na qual se pode entender o uso das regras aplicadas.

A necessidade de interpretação da regra, como dissemos acima, mostra que ela não pode ser estabelecida e aplicada por um único indivíduo. Ela precisa ser estabelecida e aplicada coletivamente. É isto que faz com que não tenha o menor sentido falar de regra privada ou linguagem privada para as *Investigações*. Vejamos agora, sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto, a rejeição wittgensteina à idéia de uma linguagem privada, porque ela ilustra o aspecto público do sentido, visto que este só é atribuído num jogo de linguagem a partir de regras coletivamente reconhecidas.

As *Investigações* só consideram que é possível seguir uma regra se houver mais de uma pessoa envolvida na sua aplicação, do contrário, não há como saber se a regra está sendo seguida ou não.¹⁴⁹ Se a ordem está sendo cumprida ou não, pois querer fazer e seguir sozinho uma regra, não teria o menor sentido. Isso seria como se alguém cada vez fizesse algo diferente e dissesse que estava seguindo uma regra. Wittgenstein rebate dizendo: “Teria sentido dizer: ‘Se ele cada vez fizesse algo diferente, não diríamos: ele segue uma

¹⁴⁸ Idem, I, § 206.

¹⁴⁹ Por isso, ‘seguir a regra’ é uma prática. E acreditar seguir a regra não é: seguir a regra. E por isso não se pode seguir a regra *privatim*, porque, do contrário, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra. Ibidem, I, § 202.

regra'? isto não tem sentido algum".¹⁵⁰ Uma regra privada não é possível nem tem sentido. É preciso um critério externo que mostre se a regra está sendo seguida ou não. É preciso alguém que possa reconduzir ou advertir o desviante na direção da regra. Alfonso Soárez reforça esse ponto de vista:

Por isso não pode haver regras privadas. As regras são públicas: Têm em suas entranhas a possibilidade de que mais de uma pessoa as compartilhem. Seguir uma regra é algo semelhante a obedecer uma ordem. Se não tivesse um acordo nas relações entre os seres humanos não poderíamos falar de seguir uma regra.¹⁵¹
(A tradução é nossa)

Faz parte das regras, insiste Soárez, está entranhada nelas, a possibilidade de ser compartilhada por mais de uma pessoa. É uma necessidade intrínseca. Sem esse acordo compartilhado não se pode falar de seguir regra porque não existe regra que não seja compartilhada. A linguagem privada é impossível, justamente porque não pode existir regra privada. Mas, o que é uma linguagem privada para as *Investigações*? Wittgenstein apresenta o que ele entende por linguagem privada no seguinte parágrafo das *Investigações*:

Um homem pode encorajar a si mesmo, dar ordens a si mesmo, colocar-se uma pergunta e respondê-la. Poder-se-ia também imaginar homens que falassem somente monólogos, que fizessem acompanhar suas atividades com solilóquios. – Um pesquisador que os observasse e escutasse seus discursos poderia saber traduzir sua linguagem para a nossa.(...) Mas seria concebível também uma linguagem na qual alguém, para seu próprio uso, pudesse anotar ou expressar suas vivências interiores – seus sentimentos, seus estados de espírito etc.? – Não podemos fazer isto na nossa linguagem usual? – Mas não é isto que tenho em mente. As palavras desta linguagem devem relacionar-se com o que só quem fala pode saber; isto é, com suas sensações imediatas e privadas. Portanto, outra pessoa não pode entender esta linguagem.¹⁵²

Temos aqui o que Wittgenstein entende pelo problema da linguagem privada: uma linguagem cujas palavras só podem ser conhecidas pelo falante, outro não pode entender. Uma linguagem acompanhada também de sensações imediatas e privadas que só o seu usuário possuiria. Se tal linguagem existisse, necessariamente, seu sentido também seria privado, o que, na ótica das *Investigações*, é impossível. Como exemplifica Grayling, “não pode haver um Robinson Crusoé de nascença que invente e use uma linguagem”¹⁵³ apenas sua. Na verdade, é bom que se diga, a idéia de uma linguagem privada não é nova, nem é uma hipótese inventada por Wittgenstein. Soárez, por exemplo, lembra que se trata de uma

¹⁵⁰ Ibidem, I, § 227.

¹⁵¹ Por ellos no puede haber reglas privadas. Las reglas son públicas: entrañan la posibilidad de que más de una persona las comparta. Seguir una regla es algo similar a obedecer una orden. Si no hubiera un acuerdo in relaciones entre los seres humanos no podríamos hablar de seguir una regla. SUÁREZ, Alfonso García, 1976, p. 63.

¹⁵² *Investigações Filosóficas*, I, § 243.

¹⁵³ GRAYLING, A.C., 2002, p. 140.

idéia herdeira de uma longa tradição, que se expressou de forma radical já em Descartes e Locke, contra a qual Wittgenstein se insurge.

Não é nosso objetivo, contudo, analisar detalhadamente a idéia de linguagem privada antes das *Investigações*, ao destacarmos que ela já existia antes de Wittgenstein, contudo, queremos destacar uma das peculiaridades pelas quais ele lança mão dela, além da intenção de rebater a idéia de um conhecimento privado, que é a intenção de mostrar que a linguagem é uma coisa pública, constituída por meio de regras também públicas que fazem com que os jogos de linguagem tenham, igualmente, um sentido público, isto é, construído coletivamente pelos falantes ao empregarem as regras que formam cada jogo. Isso faz com que o procedimento de Wittgenstein, ao atacar a idéia de uma linguagem privada seja mais elucidativo. Uma vez posto o problema, ele trata de destruir os argumentos que dão sustentação a tal idéia de uma linguagem privada,¹⁵⁴ mostrando seu absurdo ou, no máximo, que tal idéia é um faz-de-conta:

Por que a minha mão direita não pode dar dinheiro de presente à minha mão esquerda? – Minha mão direita pode colocá-lo na esquerda. Minha mão direita pode escrever um documento de doação e a esquerda escrever um recibo. – No entanto, as consequências práticas ulteriores não seriam as de uma doação. Quando a mão esquerda tiver recebido o dinheiro da mão direita, etc., perguntar-se-á: ‘E daí?’ e poder-se-ia perguntar o mesmo se alguém tivesse dado a si mesmo uma explicação privada da palavra; quero dizer, se ele dissesse para si mesmo uma palavra e ao mesmo tempo dirigisse sua atenção para uma sensação.¹⁵⁵

Uma linguagem privada, se existisse, teria que formular seus problemas, respostas, dúvidas e reflexões privadamente. E o resultado seria como se alguém quisesse dar dinheiro com sua mão direita à sua mão esquerda. O resultado desse faz-de-conta da mão direita de alguém ‘dar’ dinheiro à sua mão esquerda não seria uma doação. Do mesmo modo, se alguém tivesse ‘dado’ a si mesmo uma ‘explicação’ privada da palavra não seria o que os outros entendem por explicação nos jogos públicos. Ele poderia dar o nome que quisesse a isso, mas não teria sentido algum porque não tem nenhuma regra que permita dar este ou aquele nome num caso privado. Isto seria uma mera ilusão porque, para usar uma expressão de Ricardo Navia em seu artigo *El Argumento del Lenguaje Privado*, “Em uma linguagem privada ‘nada pode ser dito’ e, portanto, ‘nenhuma questão pode ser levantada’.”¹⁵⁶ (A tradução é nossa)

¹⁵⁴ “El camino que Wittgenstein sigue es entonces el de atacar la posibilidad de un lenguaje privado minando las paredes maestras en las que se apoya”. SUÁREZ, Alfonso García, 1976, p. 61.

¹⁵⁵ *Investigações Filosóficas*, I, § 268.

¹⁵⁶ En un lenguaje privado ‘nada puede ser dicho’ y por tanto ‘ninguna cuestión puede ser planteada’. NAVIA, Ricardo J., em Revista Educação e Filosofia, n.26, 1999, p. 22.

Ao negar qualquer possibilidade de base de apoio para que haja uma linguagem privada, Wittgenstein, como se disse, quer ressaltar que a linguagem é um jogo público, constituído com regras públicas que dão a cada jogo de linguagem um sentido cujo aspecto dinâmico e cujo aspecto público fazem dele um sentido muito diferente daquele sentido, defendido no *Tractatus*, que era próprio da proposição como descrição de algum fato possível. Ele agora é atribuído num jogo de linguagem a partir das regras que dão finalidade ao jogo. Quais são, porém, essas regras que constituem os jogos de linguagem? E ainda: Qual o valor semântico do sentido nos jogos de linguagem, isto é, como ele se relaciona com o mundo uma vez que um jogo de linguagem ganha sentido a partir da finalidade pretendida pelos falantes no uso do jogo e não pela idéia de que ele descreve algum fato possível?

Essas perguntas, como vimos acima, quando terminamos de analisar o aspecto dinâmico do sentido, são decisivas para a compreensão do sentido na ótica das *Investigações*. Tentemos, pois, recolher os ganhos deste capítulo para avançarmos, no capítulo seguinte, em busca de resposta para elas, a fim de completarmos a análise do assunto do sentido, nas *Investigações*, como nos propomos nesta dissertação.

Este capítulo nos permitiu perceber que Wittgenstein abandonou o modelo tractatiano de sentido da proposição como representação dos fatos possíveis e passou à concepção de que o sentido se ganha no uso, como procuramos mostrar no primeiro subtema, acima. Por isso, passando para o segundo subtema, tentamos fazer um corte na abordagem das *Investigações*, considerando a variedade dos assuntos que elas abordam, a forma como o seu texto está disposto e a peculiaridade do seu método, a fim de permitir que nos concentrássemos no assunto do sentido. Vimos ainda que o método das *Investigações* evita fazer qualquer tipo de definição do sentido, mas procura mostrar exemplos de situações em que fala de sentido, ou de situações em que não se pode falar de sentido. Isto levou-nos, no terceiro subtema, a considerar algumas tentativas de definir o sentido ou de dar uma determinada justificativa para ele, notando que Wittgenstein rejeita a todas. Ou seja: ele rejeita todo tipo de explicação para o sentido que se baseie em alguma referência exterior ao uso da linguagem, seja essa referência exterior ou interior ao sujeito.

Com isso, já no quarto subtema do capítulo, percebemos que Wittgenstein, nas *Investigações*, situa no âmbito do uso tanto o sentido (*Sinn*) quanto o significado (*Bedeutung*) e procuramos focar nossa análise na tentativa de ver se é possível distinguir um do outro, no modo como as *Investigações* falam deles. Analisamos um exemplo levantado por Wittgenstein no parágrafo 556 das *Investigações* e percebemos que ali

Wittgenstein fala de duas sentenças com significados (*Bedeutung*) diferentes e o mesmo sentido (*Sinn*). Tentando entender o que permitiu que aquelas frases tivessem significados diferentes e o mesmo sentido, percebemos que parece possível afirmar uma certa diferença no modo como as palavras ou as frases ganham significado e sentido, num jogo de linguagem, para as *Investigações*. E essa possível diferença parece ser a relação do sentido com a dimensão de finalidade atribuída às palavras ou às frases, num jogo de linguagem, dando ao sentido uma relação mais dinâmica e estreitamente ligada com a capacidade que os falantes têm de atribuir um teor às palavras ou às frases, no uso concreto, visando os mais variados fins, enquanto que o significado se relaciona mais com o uso como emprego e tem um caráter menos dinâmico que o sentido. Procuramos mostrar que essa relação do sentido com a dimensão de finalidade do uso da linguagem e essa possível forma de distinção entre ele e o significado não são propriedades internas de um de outro, mas, que nas situações examinadas tal ponto de vista parecia cabível e que, talvez, em outros casos também fosse possível pensar assim quanto à distinção deles. Mas quanto a isso, ainda é preciso analisar, porque cada caso é um caso e não queremos generalizar apressadamente. O que percebemos é que eles não são sinônimos e alguma característica, de certa forma, diferencia um do outro, para as *Investigações*, ao menos em certos casos.

Considerando, então, que as *Investigações* não dão uma definição do que é o sentido e que este parece estar mais relacionado com a dimensão de finalidade do uso da linguagem do que o significado, no último subtema, analisamos o aspecto dinâmico do sentido, pondo em evidência as características da variedade e da mutabilidade dele, nas *Investigações* e, também analisamos o seu aspecto público, procurando mostrar que a linguagem é uma atividade coletiva, social, constituída a partir de regras estabelecidas publicamente, no uso, pela comunidade falante. A partir dessas regras é que os falantes dão finalidade e sentido à linguagem, nos seus variados e mutáveis jogos de linguagem.

Passemos agora, com a ajuda desses ganhos que acabamos de acenar, para o terceiro capítulo e tentemos considerar como, nas *Investigações*, o sentido se relaciona com os jogos de linguagem, uma vez que é no jogo de linguagem que ele é conferido à palavra, à frase e ao próprio jogo de linguagem. E tentemos considerar também que consequências semânticas se põem em evidência a partir desse jeito de falar do sentido próprio, das *Investigações*.

3. SENTIDO E OS JOGOS DE LINGUAGEM NAS INVESTIGAÇÕES

Procuramos mostrar no capítulo anterior que a noção de sentido nas *Investigações* se afasta radicalmente daquela que sustentou o *Tractatus*. A necessidade de nomes como representantes dos objetos, formando proposições, como descrição de fatos possíveis, para que houvesse sentido, foi superada e uma nova postura para com o sentido, dinâmica e radicalmente diferente, foi desenvolvida nas *Investigações*. Nestas, o sentido se constitui no uso da linguagem, enquanto prática social, inserida no contexto onde vivem seus usuários e dão sentido às palavras, às frases e aos jogos de linguagem, no próprio exercício dos jogos de linguagem.

É nos jogos de linguagem que o sentido é conferido, nas situações concretas do dia-a-dia da coletividade, ao que parece, a partir da finalidade que os falantes visam alcançar. Por isso, ele não brota da representação dos objetos nem de outro tipo qualquer de referência, seja ele fenomênico, lógico ou psicológico, mas do uso, no qual seus falantes aplicam os mais variados sentido para atingir seus objetivos desejados. Pois, a linguagem, no dizer de Friedrich Wallner, “não necessita de nenhuma instância – seja ela de um modo estrutural-lógico ou pragmático-convencional –, que a legitime como linguagem de sentido. Seu sentido não pode ser garantido por uma tal instância, mas sim mostra-se em seu funcionamento”.¹⁵⁷

Neste capítulo terceiro analisaremos a relação do sentido com o jogo de linguagem, tentando entender que implicações semânticas e filosóficas se destacam da concepção de sentido como algo que se ganha no jogo de linguagem, publicamente, nas diversas situações de uso voltadas para os objetivos práticos dos indivíduos, no seio de uma comunidade falante. Para isso, dividiremos o capítulo em dois subtemas.

No primeiro subtema, tentaremos entender a concepção de jogos de linguagem e a relação do sentido com esta idéia de linguagem como jogos. Se o sentido se constitui num jogo de linguagem, temos que nos perguntar como, para as *Investigações*, se configura um jogo de linguagem e como ele pode ser analisado, isto é, de que forma se pode entendê-lo a fim de podermos tentar entender de que modo se pode chegar ao sentido das palavras ou frases empregadas nele ou, até mesmo, de que modo se pode chegar ao sentido do jogo de

¹⁵⁷ WALLNER, Friedrich, 1997, p. 85.

linguagem. Bem como, às implicações que o modo de uso da linguagem como jogos de linguagem poderão trazer para o assunto do sentido.

No segundo subtema, como não há sentido fora do jogo de linguagem, mas somente no jogo de linguagem as palavras, as frases e o próprio jogo ganham sentido veremos se o sentido, conferido à linguagem no jogo de linguagem a partir do uso, de algum modo, vincula-se ao mundo dos fatos. Procuremos, então, analisar nesse ponto qual pode ser a relação do sentido com os fatos, a partir dos jogos de linguagem, que não são mais representações de fatos possíveis, mas que nascem do uso, no contexto de uma forma de vida.

Com esses passos que desejamos dar nos dois subtemas indicados acima, esperamos completar nosso intento maior nesta dissertação que é entender o sentido nas *Investigações*. Quais as lições, inquietações e dúvidas que a compreensão alcançada desta noção de sentido nos trará, após todo esse percurso que estamos fazendo desde o capítulo inicial poderão, quem sabe, aparecer mais delineadamente após o final deste último capítulo. Tentemos, pois, realizá-lo e vejamos em que condições haveremos de chegar lá.

3.1. O sentido e os Jogos de linguagem nas *Investigações*

O sentido se constitui, pelo menos nos casos que pudemos ver no segundo capítulo, a partir da finalidade dada à linguagem nos variados jogos de linguagem, segundo as *Investigações*. Após termos analisado o aspecto público do sentido, no último ponto do capítulo anterior, mostrando como esse aspecto público do sentido decorre do uso de regras públicas que formam o jogo de linguagem em que o sentido é atribuído, vamos agora voltar nossa atenção para a relação do sentido com o jogo de linguagem, porque é no jogo de linguagem que o sentido é conferido a uma palavra, uma frase e ao próprio jogo como um todo. O jogo de linguagem, segundo Wittgenstein, é a forma pública com que os falantes, no uso cotidiano da linguagem, praticam de modo dinâmico e público, nas suas variadas situações de vida e necessidade, a comunicação entre eles. Assim, para poder avançar na direção da compreensão da relação do sentido com o jogo de linguagem, ainda que de forma não exaustiva, mas, suficiente para entender o que é o jogo de linguagem para Wittgenstein e quais suas implicações para o sentido, vamos tentar, de início, esclarecer como as *Investigações* entendem a noção de jogo de linguagem.

Apesar de fazer um amplo uso do termo, Wittgenstein não define o que entende por jogo de linguagem nas *Investigações*. O termo alemão, *Sprachspiel*, traduzido para o português por ‘jogo de linguagem’, e seus derivados, bem como o termo correlato, *Spiel*, traduzido para o português por ‘jogo’, com suas derivações são usados no texto das *Investigações* de forma muito abrangente. Em nenhum momento, porém, elas apresentam uma definição do que é o jogo de linguagem. O que elas apresentam, semelhante ao que fizeram com o sentido, é uma vasta ilustração, por meio de exemplos, dos modos como Wittgenstein usa a expressão de jogo de linguagem. Quando ele tenta dizer o que entende por jogos de linguagem deixa entrever uma grande elasticidade para o uso do termo. Vamos conferir:

(...) também podemos conceber que todo o processo do uso de palavras em (2) seja um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem a sua língua natal. A estes jogos quero chamar jogos de linguagem e falarei por vezes de uma linguagem primitiva como sendo um jogo de linguagem. E poder-se-ia chamar ao processo de nomear as pedras e repetir as palavras também de jogos de linguagem. Pensa no uso que se faz de palavras nos jogos de roda. Chamarei também ao todo formado pela linguagem com as atividades com as quais ela está entrelaçada o ‘jogo de linguagem’.¹⁵⁸

Esta citação mostra o quanto abrangente é a concepção de jogos de linguagem para Wittgenstein. Contudo, apesar desta elasticidade dada ao termo, é possível perceber duas grandes modalidades de uso da noção de jogos de linguagem, que se espalham ao longo do corpo das *Investigações*, onde o termo é aplicado: a primeira modalidade, prioriza a relação das palavras no jogo linguagem e a segunda prioriza a relação dos jogos de linguagem com as atividades em que ele se encontra entrelaçado. Vejamos mais detalhadamente uma e outra.

A primeira modalidade de uso da noção de jogo de linguagem, nas *Investigações*, prioriza a relação das palavras nos jogos e o seu uso lingüístico nas mais variadas formas e dinâmicas. A citação acima, por exemplo, ilustrou esse modo de conceber os jogos de linguagem com alguns casos: o processo pelo qual as crianças aprendem uma língua natal, uma linguagem primitiva de nomear as pedras, o repetir as palavras e o cantar cantigas de rodas. Como a criança aprende uma língua natal? Entre outras formas, repetindo os adultos, vendo e ouvindo-os nomearem os objetos, as sensações e assim por diante.

E o que é uma linguagem primitiva para as *Investigações*? O próprio Wittgenstein ilustra o que entende por essa expressão quando diz que “o jogo de linguagem primitivo, que é ensinado à criança, não necessita de justificação”,¹⁵⁹ porque uma linguagem primitiva é aquela que se adota sem maiores dificuldades para iniciar o uso da linguagem. Wittgenstein chama de jogo primitivo, por exemplo, o jogo de linguagem dos construtores no parágrafo 2º das *Investigações*,

¹⁵⁸ *Investigações Filosóficas*, I, § 07.

¹⁵⁹ Idem, II, p. 262.

que usam uma linguagem constituída de quatro palavras apenas. E o processo de nomear as pedras, que faz pensar na linguagem adâmica que ostensivamente dá nomes às coisas, bem como o uso de cantigas de roda, que são inventadas de inúmeras formas pelas crianças. Esses casos todos exemplificam e ajudam a entender, como Wittgenstein usa a expressão ‘jogo de linguagem’, mas não definem o que é jogo de linguagem. Comentando esse modo como as *Investigações* usam a noção de jogos de linguagem, Cláudio Costa afirma:

Podemos chamar de jogos de linguagem (entre outras coisas) quaisquer fragmentos identificáveis da linguagem, que se deixam analisar como sistemas localizados de regras ou convenções geralmente implícitas, as quais são tidas como simples ou básicas no âmbito do próprio jogo. Eles são basicamente constituídos de quatro elementos: signos, participantes, contextos e regras ou convenções, às quais associam signos, participantes e contextos em conexões significativas. Podemos atomizar de muitas maneiras o todo da linguagem em jogos de linguagem cada vez mais simples, e depois construí-la outra vez pela combinação e ampliação dos últimos.¹⁶⁰

A possibilidade de atomizar a linguagem em jogos de linguagem cada vez mais simples, como destaca o texto acima, e depois construí-la de novo pela combinação ou ampliação dos mesmos é muito abrangente. Os elementos apresentados como constituintes dos jogos de linguagem pertencem ao ponto de vista do autor do texto citado, eles não são formulados desse modo por Wittgenstein nas *Investigações*, não estamos interessados em discutir a sua pertinência nem de analisá-los um a um, mas queremos acolhê-los simplesmente como um esquema que pode ajudar a pensar uma configuração dos jogos de linguagem e que também ajuda a perceber quão variadas podem ser as forma dos jogos de linguagem, pois esses elementos podem ser encontrados e esquematizados em inumeráveis modos de usos da linguagem. Poucos signos, para usar a expressão citada acima, por exemplo, podem formar um jogo de linguagem ou até vários jogos de linguagem, dependendo das regras e dos contextos usados pelos participantes para formar conexões significativas e dependendo também da finalidade que os participantes derem a essas conexões a fim de atribuí-lhes sentido.

Quanto à segunda modalidade de uso da expressão de jogo de linguagem, na citação acima, nota-se que Wittgenstein prioriza a relação do jogo de linguagem com as atividades em que ele está entrelaçado, isto é, a relação do jogo de linguagem com o que Wittgenstein chama de forma de vida. Esta, afirma Grayling, “consiste na concordância de respostas lingüísticas e naturais por parte da comunidade, que desemboca na concordância de definições e juízos e, portanto, de comportamento”.¹⁶¹

¹⁶⁰ COSTA, Cláudio Ferreira, 1996, p. 49.

¹⁶¹ GRAYLING, A.C., 2002, p. 110.

Podemos perceber que, tanto numa modalidade de uso quanto na outra, o jogo de linguagem é um jogo relativo a muitos fatores. Vamos, então, apreciar ainda melhor essas duas modalidades de uso da noção de jogo de linguagem, porque ambas dizem muito para a concepção de sentido nas *Investigações*.

Voltando o olhar mais atentamente para a primeira modalidade de uso da concepção de jogo de linguagem, que acenamos acima, isto é, para a concepção de jogo de linguagem como uma estrutura lingüística que, a partir de regras publicamente definidas, os seus usuários empregam nas diversas formas e circunstâncias da vida social para se comunicarem, temos que uma primeira característica da noção de jogos de linguagem que salta à vista, e que repercute profundamente no assunto do sentido, é a característica da pluralidade. Ou seja: os jogos de linguagem são muitos e variados. Ilustra perfeitamente isso o parágrafo 23 das *Investigações*:

Tenha presente a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos, e em outros:

Ordenar e agir segundo as ordens –
Descrever um objeto pela sua aparência ou pelas suas medidas –
Produzir um objeto de acordo com uma descrição (desenho) –
Relatar um acontecimento –
Fazer suposições sobre o acontecimento –
Levantar uma hipótese e examiná-la –
Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –
Inventar uma história; e ler –
Representar teatro –
Cantar cantiga de roda –
Adivinhar enigmas –
Fazer uma anedota; contar –
Resolver uma tarefa de cálculo aplicado –
Traduzir de uma língua para outra –
Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar.¹⁶²

Esta lista de jogos de linguagem, apesar de vasta, não esgota as possibilidades de formação de outros jogos de linguagem. Ela apenas dá uma idéia da variedade ilimitada dos jogos de linguagem que existem e que podem ser criados nas diversas circunstâncias da vida coletiva. De fato, o mesmo parágrafo 23 da *Investigações* lembra que os jogos de linguagem não são algo fixo, dado de uma vez por todas, mas que novos jogos de linguagem surgem, outros envelhecem e são esquecidos, constantemente.

Sendo os jogos de linguagem uma produção social variada e mutável, ignorar a diversidade deles é um grave erro que as *Investigações* tentam corrigir. Um erro que conduz a outros erros, principalmente, o de pensar que a linguagem tem um uso uniforme,

¹⁶² *Investigações Filosóficas*, I, § 23.

fixo, totalmente definido, com um sentido igualmente fixo. Adverte Wittgenstein, com uma certa ironia, inclusive:

Quem não tem clara a variedade dos jogos de linguagem estará inclinado a fazer perguntas como esta: - ‘O que é uma pergunta?’ – É isto a constatação de que não sei tal e tal coisa, ou a constatação de que eu desejo que o outro possa me dizer...? Ou é a descrição do meu estado psíquico de incerteza? – E o grito ‘Socorro!’ é uma descrição?¹⁶³

Quem desconsidera a variedade dos jogos de linguagem não leva em conta o uso da linguagem e faz perguntas, por exemplo, do tipo “o que é isto?”, como mostra o texto acima. E quem faz isso parece não perceber que esse tipo de pergunta pode ter vários sentidos, dependendo da variedade de aplicação do jogo em que ela ocorre, isto é, dependendo da finalidade que lhe for atribuída. Ela pode, por exemplo, lembrar a citação acima, ser a indicação de que o falante não sabe tal coisa, ela pode ser a constatação de que o falante deseja que o outro lhe diga algo ou pode ser a constatação do estado psíquico daquele que está perguntando

A variedade dos jogos de linguagem põe em relevo a idéia de finalidade, que parece ser a dimensão do uso onde o sentido é conferido à linguagem, no modo como vimos no segundo capítulo. Os jogos são variados porque os falantes dão a eles finalidades diversas de acordo com suas situações e necessidades. E porque são diversos e têm finalidades diversas o sentido é diverso em cada jogo. Como já se mostrou ali no segundo capítulo, um jogo de linguagem pode ter vários sentidos diferentes, dependendo das circunstâncias em que é usado, como também dois jogos podem ter o mesmo sentido, dependendo das suas circunstâncias.

Vejamos outra característica dos jogos de linguagem nas *Investigações* que também é de grande importância para a noção de sentido. Trata-se da característica da independência dos jogos de linguagem:

Aqui nos deparamos com a grande questão que está por trás de todas estas considerações. – É que alguém poderia retorquir: ‘Você facilita muito a coisa! Você fala de todos os jogos de linguagem possíveis, mas não disse em nenhum lugar o que é a essência do jogo de linguagem e, portanto, da linguagem. O que é comum a todos esses processos e os torna uma linguagem ou peças da linguagem (...).’ E isto é verdadeiro. – Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos de linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas, - mas são aparentadas entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de ‘linguagens’. Quero tentar elucidar isto.¹⁶⁴

¹⁶³ Idem, I, § 24.

¹⁶⁴ Ibidem, I, § 65.

Neste texto, Wittgenstein se refere à questão da independência de um jogo de linguagem em relação a outro como uma grande questão. O que nos leva a crer que trata-se de um ponto bastante decisivo para entender o que ele considera como jogo de linguagem. Indagado pelo seu ‘interlocutor’ sobre a essência do jogo de linguagem ele sustenta que não há uma essência do jogo de linguagem, que os jogos de linguagem não têm sequer uma coisa em comum. No máximo, os jogos de linguagem são aparentados de muitas maneiras diferentes. Notemos que Wittgenstein está dizendo que não há nada que seja comum a todos os jogos de linguagem. O que não quer dizer que não haja alguma afinidade entre alguns mais aparentados, como por exemplo, os jogos de linguagem que narram estórias ou os que orientam as pessoas com o uso de medicamentos. Esses jogos lidam com algo que, de certo modo, é mais familiar entre eles: uns narram contos, outros orientam como remédios, mas, o que Wittgenstein está alertando é que não há nada que seja comum a todos. Ou seja, que não há uma essência que seja compartilhada por todos os jogos de linguagem. Devemos entender aqui que, ao negar que os jogos tenham uma essência, Wittgenstein está se opondo àquela idéia de essência como algo único, externo aos jogos de linguagem, do qual todos os jogos de linguagem participam e do qual eles são apenas manifestações. Guardemos, portanto, a ressalva de que as *Investigações* consideram a essência de modo bastante diferente. A essência, dizem elas, “se expressa na gramática”. Mais adiante voltaremos à idéia da gramática das *Investigações* porque ela tem a ver com os jogos de linguagem e com o sentido.

É preciso agora analisarmos a tentativa de Wittgenstein de elucidar a afirmação de que não tem nada que seja comum a todos os jogos. No parágrafo seguinte ele apresenta uma diversidade de jogos para mostrar que não há nada em comum entre eles:

Observe, p. ex., os processos a que chamamos ‘jogos’. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos esses jogos? – Não diga: ‘Tem que haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’’ – mas olhe se há algo que seja comum a todos. – Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. Como foi dito: não pense, mas olhe! (...) E o resultado desta observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala.¹⁶⁵

Wittgenstein insiste que seu leitor observe a variedade dos jogos e constate que não há nada que seja comum a todos eles. Essa constatação não é resultado de nenhuma reflexão, segundo Wittgenstein, ela se confirma no simples olhar, no olhar que constata a realidade do uso dos jogos de linguagem e ver que realmente não há nada em comum a todos eles. E percebe também que a única coisa que há entre os jogos de linguagem são algumas semelhanças, “em

¹⁶⁵ Ibidem, I, § 66.

grande e pequena escala, que se entrecruzam formando uma complicada rede". Ele não aceita que seu leitor argumente dizendo que 'tem de haver algo em comum', se não tivessem nada em comum não seriam chamado de jogos.

O que poderia mesmo ser alegado, pelo leitor imaginado por Wittgenstein, de haver em comum entre os jogos? Imaginemos que sejam as regras. Todo jogo tem regras, portanto, ter regras é algo comum a todos os jogos. Neste caso, Wittgenstein insistiria com seu leitor que procurasse ver bem o uso concreto dos jogos. Ter regras não é ter algo comum, na ótica das *Investigações*, porque ter regras é o modo público dos falantes organizarem os jogos e não um padrão que todos os jogos compartilhem. Dizer que ter regras é comum a todos os jogos é como dizer que ter sentido é comum a todos os jogos, ter significado é comum a todos os jogos, ter palavra é comum a todos os jogos de linguagem e assim por diante. Mas, ter sentido, ter significado e usar palavras, por exemplo, não são 'algo' comum a todos os jogos, são o modo como o jogo é jogado em cada contexto, o modo como o jogo é construído a partir da situação dos falantes e não de 'algo' comum a todos os jogos. O que Wittgenstein quer que seu leitor perceba é que não há nada externo ao uso do jogo de linguagem que seja comum a todos os jogos de linguagem. Ou seja, que ele não postule nenhuma essência oculta da qual os jogos de linguagem recebem o sentido. Para ele o oculto não interessa.

Quanto à imagem da 'complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam', não pretendemos analisar de que modo se pode determiná-la no tocante, por exemplo, aos pontos que se entrecruzam. Queremos destacar que as malhas dessa rede são, por assim dizer, como sugere a citação acima, os jogos ou as semelhanças existentes entre eles e queremos examinar se, de algum, essa rede pode apanhar algo da realidade, bem como se algum sentido pode ser dado a ela nessa tarefa de 'pescar' a realidade. Por isso, haveremos de voltar a essa imagem da rede quando formos analisar o aspecto semântico dos jogos e linguagem.

Considerando, contudo, que cada jogo de linguagem é independente dos demais, como propõem as *Investigações*, nota-se algumas consequências importantes para a concepção de sentido. Como o sentido é conferido no jogo de linguagem e os jogos são independentes uns dos outros, o sentido de um jogo não ameaça o de outro. Cada jogo de linguagem tem o seu sentido. Mas, aí surgem as perguntas: A independência dos jogos de linguagem faz com que eles sejam totalmente fechados em si? É possível, nesse caso, comunicar o sentido de um jogo a pessoas que compartilham jogos diferentes? Vejamos o que dizem as *Investigações*:

De que modo está fechado o conceito de jogo? O que é ainda um jogo e que não o é mais? Você pode indicar limites? Não. Você pode traçar alguns: pois ainda não se traçou nenhum. (Mas isto jamais o incomodou ao empregar a palavra 'jogo'). 'Mas, então não está regularizado o emprego da palavra; não está

regularizado o ‘jogo’ que jogamos com ela.’ Não está delimitado por regras em toda parte; mas também não há, no jogo de tênis, regras que determinem, p. ex., a que altura ou com que força se é permitido arremessar a bola, mas o tênis é de fato um jogo, e também possui regras.¹⁶⁶

Para as *Investigações*, os jogos de linguagem são independentes uns dos outros é verdade, mas eles não são fechados, totalmente limitados, como mônadas. Eles, insiste o texto acima, não estão delimitados por toda parte, mas é possível traçar alguns limites, depende da finalidade que lhes for atribuída. Eles não são algo totalmente regrado, mas possuem regras de acordo com as circunstâncias. Como, por exemplo, o jogo de tênis que não estabelece em suas regras até que altura se pode arremessar a bola, mas que possui regras. O jogo de linguagem, portanto, apenas não têm uma essência comum, mas são abertos, modificam-se por meio da prática. Além do mais, eles são ensinados, como também conferir sentido a eles é ensinado. Pois, se aprende a jogar um jogo já conferindo sentido a ele e se aprende a conferir sentido a um jogo jogando-o, isto é, praticando-o. Nem um, nem outro são incomunicáveis. Entender a independência dos jogos de linguagem como uma impossibilidade de comunicação seria uma interpretação absurda do que as *Investigações* estão propondo. Este parágrafo das *Investigações* reforça este ponto de vista:

Olhe com atenção o seguinte caso: Explico o jogo de xadrez para alguém; e começo apontando para uma figura e dizendo: ‘Este é o rei. Ele pode se mover desta ou daquela maneira, etc. etc.’ – Neste caso diremos: as palavras ‘Este é o rei’ (ou ‘Este se chama rei’) são pois uma explicação da palavra somente se o aprendiz já souber o que é uma figura de ‘jogo’. Portanto, se ele, porventura, já jogou outro jogo ou assistiu, ‘entendendo’, o jogo de uma outra pessoa – e coisa semelhante. Só assim se poderá, ao aprender o jogo, perguntar com relevância: ‘Como se chama isto?’ – ou seja: esta figura de jogo. Podemos dizer: pergunta significativamente por uma denominação somente quem já sabe o que fazer com ela.¹⁶⁷

A citação acima mostra o exemplo do xadrez como modo paradigmático, para indicar como os jogos podem ser ensinados e aprendidos. Com isso, ilustra Wittgenstein, se pode perceber claramente que os jogos de linguagem não são fechados à compreensão e participação de todos quantos desejarem jogá-los ou, até mesmo, modificá-los. O que ele está sustentando, nas *Investigações*, é que não se pode entender um jogo de linguagem e o seu sentido, nem sequer fazer perguntas, significativamente, nele ou nele interferir corretamente, senão conhecendo as regras que os constituem e isto só é possível pela prática do próprio jogo. Pois, não se pode conhecer as regras de um jogo senão aprendendo a praticá-las. Significa que não se entende um jogo de linguagem e o sentido que lhe for atribuído em cada situação a não ser tomando parte nele. Não é possível fazê-lo de modo indiferente, como um objeto totalmente isolado daquele

¹⁶⁶ Ibidem, I, § 68.

¹⁶⁷ Ibidem, I, § 31.

que o pretende conhecer. Até mesmo quando alguém tenta apresentar razões de um jogo de linguagem que lhe é familiar a outro indivíduo que usa um jogo de linguagem diverso, não faz quase nada de importante, na ótica das *Investigações*, muito embora isso não seja impraticável. Afirma Luigi Perissinotto a esse respeito:

Mas, podemos também, quando acontece o encontro com um jogo de linguagem diferente, procurar dar ao outro as razões para o nosso jogo de linguagem que são, afinal, também as razões que podemos dar a nós mesmos, como acontece, sobretudo, com os textos do passado que nos fazem sentir adversos ou estranhos. O dar e o aceitar razões têm, porém, para Wittgenstein um espaço e um papel limitados e, em todo caso, não originais, nos jogos de linguagem. De fato, só no jogo de linguagem alguma coisa pode ser uma razão e como tal ser aceita e discutida e é exatamente por isso que as razões não podem justificar os jogos de linguagem.¹⁶⁸ (A tradução é nossa)

Não é uma iniciativa totalmente descabível, tentar dar as razões de um jogo de linguagem à outra pessoa que está inserida num jogo de linguagem diferente, como se pode perceber da citação acima. Mas, não se pode esperar grande resultado disso, pois, mesmo os jogos de linguagem não sendo estruturas totalmente fechadas, incomunicáveis, as razões de um jogo de linguagem só serão entendidas no uso daquele jogo a que pertencem. A tentativa de procurar comunicar as razões de um jogo de linguagem a alguém que está inserido num jogo de linguagem diferente pode ser algo interessante, apenas, no tocante ao esforço de ajudar aquela pessoa a se inserir no jogo de linguagem cujas razões alguém pode desejar lhe comunicar. Se conseguir dar passos nessa direção, isto é, se conseguir fazer com a pessoa que está inserida noutro jogo de linguagem pratique, de alguma forma, um pouco do jogo cujas razões alguém deseja lhe transmitir, então conseguirá fazer aquela pessoa usar, ainda que um pouco, as razões em questão e, consequentemente, ela começará a entender porque tal jogo tem aquilo como razões. Pois, algo só pode ser uma razão no jogo de linguagem que assim lhe considera.

Consideremos mais um pouco a importância da independência dos jogos de linguagem. Parece que a pretensão de Wittgenstein, nas *Investigações*, ao sustentar a independência dos jogos de linguagem tem como motivação principal negar que um jogo de linguagem possa se impor sobre o outro, que algum jogo de linguagem seja superior a outro, isto seria o velho sonho de uma linguagem superior, perfeita, ideal. As *Investigações* advertem para este risco constante de se deixar levar por tal ideal:

‘Não é de fato um jogo, se há uma vaguidade nas regras.’ – Mas então não é um jogo? – ‘Sim, talvez você irá chamá-lo de jogo, mas, em todo caso, não é de fato um jogo perfeito’. Isto é: é um jogo contaminado, e eu me interesso agora por aquilo que foi contaminado. – Mas quero dizer que nós compreendemos mal o papel que o ideal desempenha em nosso modo de falar. Quero dizer: também nós

¹⁶⁸ PERISSINOTTO, Luigi, 1985, p. 213.

iríamos chamá-lo de jogo, só que estamos ofuscados pelo ideal e, por conseguinte, não veremos claramente o emprego real da palavra ‘jogo’.¹⁶⁹

O ideal, segundo esta colocação, leva ao ofuscamento da visão, impedindo de valorizar a linguagem real, a única que existe e, fazendo sonhar uma linguagem irreal, cujo sentido seja a sua imagem e semelhança. Todavia, não há nenhuma linguagem ideal, superior, perfeita e se alguém quer aprimorar a que existe precisa mergulhar no seu uso e aprimorá-la a partir da prática não de uma contestação exterior, abstrata e para se livrar dessa influência do ideal o caminho é voltar a atenção para o uso concreto dos jogos de linguagem. Perceber sua variedade, a independência entre eles e a abertura à mutabilidade, como se vem mostrando. Pois, a diversidades de jogos de linguagem revela a diversidade de sentido, uma vez que cada jogo de linguagem tem o seu sentido no seu uso e a independência dos jogos de linguagem revela a independência dos sentidos, uma vez que o sentido de um jogo não anula nem reforça o de outro, eles se ligam ao uso dos seus respectivos jogos de linguagem.

Apreciamos melhor agora a segunda modalidade de uso da expressão de jogo de linguagem, que acenamos acima, ou seja, a concepção de jogo de linguagem relacionada com as atividades em que ele se encontra entrelaçado. Neste modo de ver encontramos outra característica do jogo de linguagem, de grande importância para o assunto do sentido. Trata-se da relação que os jogos de linguagem têm com a forma de vida dos seus usuários. Dizem as *Investigações*:

A expressão “jogo de linguagem” deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida.¹⁷⁰

Um jogo de linguagem não é uma construção teórica, formal. Um jogo de linguagem, como acentua o texto acima, é uma atividade humana como, por exemplo, andar, comer, sorrir, chorar, correr etc. Os jogos de linguagem fazem parte de formas de vida, eles são uma ação, um modo de ser e não um conjunto de sons e signos que tem sentido e importância em si mesmos isoladamente. Não se deve perguntar apenas como as pessoas falam e o que elas falam, mas também como elas vivem, como elas festejam, como elas sepultam seus mortos, como elas cultuam Deus etc. Portanto, sendo um jogo de linguagem parte de uma forma de vida onde ele se dá, onde ele tem uso, somente naquela forma de vida ele ganha sentido e somente nela ele pode ser ensinado, compreendido e aprimorado. Pois, somente a forma de vida pode oferecer o contexto certo para se entender o jogo de linguagem.

‘Mas você fala como se eu, na verdade, não o esperasse, não tivesse esperança agora – quando acredito ter esperança. Como se o que acontece agora não tivesse

¹⁶⁹ *Investigações Filosóficas*, I, § 100.

¹⁷⁰ Idem, I, § 23.

um significado profundo.’ – O que significa: ‘O que acontece agora tem um significado’ ou ‘tem um significado profundo’? O que é uma sensação profunda? Poderia alguém por um segundo, sentir um amor profundo ou esperança, – não importa o que precede ou o que vem após esse segundo? – O que acontece agora tem um significado – neste contexto. O contexto lhe confere importância. E a palavra ‘ter esperança’ diz respeito a um fenômeno da vida humana. (Uma boca sorridente sorriso somente num rosto humano).¹⁷¹

O jogo de linguagem, como se pode perceber nesta citação, só ganha sentido no contexto, mas o contexto de que falam as *Investigações* não são apenas técnicas e regras hermenêuticas de interpretação, são toda a forma de vida da qual o jogo de linguagem é parte. Como diz Wittgenstein, no texto acima, a afirmação de que “o que acontece agora tem um significado profundo”, pode ter significado e também pode ter sentido dependendo do contexto. O contexto é que lhe confere importância. Se poderia ainda tomar como exemplo, para ilustrar essa importância do contexto, que consiste em toda a forma de vida em que o jogo de linguagem está imerso a frase: ‘a criança está chorando’, ela tem um sentido num jogo de linguagem, mas se ‘a criança está chorando’ é usada num jogo de linguagem cujo contexto é uma sala de cremação com o esquife da mãe da criança, que jaz morta, ao seu lado e todas as pessoas presentes com óculos escuros e roupas pretas, o jogo de linguagem terá um sentido diferente. Isso mostra como o jogo de linguagem, e com ele o seu sentido, está ligado à forma de vida. No caso do exemplo do menino, para continuar ilustrando, o sentido do jogo de linguagem ‘a criança está chorando’ está ligado à forma de vida daquela comunidade falante que costuma vestir preto para cremar seus mortos, que manifestam tais e tais reações faciais perante os sentimentos que experimentam mediante a ação de cremar seus falecidos e outras coisas mais.

Um jogo de linguagem, como se disse acima, por um lado, não é algo fechado, absolutamente regrado a ponto de não comportar mudanças e, por outro lado, depende da forma de vida dos seus falantes. Isso, com certeza, vale também para o sentido que é atribuído a cada jogo de linguagem. Mas, antes de acentuarmos as implicações dessas características do jogo de linguagem para o sentido, precisamos nos perguntar: O jogo de linguagem é uma configuração organizada ou é algo informe?

De acordo com Werner Spaniol, o conceito de forma de vida, nas *Investigações*, tem pelo menos duas funções básicas. Uma é situar a linguagem no nível do agir, do comportamento, e a outra é responder pela diversificação da linguagem em jogos de linguagem, porque, “o conceito de forma de vida responde também pelo caráter específico de cada jogo de linguagem. Neste

¹⁷¹ Ibidem, I, § 583.

sentido a forma de vida dá a configuração ou a forma concreta ao hábito de seguir uma regra”.¹⁷²

Mas, se o jogo de linguagem tem uma certa configuração, dada pela forma de vida dos falantes, como ela se evidencia? Essas perguntas são importantes também para entender o sentido do jogo de linguagem, olhemos para elas com calma.

Um jogo de linguagem não é algo informe. Ele, dizem as *Investigações*, “deve ser determinado pelas regras”.¹⁷³ Já vimos que as regras são constituídas e aplicadas publicamente, mas, se elas dão uma estrutura ao jogo de linguagem, se por elas uma finalidade é atribuída ao jogo e nesta finalidade também lhe é atribuído um sentido, como nos casos apreciados no segundo capítulo, de que maneira se pode analisar o modo como elas determinam cada jogo, isto é, como detectar e compreender a configuração que, por meio das regras, cada jogo assume? Essa pergunta é muito importante para entender como o sentido pode ser evidenciado pela análise do jogo de linguagem. Vejamos como as *Investigações* tentam responder a ela.

A estrutura que um jogo de linguagem forma pode ser evidenciada naquilo que Wittgenstein chama de gramática. Mas, o que é a gramática de um jogo de linguagem ou de uma palavra nas *Investigações*? Wittgenstein fala de dois tipos de gramática:

No uso de uma palavra, poder-se-ia fazer a distinção entre uma ‘gramática superficial’ e uma ‘gramática profunda’. No uso de uma palavra, o que se fixa em nós, imediatamente, é o modo de sua aplicação na construção da frase, a parte do seu uso – poder-se-ia dizer – que se pode aprender com o ouvido. – E compare agora a gramática profunda, p. ex., da palavra “ter-em-mente” com aquilo que sua gramática superficial nos faria supor. Não é de admirar que se julgue difícil estar por dentro.¹⁷⁴

Não nos interessa aqui fazer o exercício proposto por Wittgenstein com a palavra “ter-em-mente”, proposto nesta citação e sim distinguir, na medida do possível, os dois tipos de gramáticas a que ele está se referindo, para ver qual dos dois tipos é o que mais interessa para a compreensão do jogo de linguagem, como estamos pretendendo aqui, em vista de entender melhor o assunto do sentido.

Wittgenstein fala, no texto acima, de uma gramática superficial e uma gramática profunda. Tentemos entender o que as distingue e qual a que mais o interessa. A gramática superficial parece identificar-se com o que habitualmente chamamos de gramática. Ela está ligada àquela parte do uso do jogo de linguagem que se pode apreender imediatamente com o ouvido, isto é, o modo de aplicação das palavras no jogo de linguagem. A gramática

¹⁷² SPANIOL, Werner, em Síntese, n. 51, 1990, p. 23.

¹⁷³ *Investigações Filosóficas*, I, § 567.

¹⁷⁴ Idem, I, § 664.

profunda revela o conjunto de regras que constitui o jogo de linguagem na prática e que permite dar uma finalidade ao jogo quando elas são aplicadas. Wittgenstein, nas *Investigações*, procura considerar a gramática profunda. É ela que mostra as condições de possibilidade do jogo de linguagem, porque para ele a gramática “inclui tudo o que delimita o uso significativo dos símbolos. Trata-se de uma ‘lógica’ mais abrangente, na qual se incluem os gestos, as expressões faciais etc, que, por longa tradição, não entram na descrição do modo como as palavras são usadas”.¹⁷⁵ Mas, considerando agora que gramática, para ele é a gramática profunda, como se dá de fato a análise grammatical? Respondem as *Investigações*:

A gramática não diz como a linguagem tem que ser construída para cumprir com sua finalidade, para agir desta ou daquela maneira sobre as pessoas. Ela apenas descreve o emprego dos signos, mas de maneira alguma os elucida.¹⁷⁶

A análise grammatical não consiste em mostrar normas técnicas que dizem como o jogo de linguagem tem que ser construído para cumprir sua finalidade. Não é papel da gramática prescrever como o jogo de linguagem deve ser construído, segundo Wittgenstein. A análise grammatical deve descrever o emprego do jogo de linguagem, mostrando a partir de sua descrição com que regras constitutivas os signos são usados no jogo de linguagem. É importante notar essa concepção de gramática das *Investigações*, porque para elas a gramática não é prescritiva, ela não diz como o jogo de linguagem tem que ser construído para influenciar deste ou daquele modo. Ela é descritiva, procura mostrar como o jogo de linguagem usa as palavras a partir das regras que o constituem e ao fazer isso revela porque, muitas vezes, o jogo de linguagem é usado de modo indevido. Ou seja, revela, na ótica das *Investigações*, os problemas para os quais a filosofia deve voltar-se. Por isso, afirma Wittgenstein, “toda uma nuvem carregada de filosofia se condensa numa gota de gramática”.¹⁷⁷

Considerando, contudo, que as regras não são normas técnicas e abstratas que pré-existentem ao jogo de linguagem, mas são regras que se constituem no uso que os falantes fazem do jogo de linguagem em sua vida social, como a gramática explicita as regras que constituem o jogo de linguagem? Ela mostra as regras do jogo de linguagem pela descrição do uso concreto do jogo de linguagem, isto é, descrevendo o modo habitual como o jogo de linguagem é aceito e praticado pelos falantes em sua forma de vida. É em relação a isso que, no dizer de Wittgenstein, “toda explicação tem que sair e em seu lugar entrar apenas a

¹⁷⁵ FAUSTINO, Silva, 1995, p. 35.

¹⁷⁶ *Investigações Filosóficas*, I, § 496.

¹⁷⁷ Idem, I, § 287.

descrição”. Ao descrever as regras do jogo de linguagem, contudo, a análise gramatical põe em evidência a pluralidade dos jogos de linguagem e com isso ajuda a resolver mal-entendidos. Dizem as *Investigações*:

Por isso nossa reflexão é uma reflexão gramatical. E esta reflexão ilumina o nosso problema, removendo mal-entendidos. Mal-entendidos que dizem respeito ao uso das palavras, provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diversas áreas de nossa linguagem. – Alguns podem ser eliminados, substituindo-se uma forma de expressão por outra; a isto se pode chamar “análise” de nossas formas de expressão, porque o processo se assemelha muitas vezes a uma decomposição.¹⁷⁸

Ao mostrar que os jogos de linguagem se constituem com regras diferentes, a análise gramatical, isto é, a descrição do funcionamento dos jogos de linguagem mostra também que eles são usados de formas muito variadas e recebem sentido diferente em cada tipo de uso. Por isso, a análise gramatical dos jogos de linguagem termina por revelar a fonte de muitos mal-entendidos que dizem respeito ao uso das palavras. Esses mal-entendidos são provocados, muitas vezes, por certas analogias entre os jogos de linguagem. O que vem a ser, então, a fonte desses mal-entendidos? A fonte desses mal-entendidos, na concepção das *Investigações*, é a falsa concepção de linguagem como algo singular, que funciona de forma única. Isto, diz Wittgenstein, “se revela uma superstição (não um erro!), provocada ela mesma por ilusões gramaticais”.¹⁷⁹ Desse modo, esquecer que a linguagem não é algo singular, esquecer que os jogos de linguagem são diversos e variados e, aplicar indiscriminadamente as palavras de um jogo de linguagem a outro jogo de linguagem, isto é fazer analogias com elas, sem levar em conta que em cada jogo de linguagem as palavras ganham um sentido próprio é a fonte dos mal-entendidos da linguagem, a superstição, no dizer de Wittgenstein.

E esses mal-entendidos podem ser removidos? Sim, disse o parágrafo 90 das *Investigações*, citado acima. Alguns podem ser eliminados pela substituição de uma forma de expressão por outra. Porém, isto não é feito pela filosofia, baseada em regras formais ou numa idéia de linguagem perfeita. A filosofia “não deve de forma alguma tocar o uso real da linguagem; o que pode, enfim, é descrevê-lo. Pois ela também não pode fundamentá-lo”.¹⁸⁰ Sendo assim, a remoção dos mal-entendidos não é feita pela filosofia, nem por outra instância baseada em regras formais, mas pelos próprios falantes, na prática, à medida que vão percebendo a variedade e o funcionamento dos jogos de linguagem e à medida que vão se dando conta que as palavras e os jogos de linguagem ganham sentido específico em cada jogo de linguagem. Assim,

¹⁷⁸ Ibidem, I, § 90.

¹⁷⁹ Ibidem, I, § 110.

¹⁸⁰ Ibidem, I, § 124.

a remoção dos mal-entendidos pode se dar, não quer dizer que aconteça sempre e facilmente, pelo aprimoramento prático no exercício dos jogos de linguagem na vida social dos seus usuários.

Voltemos nossa atenção agora para o assunto da relação entre o sentido e o jogo de linguagem. A pergunta formulada por Arthur Giannotti, sobre esse ponto, é muito apropriada: “Como demarcar o sentido de um jogo de linguagem, ele próprio processo de demarcação de sentido?”.¹⁸¹ Esse ponto é bastante decisivo. O sentido é atribuído a um jogo de linguagem, no próprio uso do jogo de linguagem que é como diz Arthur Giannotti, ele mesmo processo de demarcação de sentido. Nós já vimos no segundo capítulo que não é tarefa fácil demarcar o sentido seja de uma frase, seja de um jogo de linguagem. O caminho a seguir é o da descrição do uso do jogo de linguagem, que revele as regras que o regem, a fim de evidenciar suas raízes significantes na forma de vida em que está inserido e a finalidade que está sendo perseguida pelos praticantes do jogo, permitindo, desse modo, que um determinado sentido lhe seja conferido. Ou seja, o caminho a seguir é da análise gramatical, no modo como entendem as *Investigações*. Em que medida a análise gramatical, nos moldes propostos pelas *Investigações*, ajuda a evidenciar o sentido do jogo de linguagem? Ela ajuda a entender e evidenciar o sentido do jogo de linguagem, à medida que põe em evidência a variedade dos jogos de linguagem, por meio da descrição deles. Como a descrição dos jogos de linguagem mostra e descreve as regras que os constituem, nas diversas situações de uso e, pela descrição das regras dos jogos de linguagem ela mostra como os jogos são variados, têm finalidades variadas e recebem sentidos diversos. Levando em conta o caso que analisamos no segundo capítulo no qual o sentido se constitui a partir da finalidade almejada no jogo de linguagem, podemos perceber que a análise gramatical do jogo de linguagem conduz ao seu sentido, porque ela revela as regras que dão finalidade ao jogo de linguagem nas diversas situações de uso.

A esta altura, não podemos mais evitar a pergunta pela semântica do sentido. Se os jogos de linguagem são parte de uma forma de vida, se eles ganham sentido porque a comunidade falante, com suas regras de uso, dá sentido a eles, em cada contexto específico, qual a relação do jogo e, consequentemente, do sentido que é dado a esse jogo, com o mundo factual? Esta pergunta, contudo, será o assunto do próximo subtema e nos ajudará a completar a análise do sentido, nas *Investigações*, como nos pretendemos inicialmente.

¹⁸¹ GIANOTTI, J. A., 1995, p. 14.

3.2. O sentido na relação dos jogos de linguagem com o mundo factual nas *Investigações*

O sentido, partindo do caso que analisamos ainda no segundo capítulo, parece ser atribuído a um jogo de linguagem a partir da finalidade dada ao jogo de linguagem com as regras que o constituem publicamente. A análise gramatical do jogo de linguagem, como se viu acima, mostra que há muitos e variados tipos de jogos de linguagem e mostra que o sentido é dado a cada jogo no contexto de uma forma de vida. Como destaca Luigi Perissinotto, “o homem pensa, cuida, deseja, espera, entende, verifica, confere, falha, somente na linguagem e é somente na linguagem que sinal e mundo ‘se tocam’”.¹⁸² (A tradução é nossa) Mas, qual seria a relação dos jogos de linguagem com o mundo factual? E como se apresenta o sentido na relação dos jogos de linguagem com o mundo, caso haja alguma?

Uma primeira coisa que se constata é que, nas *Investigações*, Wittgenstein não abandonou o interesse pelo mundo dos fatos. A este respeito, os Hintikkas afirmam que “longe de tentar se livrar dos elos verticais entre linguagem e realidade, o Wittgenstein tardio salientou-os”.¹⁸³ Ele não abandonou o interesse pela semântica da linguagem, nas *Investigações*, apenas abandonou a crença, que marcou todo o *Tractatus*, na possibilidade do jogo de linguagem descrever os fatos do mundo, crença esta que, aliás, já parecia abalada no final do próprio *Tractatus* como vimos ao término do primeiro capítulo desta dissertação e que voltaremos a perceber quando apreciarmos a idéia de que o jogo de linguagem se assemelha com uma rede, presente tanto no *Tractatus* quanto nas *Investigações*, salvo as devidas especificidades de interesses e estilos dessas obras. A passagem das *Investigações* que será citada a seguir é de grande clareza para ilustrar a relação da linguagem com os fatos do mundo sustentada nesta obra:

É como se tivéssemos que penetrar os fenômenos: mas nossa investigação não se dirige aos fenômenos, e sim, como poderia dizer, às ‘possibilidades’ do fenômeno. Isto quer dizer que meditamos sobre a espécie de asserções que fazemos sobre os fenômenos.¹⁸⁴

Percebe-se que Wittgenstein não está desinteressado dos fenômenos do mundo, muito menos negando que a linguagem se relacione com eles. Ele está dizendo que sua investigação não se dirige aos fenômenos, isso quem tenta fazer é a ciência natural, mas se dirige às possibilidades dos fenômenos, isto é, às possibilidades deles acontecerem nos

¹⁸² L'uomo pensa, attende, desidera, spera, intende, verifica, controlla, erra, solamente nel linguaggio Ed è solo nel linguaggio Che segno e mondo ‘si toccano’. PERISSINOTTO, Luigi, 1985, p. 186.

¹⁸³HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill, 1994, p. 250.

¹⁸⁴ *Investigações Filosóficas*, I, § 90.

modos como os jogos de linguagem afirmam. Ele continua interessado no modo como se pode falar dos fenômenos, como diz o texto acima, na ‘espécie de asserções’ que fazemos sobre os fenômenos. A sua ressalva, contudo, em relação à linguagem que tenta penetrar e dizer o que são os fenômenos não significa desinteresse pelos fenômenos, mas sim uma ressalva com relação a qualquer tipo de linguagem que tente dizer o que é o fenômeno, especialmente a linguagem da ciência, que mais incorre nessa atitude segundo ele.

Wittgenstein não nega que a ciência fala da natureza, que em muitos casos o ‘nome está sobre o denominado como a etiqueta está sobre a roupa’. Ele contesta o discurso científico porque, na sua ótica, muitas vezes, é um discurso enganoso:

Certo era que nossas reflexões não podiam ser científicas. A experiência de ‘que se pode pensar isto ou aquilo em oposição a nosso preconceito’ – não importa o que isto significa – não nos podia interessar. E não nos é permitido levantar qualquer teoria. Não é permitido haver nada de hipotético em nossas reflexões. Toda explicação tem que sair e em seu lugar entrar apenas descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, seu objetivo, dos problemas filosóficos. Estes, sem dúvidas, não são empíricos, mas são resolvidos por um exame do funcionamento de nossa linguagem, ou seja, de modo que este seja reconhecido: em oposição a uma tendência de compreendê-lo mal.¹⁸⁵

A tendência a compreender mal os problemas filosóficos é, na ótica das *Investigações*, uma tendência da ciência. É ela que acalenta a ilusão de poder ‘pensar isto ou aquilo em oposição ao nosso preconceito’, ou seja, de acreditar que pode pensar o fenômeno diretamente, sem a mediação da linguagem. Por isso ele se insurge contra as teorias explicativas, as teorias ditas científicas, porque são castelos de areia que nascem da ilusão de uma causa oculta, do desprezo ao fenômeno e do mal uso da linguagem. Vendo por este lado, é importante evitar “conceber os jogos de linguagem como se fossem modelos científicos, hipóteses articuladas, falando do real”.¹⁸⁶ A solução terapêutica de Wittgenstein para o modo de proceder da ciência é não fazer mais teorias, teorias opostas ou novas experiências. O problema não está nas experiências, mas no uso abusivo da linguagem. A solução é descrever o uso da linguagem e pôr em evidência todo tipo de mal-entendido que vá além do papel que a linguagem pode desempenhar no seu uso cotidiano. Contudo, não se pode deixar de notar que Wittgenstein não esclarece de que tipo de ciência está falando. Mas, não pretendemos nos voltar para este assunto agora, apenas queremos dizer que não parece muito pertinente falar da ciência como se ela fosse uma realidade simples e tivesse a mesma prática lingüística em todas as áreas de atuação. Neste ponto,

¹⁸⁵ Idem, I, § 109.

¹⁸⁶ GIANOTTI, J. A., 1995, p. 60.

parece cabível aplicar Wittgenstein a Wittgenstein perguntando a ele: a linguagem de ciências é a mesma em todas as áreas da ciência? “Não pense, olhe!”.

Uma vez lembrado que Wittgenstein não abandonou o interesse pelo mundo, nem tão pouco negou que seja possível falar sobre ele, mas apenas fez ressalvas sobre o mau uso da linguagem para falar do mundo, coloca-se de novo a pergunta principal deste subtema: qual é então a relação dos jogos de linguagem com o mundo? Da resposta a esta pergunta poderemos, talvez, entender qual é também a relação do sentido com o mundo.

A relação dos jogos de linguagem com o mundo, presente nas *Investigações*, se assemelha muito à idéia tractatiana da rede estendida sobre uma superfície, permitindo que dela se possa dizer algo. Por isso, tentemos recuperar essa metáfora com que Wittgenstein tentou ilustrar a relação semântica da linguagem já no *Tractatus*, ela ajudará bastante a ilustrar a relação semântica do jogo de linguagem nas *Investigações*. Recordemos, pois, o texto tractatiano:

Concebamos uma superfície branca sobre a qual houvesse manchas pretas irregulares. Dizemos, então: qualquer que seja a configuração que disso possa resultar, sempre poderei aproximar-me o quanto quiser de sua descrição recobrindo a superfície com uma rede quadriculada de malhas finas e dizendo, a respeito de cada quadrado, se é branco ou preto. Terei posto assim a descrição da superfície numa forma unitária. Essa forma é arbitrária, pois eu poderia ter usado, com o mesmo sucesso, uma rede de malhas triangulares ou hexagonais. Pode ser que a descrição, com o auxílio de uma rede triangulada, se tornasse mais simples; ou seja, que pudéssemos com uma rede triangulada de malhas mais grossas, descrever a superfície de maneira mais precisa do que o faríamos com uma rede quadriculada de malhas mais finas (ou vice-versa), e assim por diante. Às diferentes redes correspondem diferentes sistemas de descrição do mundo.¹⁸⁷

A rede, com suas possíveis malhas, na ótica do *Tractatus*, é usada como um instrumento que permite apreender, de certo modo, a superfície que deseja descrever. A descrição da superfície, no exemplo citado, terá a marca das malhas da rede, conforme seja a rede. As malhas podem ser em forma de triângulos, retângulos, quadrados ou círculos e, à luz daquela que constituir a rede, se dirá que a parte da superfície de que se fala tem manchas brancas ou pretas com formatos de triângulos, retângulos, quadrados ou círculos. Mas, isto não quer dizer que a realidade da superfície de que se está falando seja, de fato, composta por figuras que têm as formas assinaladas. Ora, a rede, neste exemplo do *Tractatus*, corresponde ao tecido da linguagem cujas proposições são consideradas imagens dos fatos e, por meio dos sinais proposicionais se projetam sobre o mundo como malhas que permitem dizer algo sobre ele.

¹⁸⁷ *Tractatus*, 6.341.

Pensar que aquela idéia tractatiana de linguagem como uma rede, que constitui um instrumento, para tentar apreender o mundo, levou Wittgenstein à concepção de jogo de linguagem não parece um absurdo. Pelo contrário, parece muito pertinente. No entanto, não é nosso interesse tentar prová-la aqui. O que nos interessa ao aproximá-la da idéia de jogo de linguagem aqui é mostrar a vizinhança que há entre as duas e com ela ilustrar o modo com que as *Investigações* também apresentam a relação semântica do jogo de linguagem com o mundo factual usando a imagem da rede. De fato, também para as *Investigações* o jogo de linguagem é apresentado, em sua relação semântica com o mundo, como um instrumento de interpretação, por meio de algumas metáforas, entre elas, a metáfora da rede. Dizem as *Investigações* no parágrafo 66, já citado em parte na nota 9 deste capítulo, mas que vale a pena ser retomado, noutra parte, para apreciarmos melhor a idéia de linguagem como rede que ele contém e que não foi devidamente contemplada quando citado no caso acima:

(...) Como foi dito: não pense, mas olhe! – Olhe, p. ex., os jogos de tabuleiros com seus variegados parentescos. Passe agora para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aquela primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem, outros se apresentam. (...) E assim podemos percorrer os muitos, muitos outros grupos de jogos, ver as semelhanças aparecerem e desaparecerem. E o resultado desta observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala.¹⁸⁸

Wittgenstein, no parágrafo citado, está tentando mostrar que os jogos não têm uma essência comum, algo que seja comum a todos e do qual todos participam, tudo que eles têm são certas semelhanças, certos parentescos, que fazem com que eles formem uma rede. Também os jogos de linguagem se entrecruzam e se sobrepõem por meio das variadas semelhanças que, em certo sentido, fazem deles malhas da rede da linguagem. Claro, não mais aquela rede lógica de que falou o *Tractatus*, uma rede cujas malhas eram simbolizadas em quadrados, triângulos, retângulos etc. Mas uma rede mais complexa, com malhas que podem ser simbolizadas pelos mais variados jogos de linguagem. Por isso, não se pode falar de um sentido único da proposição, mas se deve falar de um sentido dinâmico, que é dado à proposição num jogo de linguagem, em cada situação concreta. Porque a rede formada pelos jogos de linguagens é usada com as mais diversas finalidades e nas mais diversas situações. Ela é uma rede cujas “relações semânticas elementares não estão fixadas e não são permanentes”.¹⁸⁹

¹⁸⁸ *Investigações Filosóficas*, I, § 66.

¹⁸⁹ HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill, 1994, p. 331.

A figura da rede formada pelas semelhanças dos jogos de linguagem, que se entrecruzam e se sobrepõem umas às outras, noutra parte das *Investigações* é mudada na figura de uma velha cidade com ruelas, praças, casas velhas, casas novas, de épocas diferentes, tudo circundado por uma grande quantidade de novos bairros, com ruas retas e regulares e casas uniformes.¹⁹⁰ E, ainda noutra parte, a figura da rede formada pelas semelhanças e entrecruzamentos dos jogos é apresentada com a figura do objeto de comparação que permite dizer algo do mundo:

Nossos jogos de linguagem claros e simples não são estudos preparatórios para uma regulamentação futura da linguagem, - não são, por assim dizer, aproximação preliminares, sem levar em conta o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem estão aí muito mais como objetos de comparação, os quais, por semelhança e dessemelhança, devem lançar luz nas relações de nossa linguagem.¹⁹¹

Esta citação mostra, a nosso ver, a figura que mais ajuda a entender todas as outras apontadas acima como figuras da relação do jogo de linguagem com os fatos do mundo. O jogo de linguagem é peça de uma rede complexa, é rua de uma complexa cidade com partes novas e antigas porque ele é um instrumento de comparação. Um instrumento que permite interpretar o mundo, ele exerce a função de mediação, de ferramenta de acesso. O jogo é um instrumento de medição, como o metro que alguém estende sobre algo para, em seguida, dizer que tal coisa ‘tem’ um metro.¹⁹² Por isso, afirma Arthur Giannotti, “o jogo de linguagem articula um modelo de como um grupo de palavras deve ser usado em certo contexto. Se afirmo ‘o que ele diz é verdadeiro’ isto nada mais significa do que ‘as coisas são como ele diz’”.¹⁹³

A figura do jogo de linguagem como um instrumento de comparação se expressa ainda, de forma bastante sutil como a coisa primária:

Para que digo a alguém que outrora eu teria tido este e aquele desejo? – Olhe para o jogo de linguagem como para a coisa primária! E para os sentimentos, etc., como para um modo de ver, uma interpretação, do jogo de linguagem.¹⁹⁴

Os jogos de linguagem são comparados com ‘a coisa primária’, a coisa que permite ver, interpretar os sentimentos e tudo o mais que constitui o mundo. O mundo externo e o mundo das experiências internas. Note-se como Wittgenstein insiste que não é o mundo que diz o que significa a linguagem, mas o contrário. O jogo de linguagem, na citação acima, não interpreta os sentimentos, ele é ‘a coisa primeira’, são os sentimentos que

¹⁹⁰ Cf. *Investigações Filosóficas*, I, § 18.

¹⁹¹ Idem, I, § 130.

¹⁹² Cf. *Ibidem*, I, § 50.

¹⁹³ GIANNOTTI, J. A., 1995, p. 61.

¹⁹⁴ *Investigações Filosóficas*, I, § 656.

constituem uma interpretação, um modo de ver do jogo de linguagem. Por isso, os Hintikkas afirmam tão decididamente que “no Wittgenstein posterior, os jogos de linguagem são verdadeiramente a medida de todas as coisas”.¹⁹⁵

A rede da linguagem, pelas malhas que são os jogos de linguagem, contudo, não constitui apenas uma mediação para dizer algo sobre os fenômenos. O jogo também é uma mediação noutro sentido: “O jogo, diríamos, não tem somente regras, mas também uma graça”.¹⁹⁶ Ele não é apenas uma malha esquadrinhada da linguagem, para falar sobre algo. Mas, ele também tem atratividade e beleza. Por isso ele também pode ser mediação de interação e usufruição do mundo. Ele pode ser uma mediação da ação dos falantes sobre o mundo e uma mediação para que os falantes usufruam do mundo sem sequer se preocuparem em explicar como é ou como não é o mundo. Cabrera se refere a isto dizendo que “a linguagem constitui conceitos visando ao conhecimento, à ação e/ou ao prazer/dor (não de maneira exclusiva)”.¹⁹⁷ De fato, os jogos de linguagem não são usados só para transmitir conhecimento. Eles despertam ação, eles podem causar prazer e desprazer. Mas, já dissemos acima que os jogos de linguagem são ilimitadamente variáveis de acordo com o contexto. Isto não é mais novidade agora.

Eis que surge a pergunta que mais nos interessa neste subtema: como o jogo de linguagem enquanto mediação da linguagem com o mundo afeta o assunto do sentido? Uma primeira constatação que se faz é a de que o sentido está na rede, não no mundo. Ele se exprime no uso do jogo de linguagem, não nos fatos do mundo. Este pequeno texto de Arthur Giannotti comenta isso de modo sucinto e bastante interessante:

O mundo não se dá como presença inerte conformando o horizonte de nossa atividade de falar e de pensar, ele também é confirmado e infirmado por essa atividade. Representa-se por meio de jogos de linguagem, mas se apresenta por tudo aquilo tais jogos pressupõem e repõem.¹⁹⁸

O mundo é afirmado por meio dos jogos de linguagem, acentua o texto acima, ele não é uma coisa inerte fazendo fronteira com o horizonte da linguagem, mas representa-se por meio dos jogos de linguagem e apresenta-se por tudo aquilo dá sentido a esses jogos, numa forma de vida compartilhada pelos seus falantes, isto é, por tudo aquilo que esses jogos pressupõem e repõem e, poderíamos dizer também, que propõem no mundo. Isto indica que a análise do sentido, ou a análise que tente entender o sentido do jogo de

¹⁹⁵ HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill, 1994, p. 261.

¹⁹⁶ *Investigações Filosóficas*, I, § 564.

¹⁹⁷ CABRERA, Julio, 2003, p. 21.

¹⁹⁸ GIANNOTTI, J. A., 1995, p. 240.

linguagem, até na sua relação com o mundo dos fatos, não deve esquecer de voltar-se para a rede, que é a linguagem, não para o mundo.

Ainda podemos constatar pelo que foi exposto neste subtema que, como o sentido pertence à rede da linguagem, cujos nomes “encontram seu significado e seu sentido nos múltiplos jogos de linguagem pelos quais passam”¹⁹⁹ dizendo algo sobre os fatos do mundo, não se apóia nos fatos, mas no uso dos jogos de linguagem apenas. Ou seja, o sentido dos nomes dos objetos, ou das frases, ou mesmo do jogo de linguagem não se baseia nem se firma nos fatos, mas apenas no uso dos jogos de linguagem.

Uma terceira consequência é que o sentido se dá a partir da finalidade atribuída à linguagem enquanto mediação para com o mundo. Por isso, dependerá sempre da expectativa dos falantes sobre o mundo. E como esta expectativa dos falantes sobre o mundo é indefinidamente variável, o sentido também é indefinidamente variável, sempre aberto a novas expressões. E, quarta consequência, como o sentido dos jogos não se explica a partir do mundo, mas, ao contrário apreende o mundo a partir de sua gramática, ele será sempre relativo ao uso de suas regras constituintes, cuja base é a forma de vida dos falantes e não, por exemplo, um conjunto de leis *a priori* ou uma estrutura lógico-formal.

Estas considerações reforçam o que já dissemos antes várias vezes, isto é, para as *Investigações*, o sentido não é algo natural, tipo uma essência imutável, que pertence à linguagem ou algo que, de algum modo, é pré-existente ao seu uso, mas que é atribuído no jogo de linguagem, pelos falantes que se põem de acordo numa forma e vida e são treinados, ou ensinados, no próprio uso do jogo de linguagem, para aprenderem a dar significação e sentido à linguagem, no uso e, por meio do jogo de linguagem aprende também a estabelecer relações entre as palavras e os objetos, entre os jogos de linguagem e os fatos do mundo. Não como representação clara, mas no sentido que vimos acima, neste subtema. Ainda uma vez, os Hintikkas comentam sobre esse ponto da aprendizagem dos jogos e linguagem e a sua relação semântica de forma bastante apropriada:

O aprendizado da linguagem não consiste, a despeito de santo Agostinho e do autor do *Tractatus*, numa série de aquisições de vários nomes para diferentes entidades. Ele consiste em aprender aqueles jogos de linguagem que exercem o papel de mediadores da relações palavra-objeto. Ensinar esses jogos, logicamente falando, assemelha-se mais a adestrar o aprendiz numa nova habilidade do que a lhe transmitir definições de palavras e de expressões, sejam elas verbais ou não.²⁰⁰

O processo de aprendizagem do jogo de linguagem, segundo as *Investigações*, insiste o trecho acima citado, difere profundamente do que afirmaram santo Agostinho e o autor do *Tractatus*.

¹⁹⁹ Idem, 1995, p. 148.

²⁰⁰ HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill, 1994, pp. 278-279.

Ele consiste em aprender os jogos de linguagem que, no dizer dos Hintikkas, exercem o papel de mediadores das relações palavra-objeto. Poderíamos dizer também, que exercem o papel de mediadores das relações jogo de linguagem-mundo. Ora, insiste a citação acima, ensinar esses jogos de linguagem implica adestramento do aprendiz para desenvolver uma nova habilidade, a habilidade de usar o jogo de linguagem. Consequentemente parece que podemos pensar assim, o processo de aprendizagem do jogo de linguagem implica também no treinamento para conferir sentido ao jogo de linguagem, uma vez que aprender a usar o jogo de linguagem implica aprender a perseguir uma finalidade, por meio da aplicação dele, e na finalidade almejada aprender a conferir um sentido a ele. Mas, até que ponto o processo de aprendizagem do jogo de linguagem influencia ou marca o sentido conferido a ele ou, por exemplo, conferido à frase por meio dele? Ou ainda: até que ponto o processo de aprendizagem do jogo de linguagem não pressupõe o sentido ao invés de ensinar a atribuí-lo?

Esta pergunta pelo processo de aprendizagem do jogo de linguagem e sua relação com o sentido requer uma ampla atenção de nossa parte e demanda uma acurada continuidade da pesquisa. Coisa que esperamos poder fazer, num futuro não muito distante. Pois, se o sentido é atribuído no uso do jogo de linguagem e este é ensinado, no uso prático, inserido numa forma de vida, ao aprendiz, então parece que não se deve descuidar da importância do processo de aprendizagem do uso desses jogos de linguagem, nas *Investigações*, tanto para o assunto do sentido quanto para a concepção de linguagem sustentada nesta obra.

CONCLUSÃO

A nossa tentativa de analisar o assunto do sentido nas *Investigações Filosóficas* permitiu-nos entender, na medida do possível, o modo como esta obra se refere ao sentido e também permitiu-nos enxergar algumas sutilezas no modo como ela o concebe. Tais resultados, contudo, não parecem que possam ser considerados ‘conclusão’ do nosso trabalho ou do tema. Ambos continuam abertos à continuidade da pesquisa e, isso também é um dos resultados do percurso feito até aqui, sentimos muita motivação para tentar fazer com que essa continuidade se efetue. Mais do que ‘conclusão’, portanto, este ponto poderia ser chamado de ‘propulsão’. De fato, o termo propulsão comporta duas idéias interessantes que queremos tomar para nós a esta altura. É a idéia de rechaçar ou repelir e a idéia de impelir para diante ou arremessar longe. Essas duas idéias, talvez, podem exprimir muito bem os resultados do caminho que percorremos até aqui.

O caminho percorrido nesta dissertação, apesar dos seus limites, permitiu obter alguns resultados que podem ser vistos à luz desta analogia da propulsão. Estes resultados nos permitem tomar distância da concepção tradicional de sentido. Especialmente da concepção de sentido baseada na representação. Mas, também, são resultados que nos arremessam num novo modo de conceber o sentido. Bem como, nos arremessam a novas inquietações, que surgem de dúvidas e perguntas levantadas por esse novo modo de conceber o sentido. Vejamos, pois, quais são esses resultados obtidos e que inquietação ele pode nos trazer a partir do ponto em que chegamos.

Um primeiro resultado ou conclusão que podemos tirar aqui é que o modo como o sentido nas *Investigações* é apresentado livre da necessidade de representação de fatos possíveis. Ele é atribuído ao jogo de linguagem pelo uso público do próprio jogo de linguagem e não porque as proposições desse jogo de linguagem descrevam algum fato possível, nem porque os nomes que integram as proposições representem objetos.

Um segundo resultado ou conclusão que emerge de nossa dissertação diz respeito à ausência de definição do sentido nas *Investigações*. Elas não dizem em nenhum momento o que é o sentido. Claro, isto é totalmente coerente com o seu método, que se recusa a fazer qualquer tipo de definição e procura ser apenas descritivo.

As *Investigações*, portanto, não definem o que é o sentido. Nós tentamos, tanto quanto nos foi possível, indicar alguns procedimentos que possam ajudar a compreendê-lo, nos moldes como é proposto por esta obra, mas devemos conservar esse modo primordial de ver: o sentido, nas *Investigações*, é fluido e indefinido por princípio. Ele é dado a cada jogo de linguagem na situação em que este jogo de linguagem é usado.

Agora, as *Investigações* não dizem o que é o sentido, mas assumem uma postura bastante interessante para com ele. A postura das *Investigações* com relação ao sentido tem dois momentos. Em primeiro lugar elas rejeitam algumas teorias que tentam justificar o sentido a partir de alguma referência que não seja o uso da linguagem. Com isso elas dizem um pouco do que não constitui o sentido e ajudam-nos a restringir o âmbito em que devemos procurá-lo. E em segundo lugar, elas procuram oferecer exemplos de usos de palavras, frases ou jogos de linguagem em que se pode falar de sentido e em que se pode perceber, de certo modo, como elas compreendem o sentido.

Outro resultado ou conclusão a que chegamos ao terminarmos esta dissertação é que podemos perceber que o sentido, pelo menos em um caso, está estreitamente relacionado com a finalidade que os falantes procuram dar ao uso da linguagem. E por estar relacionado com a finalidade almejada no jogo de linguagem, o sentido muda de acordo com as finalidades que os praticantes do jogo de linguagem tentam alcançar nas mais diversas situações.

Como o sentido é atribuído num jogo de linguagem e este é constituído de regras que são definidas e aplicadas coletivamente no uso, a análise gramatical do jogo de linguagem leva ao sentido. Porque a análise gramatical, como entendem as *Investigações*, descreve o jogo de linguagem e revela as regras que permitem aos falantes aplicar uma finalidade a ele e, com isto, atribuir-lhe um sentido. De tudo isso, finalmente, tiramos também uma conclusão bastante interessante no campo semântico. Visto que o sentido é atribuído num jogo de linguagem em uma situação bem determinada, e o jogo de linguagem é um instrumento de comparação não de descrição, o sentido se mostra no uso, não nos fatos possíveis.

Essas conclusões, a respeito do sentido nas *Investigações Filosóficas*, se forem verdadeiras e aceitas, conduzem realmente àquele estado de propulsão a que nos referimos acima quando começamos a falar dos resultados obtidos. São conclusões que provocam um distanciamento de toda e qualquer concepção de sentido que não se baseie no uso da linguagem; e impulsionam na direção de que o sentido se constrói numa prática coletiva,

em que os falantes, que compartilham uma forma de vida, usam a linguagem com as mais diversas finalidades. Todavia, isto não é uma teoria do sentido, se fosse, parafraseando Wittgenstein, seria mais um apanha-moscas a aprisionar a mosca. Isto é um método que procura desvencilhar os falantes, das teorias que tentam definir o sentido como algo estático, logicamente determinado e preso a uma referência, como algo externo ao uso da linguagem, a que os falantes devessem buscar. Para impulsioná-los a aprenderem e praticarem o sentido como algo dinâmico que os falantes atribuem a partir das mais diversas finalidades com que usam a linguagem. Eis a saída do apanha-moscas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 4. ed. Trad. Marcos Montagnoli; ver. Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005. (Coleção pensamento humano).
- _____. **Investigações Filosóficas**. 2. ed. Trad. M. S. Lourenço; Introd. Tiago de Oliveira. Lisboa: Fundação Calouste Glubenkian, 1995.
- _____. **Tractus Logico-Philosophicus**. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertand Russell]. – 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. **Tratado Lógico-Filosófico**. 2. ed. Trad. M. S. Lourenço; Introd. Tiago de Oliveira. Lisboa: Fundação Calouste Glubenkian, 1995.
- ABRAMOVICH, Leia Schacher. **Ludwig Wittgenstein e a teoria da literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Filosofia, 88)
- ANSCOMBE, G. E. M. **An Introduction to Wittgenstein's Tractatus – Themes in the Philosophy of Wittgenstein**. London: Hutchinson, 1971. St. Augustine's press.
- CABRERA, Júlio. **Margens da filosofia da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2003.
- COSTA, Cláudio Ferreira. **A linguagem factual**. Rio de Janeiro: Edição Tempo Brasileiro, 1996. (Biblioteca Tempo Universitário, 98).
- EDMONDS, David & EIDINOW, John. **O atiçador de Wittgenstein: a história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos**. Trad. Pedro Jorgensen Júnior. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FAUSTINO, Silva. **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GARGANI, Aldo G. **Introduzione a Wittgenstein**. Roma-Bari: Editore Laterza, 2005. Undecima edizione.(I FILOSOFI, 17).
- GIANNOTTI, J.A. **A apresentação do mundo: considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1995
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Trad. de Helena Martins; e rev. técnica de Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Dicionário de Filosofia). ISBN 85-7110-440-9.
- GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Trad. Milton Camargo Mota; ver. Adriana Cristina Bairrada. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**. Trad. João Vergílio Galleenari Cuter. – São Paulo: Editora UNESP, 2000. - (Coleção grandes filósofos)

HINTIKKA, Jaakko & HINTIKKA, Merrill. **Uma investigação sobre Wittgenstein.** Trad. Enid Abreu Doberanszks. Campinas: Papirus, 1994.

LUGG, Andrew. **Wittgenstein's 'Investigations'1-133: A Guide and interpretation.** London: Routledge, 2000. ix, 214 p.

MORENO, Arley. **Os labirintos da Linguagem: ensaio introdutório.** – São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora Universidade de Campinas, 2000. – (Coleção Logos)

PENHA, João da. **Wittgenstein.** São Paulo: Editora Ática, 1995. (Série Princípios, 249).

PERISSINOTTO, Luigi. **Wittgenstein.** Abano Terme (Padova): Francisci Editore, 1985.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: Análise do Tractatus.** São Paulo: Loyola, 1998.

SCHMITZ, François. **Wittgenstein.** Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

SPANIOL, Werner. **Filosofia e método no segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento.** São Paulo: Edições Loyola, 1989. (coleção filosofia).

SUÁREZ, Alfonso García. **La Lógica de la Experiencia – Wittgenstein y el problema del lenguaje privado.** Madrid: Editorial Tecnos, 1976.

THORTON, Tim. **Wittgenstein: sobre linguagem e pensamento.** Trad. Alessandra Siedschlog Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2007.

WALLNER, Friedrich. **A obra filosófica de Wittgenstein como unidade: Reflexões e exercícios em relação a uma nova concepção de filosofia.** Trad. Álvaro Alfredo Bragança Júnior & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 106 p.

ZILES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein.** Porto Alegre: Edipucrs, 1991.

GIANOTTI, José Artur. **Breves considerações sobre o método de Wittgenstein.** In: *Manuscrito*. 10, n 2 (1987), PP. 77-89.

GROLLI, Ivonei Fabiano. A idéia de filosofia nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. **Revista Filosofazer.** a. IX, n. 16, pp. 84-100, jan. 2000. Semestral. ISSN 1413-4675.

MARQUES, António. **A crise da linguagem representacionalista.** In: Revista portuguesa de filosofia. 58 n 3 (2002), pp. 533-547.

NAVIA, Ricardo J. El argumento del lenguaje privado en Wittgenstein y algunas de sus repercusiones filosóficas. **Revista Educação e Filosofia.** Uberlândia, v. 13, n. 26, pp. 21-32, Jul./dez. 1999. Semestral. ISSN 0102-6801.

SPANIOL, Werner. **Formas de vida: significado e função no pensamento de Wittgenstein.** In: Síntese. 17, n 51 (1990), pp. 11-31.